



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E CONSERVAÇÃO DO
PATRIMÔNIO

KARLLA ANDRÊSSA SOARES

**CARACTERIZAÇÃO DO(S) GRUPO(S) CERAMISTA(S) DA ENSEADA
DE JERICOACOARA, EXTREMO LITORAL NOROESTE DO ESTADO
DO CEARÁ: subsídios tecnológicos, crono-estratigráficos e etno-históricos**

Recife

2012

KARLLA ANDRÊSSA SOARES

**CARACTERIZAÇÃO DO(S) GRUPO(S) CERAMISTA(S) DA ENSEADA DE
JERICOACOARA, EXTREMO LITORAL NOROESTE DO ESTADO DO CEARÁ:
subsídios tecnológicos, crono-estratigráficos e etno-históricos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural no Nordeste

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros

Coorientadora: Profa. Dra. Cláudia Alves Oliveira

Recife
2012

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S676c Soares, Karlla Andrêssa.

Caracterização do(os) grupo(os) ceramista(as) da Enseada de Jericoacoara, extremo litoral nordeste do Estado do Ceará : subsídios tecnológicos crono-estratigráficos e etno-históricos / Andrêssa Karlla Soares. – 2012

122 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2011.

Inclui referências e anexos.

1. Arqueologia. 2. Etnoarqueologia. 3. Ceramistas. 4. Arqueologia litorânea. 5. Grupos ceramistas. 6. Perfil cerâmico. 7. Reocupação do espaço. I. Medeiros, Ricardo Pinto de (Orientador). II. Título.

930.1 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-011)

KARLLA ANDRÊSSA SOARES

**CARACTERIZAÇÃO DO(S) GRUPO(S) CERAMISTA(S) DA ENSEADA DE
JERICOACOARA, EXTREMO LITORAL NOROESTE DO ESTADO DO CEARÁ:
subsídios tecnológicos, crono-estratigráficos e etno-históricos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Aprovada em: 30/01/2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Viviane Maria Cavalcanti de Castro (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Ana Paula de Paula Loures de Oliveira (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Ouro Preto

Aos Tremembé de todos os tempos e lugares.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Ricardo Pinto de Medeiros, orientador, por assumir os desafios de construção desta pesquisa desde a proposta inicial. Agradeço também pela paciência, atenção, dedicação, solicitude e pelas discussões, sempre instigadoras, que geraram inestimáveis contribuições a este trabalho.

À professora Cláudia Oliveira, co-orientadora, pelas leituras e discussões oportunizadas ao longo dos últimos dois anos.

À arqueóloga Verônica Viana pelos esforços empreendidos na formação de novos arqueólogos no estado do Ceará, contexto no qual se deu a minha primeira oportunidade de contato com a Arqueologia.

Ao professor Henry Lavalle agradeço pela realização das medidas necessárias ao esboço de uma cronologia relativa para um sítio de superfície, bem como pela clareza na discussão dos limites e alcances de cada um das respostas obtidas.

A Sérgio Santana, do DEN-UFPE, pela participação durante os trabalhos realizados em Jericoacoara em 2010, quando orientou coletas de amostras para datação por TL e LOE.

À Cibele Nascimento, a Daniel Luna, a Igor Pedroza, a Leandro Sousa, à Luci Danielli e a Nilo Nobre agradeço pelas experiências que compartilhamos em campo ao longo dos últimos anos.

À Beatriz Paiva, à Ledja Leite, à Lívia Blandina e à Mônica Nogueira pelo companheirismo e pelas discussões durante as disciplinas cursadas no mestrado.

A João Moreira, à Kélvia Souza, à Renata Dantas e à Bianca Freires, estudantes de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE), pelas contribuições durante as atividades de campo realizadas entre junho e setembro de 2010 em Jericoacoara.

À Beatriz Paiva e à Mônica Nogueira pelos ensinamentos sobre análise cerâmica.

À Aliane Oliveira, Angélica Borges, Carolina Sá, Ilka Peixoto e Tainã Alcântara pelo apoio e pelo companheirismo durante a minha permanência no NEA-UFPE.

A João Bosco Alexandre e a Francisco Pinto, agradeço por todos os caminhos trilhados.

À Sra. Luzia, ao Sr. José e à pequena Jamile por nos receberem e hospedarem tão bem em Jericoacoara.

A José Arteiro Goiano, tio, pelo apoio e pelo carinho de sempre.

Aos meus pais, Carlos e Souzeni Soares, por me amarem e apoiarem incondicionalmente e por compreenderem as minhas ausências.

À Companhia de Água e Esgoto do Estado do Ceará (CAGECE) que, em cumprimento à legislação, financiou a primeira fase de pesquisas em Jericoacoara.

RESUMO

Os antecedentes de pesquisa arqueológica no litoral do Nordeste revelam a recorrência de situações em que ocupações relativamente recentes sobrepuseram-se a ocupações pré-históricas. Nos sítios de superfície, a verificação de reocupações tem sido dada por meio da caracterização dos artefatos, sob o princípio de que as escolhas tecnológicas realizadas dentro de um mesmo grupo geram conjuntos artefatuais com características semelhantes. Associada aos referidos antecedentes, a identificação do sítio do Serrote I na enseada de Jericoacoara levou à formulação de problema relacionado às possíveis causas da variabilidade artefactual intra-sítio observada em condições predominantemente não-estratificadas. Consideramos a hipótese de que tal variação fosse resultado de ocupações sucessivas em uma mesma área, as quais não teriam resultado em um registro estratificado por conta da especificidade da formação do registro arqueológico em ambientes eólicos, com predomínio erosivo. Consideramos, ainda, a hipótese de que a referida reocupação estivesse associada aos grupos Tremembé cuja presença na área relacionada à enseada de Jericoacoara é referida pela crônica seiscentista, conforme os antecedentes etno-históricos levantados. Para verificar tais hipóteses, lançamos mão de análise cerâmica com o fim de caracterizar o perfil cerâmico do sítio. Além disso, produzimos dados crono-estratigráficos que pudessem contribuir para a datação do processo de ocupação do sítio do Serrote I.

Palavras-chave: Grupos Ceramistas. Perfil Cerâmico. Arqueologia Litorânea. Reocupação do Espaço.

ABSTRACT

The history of archaeological research in the Northeast coast reveal the recurrence of situations in which relatively recent occupations overlapped with prehistoric occupation. On surface sites, reoccupations are perceived by the characterization of artifacts, on the principle that technology choices made within the same group generate artifact sets with similar characteristics. Linked to this background, the identification of the site Serrote I at the inlet of Jericoacoara led to the formulation of the problem related to the possible causes of artifactual intra-site variability observed in predominantly non-stratified conditions. We consider the hypothesis that such variation was the result of successive occupation in the same area, which wouldn't have resulted in a stratified record due to the specificity of the formation of the archaeological record in windy environments, predominantly erosive. Furthermore, we believe the hypothesis that this reoccupation was associated Tremembé groups whose presence in the area related to the bay of Jericoacoara is referred to by the seventeenth century's chroniclers, according to the ethno-historical antecedents raised. To verify these hypotheses, we use ceramic analysis in order to characterize the ceramic profile of the site. In addition, we produce chrono-stratigraphic data that could contribute to the dating of the process of occupying the site Serrote I.

Keywords: Ceramic Groups. Ceramic Profile. Coastal Archaeology. Reoccupation of Space.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1- Apêndices característicos das vasilhas associadas à Fase Papeba | 23 |
| Figura 2 - Carta representativa da Província dos Taramembé de Guerra | 38 |
| Figura 3 - Localização dos sítios arqueológicos identificados em Jericoacoara | 51 |
| Figura 4 - Ênfase nas concentrações contidas no Sítio do Serrote I | 52 |
| Figura 5 - Representação gráfica da Trincheira 1, bem como da área escavada, até o presente momento, no sítio do Serrote I | 60 |
| Figura 6 - Representação gráfica do perfil norte da quadrícula 41 E a 1,60 m de profundidade | 62 |
| Figura 7 - Curvas ilustrativas representando que, sob as mesmas condições de dose anual de radiação, a altura do pico é diretamente proporcional à idade da amostra | 75 |
| Figura 8 - Representação gráfica do universo de fragmentos analisados | 76 |
| Figura 9 - Representação gráfica do percentual de cada um dos <i>tipos cerâmicos</i> no conjunto da Concentração 1 do sítio do Serrote I | 89 |

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | |
|---|----|
| Fotografia 1 - Vista do sítio Seu Bode, situado no litoral do Piauí | 28 |
| Fotografia 2 - Vista de uma duna nas proximidades do sítio Seu Bode | 29 |
| Fotografia 3 - Vista do Lago Camurupim a partir de uma duna que margeia o sítio Seu Bode | 29 |
| Fotografia 4 - Concentração de fragmentos cerâmicos apresentando características distintas jazendo sobre uma mesma superfície do sítio Seu Bode- litoral do Piauí | 30 |
| Fotografia 5 - Material lítico polido contido na Concentração 1 do sítio do Serrote I | 52 |
| Fotografia 6 - Material lítico polido contido na Concentração 1 do sítio do Serrote I | 52 |
| Fotografia 7 - Material malacológico (valva de ostra) contido na Concentração 1 do sítio do Serrote I | 52 |
| Fotografia 8 - Material lítico lascado contido na Concentração 1 do sítio do Serrote I | 52 |
| Fotografia 9 - Feição deposicional sul (A) e erosiva (B) na Concentração 1 do Sítio do Serrote I..... | 53 |
| Fotografia 10 - Camada escurecida visualizável no perfil natural da feição deposicional a sul do corredor eólico, vista a partir da margem oposta do corredor | 55 |
| Fotografia 11 - Nível da camada de ocupação evidenciada durante escavações na quadrícula 39 L (da feição deposicional norte da Concentração 1) em relação ao nível da superfície do corredor eólico (canto superior direito da foto) | 56 |
| Fotografia 12 - Coletas sistemáticas de superfície na área do corredor eólico da Concentração 1 do sítio do Serrote I | 57 |
| Fotografia 13- Coletas sistemáticas de superfície na área do corredor eólico da Concentração 1 do sítio do Serrote I..... | 58 |
| Fotografia 14- Área deposicional (B) e erosiva (C) que foram, respectivamente, alvo de escavações e coletas de superfície..... | 59 |
| Fotografia 15- Cerâmica e carvão identificados durante escavações na feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I | 63 |
| Fotografia 16- Cerâmica e carvão identificados durante escavações na feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I (detalhe da foto anterior) | 64 |

| | |
|---|----|
| Fotografia 17 - Fogueira identificada durante a escavação da Quadrícula 39 L- Feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I | 65 |
| Fotografia 18 - Fogueira identificada durante a escavação da Quadrícula 39 L- Feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I..... | 66 |
| Fotografia 19 - Fragmentos cerâmicos representativos da Pasta 1 | 78 |
| Fotografia 20 - Fragmento cerâmico representativo da Pasta 2 | 78 |
| Fotografia 21 - Fragmentos cerâmicos representativos da Pasta 3 | 79 |
| Fotografia 22 - Fragmentos cerâmicos representativos da Pasta 4 | 79 |
| Fotografia 23 - Lâmina 1\ Lâmina petrográfica representativa da Pasta 1 | 80 |
| Fotografia 24 - Lâmina 2\ Lâmina petrográfica representativa da Pasta 2 | 81 |
| Fotografia 25 - Lâmina 3\ Lâmina petrográfica representativa da Pasta 3..... | 82 |
| Fotografia 26 - Lâmina 4\ Lâmina petrográfica representativa da Pasta 4 | 82 |
| Fotografia 27- Fragmento cerâmico representativos da Pasta 4 apresentando decoração incisa em <i>zig zag</i> restrita à parte interna da borda | 85 |
| Fotografia 28 - Fragmento cerâmico apresentando decoração incisa em <i>zig zag</i> restrita à parte interna da borda | 85 |
| Fotografia 29 - Fragmento cerâmico apresentando decoração incisa em <i>zig zag</i> restrita à parte interna da borda | 85 |
| Fotografia 30 - Fragmentos de pasta 1 a partir dos quais se reconstituiu, hipoteticamente, uma forma | 86 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1- Curva representativa de sinal TL emitido a partir de uma amostra da Pasta cerâmica 1 | 87 |
| Gráfico 2- Curva representativa de sinal TL (quase nulo) emitido a partir de uma amostra da Pasta cerâmica 2 | 88 |
| Gráfico 3- Curva representativa de sinal TL emitido a partir de uma amostra da Pasta cerâmica 3 | 88 |
| Gráfico 4- Curva representativa de sinal TL emitido a partir de uma amostra da Pasta cerâmica 4 | 89 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1- Datações de fragmentos cerâmicos com características técnicas de produção da pasta distintas, coletados sobre uma mesma superfície erodida no sítio do Seu Bode, em Luís Correia - Piauí | 30 |
| Quadro 2- Critérios para a caracterização da frequência relativa entre argila e antiplástico na pasta cerâmica | 69 |
| Quadro 3- Tipos de pasta verificados na coleção cerâmica da Concentração 1 do Sítio do Serrote I | 77 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 16 |
| 2 | ALGUNS ANTECEDENTES DA PESQUISA SOBRE A OCUPAÇÃO DO LITORAL NORDESTINO..... | 21 |
| 2.1 | ANTECEDENTES DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA..... | 21 |
| 2.1.1 | Evidências de ocupações tardias sobrepostas a ocupações pré-coloniais no litoral nordestino..... | 21 |
| 2.2 | ANTECEDENTES ETNO- HISTÓRICOS..... | 31 |
| 2.2.1 | Grupos que ocupavam o litoral, em trechos atualmente compreendidos pelo Ceará, no período “proto-histórico”..... | 31 |
| 2.2.2 | A presença tremembé na enseada de Jericoacoara..... | 33 |
| 2.2.3 | A cultura material tremembé: algumas referências..... | 39 |
| 3 | REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS..... | 41 |
| 3.1 | CONCEITUAÇÃO..... | 41 |
| 3.2 | PROBLEMA E HIPÓTESES..... | 45 |
| 3.3 | OBJETIVOS..... | 47 |
| 3.4 | METODOLOGIA..... | 47 |
| 4 | INTERVENÇÕES EM CAMPO: METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS..... | 50 |
| 4.1 | APRESENTAÇÃO DO SÍTIO DO SERROTE I..... | 50 |
| 4.2 | METODOLOGIA E TÉCNICAS DAS INTERVENÇÕES EM CAMPO..... | 54 |
| 4.2.1 | A seleção da área a passar por intervenções..... | 54 |
| 4.2.2 | Levantamentos planialtimétricos..... | 56 |
| 4.2.3 | Coletas sistemáticas de superfície | 57 |
| 4.2.4 | Sondagens e escavações arqueológicas | 58 |
| 4.3 | RESULTADOS OBTIDOS..... | 61 |
| 4.3.1 | Estratigrafia e cronologia | 61 |
| 5 | ANÁLISES DE LABORATÓRIO: METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS..... | 67 |
| 5.1 | ANÁLISE CERÂMICA..... | 67 |
| 5.1.1 | Delimitação do campo de análise | 67 |
| 5.1.2 | Procedimentos analíticos | 68 |
| 5.1.2.1 | <i>Segregação das unidades</i> | 68 |

| | | |
|----------|---|------------|
| 5.1.2.2 | <i>Definição dos atributos analisados</i> | 69 |
| 5.2 | OUTRAS ANÁLISES..... | 74 |
| 5.2.1 | Cronologia relativa por meio da comparação de sinal TL | 74 |
| 5.3 | RESULTADOS DAS ANÁLISES..... | 76 |
| 5.3.1 | O universo de fragmentos | 76 |
| 5.3.2 | Caracterização das unidades cerâmicas | 77 |
| 5.3.2.1 | <i>Pasta</i> | 77 |
| 5.3.2.2 | <i>Manufatura</i> | 83 |
| 5.3.2.3 | <i>Queima</i> | 83 |
| 5.3.2.4 | <i>Tratamento de superfície</i> | 84 |
| 5.3.2.5 | <i>Forma</i> | 86 |
| 5.3.3 | Cronologia relativa por meio da comparação de sinal TL..... | 87 |
| 6 | DISCUSSÕES DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 91 |
| 6.1 | DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: UM CONFRONTO ENTRE DADOS TECNOLÓGICOS, ESTRATIGRÁFICOS E CRONOLÓGICOS OBTIDOS NA CONCENTRAÇÃO 1 DO SÍTIO DO SERROTE I..... | 91 |
| 6.2 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 95 |
| | REFERÊNCIAS..... | 98 |
| | ANEXO A – FORMAS RECONSTITUÍDAS | 104 |
| | ANEXO B - PLANO TOPOGRÁFICO - <i>CONCENTRAÇÃO 1 DO SÍTIO DO SERROTE I</i>..... | 121 |

1 INTRODUÇÃO

Entre os anos de 2005 e 2007, foram iniciados estudos arqueológicos em áreas de Jericoacoara, distrito do município de Jijoca de Jericoacoara- Ceará- que fica localizado no litoral noroeste do estado, a 290 km de Fortaleza. Os referidos estudos foram realizados como parte dos programas de prospecção e resgate que, em cumprimento à lei federal 3924/1961 e à portaria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) /Ministério da Cultura (MinC) nº 230/2002, antecederam a instalação do sistema de esgotamento sanitário da vila de Jericoacoara. A lei e a portaria citadas preveem a necessidade de estudos arqueológicos antecedendo a execução de determinados empreendimentos. A pesquisa em questão foi, portanto, financiada pela Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE), contando com a coordenação da arqueóloga Verônica Viana.

Ao momento da realização destes estudos, a pesquisa arqueológica no estado do Ceará era incipiente, quadro que, apenas quatro anos depois, em 2011, ainda não pode contar com alterações significativas. No entanto, durante atividades de reconhecimento realizadas desde 2008 em áreas destinadas a empreendimentos geradores de energia eólica foram identificados importantes sítios arqueológicos ao longo de todo o litoral compreendido pelo atual Ceará, confirmando as expectativas esboçadas, na década de 1990, pelos resultados preliminares do Projeto Litoral no litoral oeste do estado do Ceará. O Projeto Litoral foi um programa de pesquisas que, sob o financiamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e coordenação da arqueóloga Miriam Cazzeta, teve o objetivo de mapear os vestígios de grupos pré-históricos que tivessem transitado ou se assentado em trechos do litoral atualmente compreendido pelo território cearense.

Os sítios identificados em Jericoacoara (sítios Malhada, Serrote I, Serrote II e Serrote III) contêm vestígios e estruturas de fogueira situadas em bases de depressões em forma de ‘corredores’ ou ‘caldeiras’ formadas pela erosão eólica. Além destas concentrações arqueológicas de superfície, alguns dos sítios em questão contam com feições consolidadas com potencial arqueológico de subsuperfície. Composto as concentrações destes sítios, há fragmentos cerâmicos, fogueiras, materiais líticos lascados e polidos, além de materiais malacológicos que se constituem como prováveis restos alimentares.

As primeiras intervenções de campo em Jericoacoara foram orientadas pelos princípios de uma arqueologia não invasiva, sobretudo porque a natureza dos sítios em ambientes de intensa dinâmica na costa cearense implicava na necessidade de planejamento de técnicas e métodos arqueológicos específicos para a intervenção naquelas áreas (Viana; Soares; Souza, 2007, p. 185). Apenas entre os meses de agosto e setembro de 2011, como parte das estratégias da pesquisa que ora apresentamos, foram realizadas intervenções de subsuperfície e coleta sistemática de superfície em uma das concentrações do sítio do Serrote I. A contenção na delimitação da área a passar por intervenções, escolhendo-se apenas uma concentração de um único sítio, ainda é reflexo das primeiras orientações, não invasivas, para as intervenções arqueológicas em Jericoacoara, além de também ser condizente com o tempo e o recurso disponíveis.

Estas intervenções estiveram aliadas ao objetivo de verificar a hipótese de reaproveitamento do espaço na área da enseada de Jericoacoara em períodos sucessivos.

A hipótese de reaproveitamento do espaço através de uma reocupação realizada em período mais recente foi formulada com base nos antecedentes arqueológicos e etno-históricos de que tomamos conhecimento a através do levantamento do histórico de pesquisas no litoral do Nordeste.

Durante este levantamento, percebemos, entre os dados acerca dos processos de ocupação deste ambiente, a recorrência de situações em que grupos temporalmente relacionados a ocupações médias e tardias reocuparam os locais antes ocupados por populações pré-coloniais. Tais situações ocorrem tanto em sítios de superfície como naqueles que possuem registro estratificado.

Em alguns trabalhos sobre o litoral nordestino (Silva, 2003; Medeiros, 2005; Borges, 2004, 2006), os quais serão apresentados no Capítulo II deste trabalho, a variabilidade artefactual intra-sítio é considerada indício de diferentes ocupações mesmo quando observada em um mesmo nível topográfico, dada à possibilidade de mistura causada por eventos pós-deposicionais. No litoral do Rio Grande do Norte, percebemos a recorrência de ocupações relacionadas à chamada tradição ceramista tupiguarani sobrepostas a ocupações relacionadas a grupos relacionados à fase papeba. No caso do Piauí, apesar da identificação de, pelo menos, três conjuntos cerâmicos

com características técnicas distintas, não houve a associação de nenhum destes a uma tradição ceramista previamente estabelecida.

Ainda como parte dos levantamentos sobre antecedentes de pesquisa na área, os levantamentos etno-históricos sobre a área relacionada à enseada de Jericoacoara, demonstraram a presença tremembé naquelas cercanias durante, pelo menos, os três primeiros quartéis do século XVII.

Aliada aos referidos antecedentes de pesquisa, a identificação de sítios arqueológicos em Jericoacoara levou-nos a deparar uma situação em que a busca de explicação para a variabilidade artefactual observada em condições predominantemente não estratificadas fundamentou a formulação de problemas e hipóteses que consideraram a possibilidade de processos de formação em que os remanescentes arqueológicos de diferentes ocupações tenham gerado um palimpsesto (sítio em que mais de um componente cultural assenta-se em superfície).

Neste caso, consideramos também a hipótese de que uma ocupação tardia estivesse associada aos grupos Tremembé, cuja presença no litoral cearense, e especificamente na área relacionada à enseada de Jericoacoara, é referida em fontes etno-históricas.

Nos casos de sítios em que os eventos de ocupação e reocupação não geraram um registro estratificado, mas sim um palimpsesto, a caracterização do conjunto artefactual tem sido um meio utilizado para efetuar a diferenciação de diferentes ocupações através da caracterização da cultura material, partindo-se do princípio de que *as diferenças étnicas ficam marcadas no inventário material dos grupos humanos* (MEDEIROS, 2005, p. 94). Tal diferenciação também seria possível através de indícios da mudança no padrão de utilização do sítio (Medeiros, 2005, passim).

O fato de o sítio do Serrote I estar localizado em uma área na qual coexistem feições deposicionais e erosivas demonstrou a possibilidade de realizarmos um estudo que aliasse o estabelecimento de um perfil cerâmico através dos artefatos coletados no corredor eólico (feição erosiva) e a análise estratigráfica através de escavações que deveriam ser realizadas em feições deposicionais às margens do referido corredor. A seleção da área a passar por escavações esteve, portanto, em consonância com o objetivo geral de contribuir para a compreensão de aspectos relacionados ao processo de ocupação da enseada de Jericoacoara, e com os seguintes objetivos específicos: caracterizar a coleção cerâmica do sítio do Serrote I; estabelecer, através

de métodos de datação absoluta e relativa, indicativos cronológicos para o processo de ocupação da área relacionada à enseada de Jericoacoara.

A caracterização do conjunto artefactual da Concentração 1 sítio do Serrote I e a obtenção de indicativos cronológicos relativos e absolutos para a ocupação da enseada de Jericoacoara foram alguns dos princípios técnicos e metodológicos envolvidos na pesquisa ora apresentada. Assim, pudemos dispor de subsídios ao estudo de uma área muitas vezes considerada de pouca relevância arqueológica por conta da intensa dinâmica a que está sujeita.

Ao longo de dois tópicos do Capítulo II apresentaremos os antecedentes da pesquisa arqueológica, bem como das referências etno-históricas que vieram a embasar a formulação do problema e da hipótese desta pesquisa.

No Capítulo III serão tratados conceitos que compõem a linguagem teórica no seio do qual formulamos a problemática inicial da pesquisa, além de outros considerados basilares às discussões propostas. Neste mesmo capítulo serão apresentados os principais pressupostos envolvidos na formulação do problema e da hipótese, as motivações teóricas das escolhas metodológicas para produção de dados, bem como os objetivos e a metodologia da pesquisa.

O Capítulo IV oferece uma visão integrada dos resultados obtidos durante escavações arqueológicas realizadas na planície costeira de Jericoacoara, apresentando a análise estratigráfica em meio a discussões sobre os resultados das escavações realizadas na feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I. Este capítulo também traz o resultado de uma datação radiocarbônica obtida para a planície costeira de Jericoacoara, a qual foi preliminarmente associada ao início da ocupação do sítio do Serrote I.

Ainda no que diz respeito à cronologia, juntamente com resultados das análises cerâmicas, o Capítulo V traz um ensaio de cronologia relativa para a Concentração do sítio do Serrote I a partir da análise comparativa de sinal luminescente acumulado, abrindo caminho para a inserção temporal dos dados obtidos nas análises dos artefatos geralmente desprovidos de contexto estratigráfico e cronológico. A tônica do quinto capítulo, vale ressaltar, é a apresentação dos procedimentos técnicos e metodológicos envolvidos na análise cerâmica, bem como os resultados obtidos a partir desta análise.

Na primeira parte do Capítulo VI (tópico 6.1), dedicado à discussão dos resultados, confrontaremos os dados obtidos e analisaremos o seu potencial em verificar a validade das hipóteses estabelecidas ao início da pesquisa enquanto possíveis respostas ao problema formulado. Na segunda parte do Capítulo VI (tópico 6.2), dedicado às considerações finais, apresentaremos perspectivas para a continuidade das pesquisas arqueológicas na área da planície costeira de Jericoacoara.

2 ALGUNS ANTECEDENTES DA PESQUISA SOBRE A OCUPAÇÃO DO LITORAL NORDESTINO

2.1 ANTECEDENTES DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Ao longo deste capítulo, buscaremos demonstrar evidências de reocupação do espaço em trechos costeiros do nordeste do Brasil. Trataremos de evidências de sobreposição de ocupações em trechos costeiros dos estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, dada à relação de proximidade que mantêm com a área envolvida nesta pesquisa específica.

2.1.1 Evidências de ocupações tardias sobrepostas a ocupações pré-coloniais no litoral nordestino

O litoral do Rio Grande do Norte: A fase Papeba foi inicialmente identificada durante escavações realizadas por Antônio Nasser no sítio Papeba, no litoral sul do Rio Grande Norte. Os vestígios que levaram ao estabelecimento desta fase estavam em camadas inferiores em relação ao nível onde se encontravam vestígios que foram associados à fase Curimataú, subtradição Pintada da tradição Tupiguarani¹, estes últimos em superfície. O referido sítio arqueológico estava situado em uma colina a 250 m da lagoa de Guaraíras, no município de Senador Georgino, ocupando

uma área de 18.400 m² com cinco manchas de terra escura (30x20m), em forma de ferradura e abertura para o sudeste. A escavação desse sítio evidenciou vestígios arqueológicos (cerâmica, lítico, espinhas de peixe, conchas de moluscos) correspondentes a duas ocupações de diferentes grupos: nos níveis inferiores, a fase Papeba, que seria mais antiga; na superfície, a fase Curimataú, da tradição Tupiguarani (OLIVEIRA, 2000, p. 80).

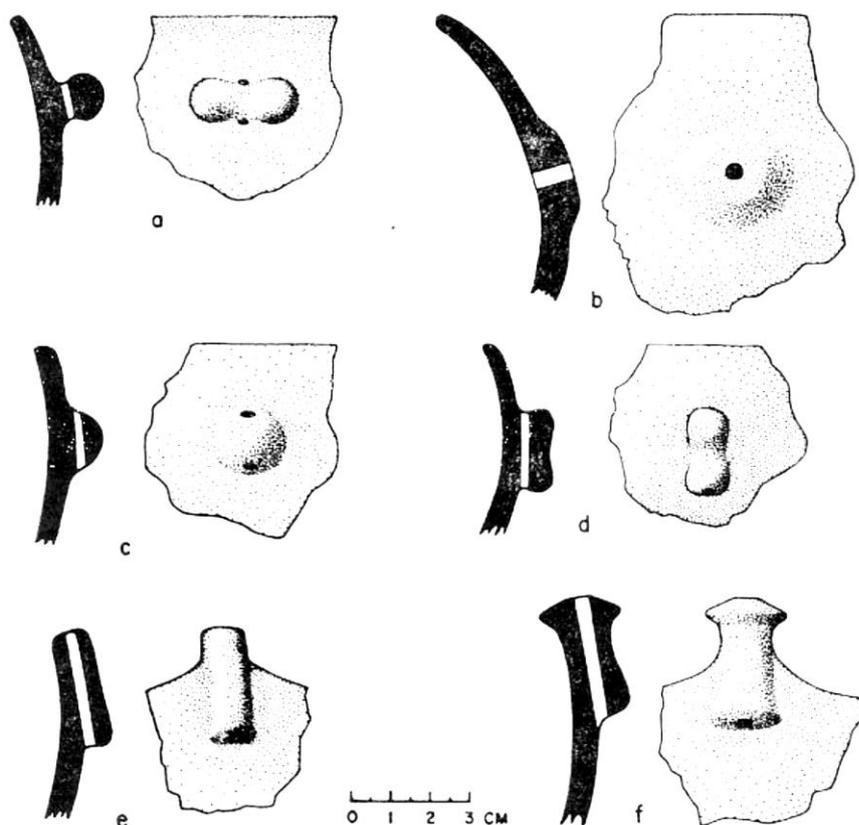
¹ Apesar das referências estratigráficas sobre a sobreposição das ocupações por grupos da fase Curimataú e da fase Papeba, Nasser (1974) trata de uma possível contemporaneidade e contato entre os grupos destas fases, já que em alguns sítios da fase Curimataú foram coletados fragmentos identificados como sendo da fase Papeba. De acordo com Nasser (1974), o aparecimento de grupos da fase Curimataú implicou em algumas modificações na cerâmica da fase Papeba, entre estas o engrossamento das paredes dos vasilhames. À luz de estudos sobre caracterização de sítios arqueológicos situados no litoral setentrional e oriental do Rio Grande do Norte (SILVA, 2003; ALBUQUERQUE, 2005), consideramos que a coexistência de cerâmicas associadas a distintas fases sobre uma mesma superfície deve ser pensada também sob a perspectiva da possível mistura causada por processos pós-depositivos.

Até o presente momento, a localização de cerâmicas identificadas como sendo da fase Papeba está restrita ao litoral norte-rio-grandense e a sítios nas áreas de formações dunares (LUNA, 2001, p. 26). Dentre as características gerais do material cerâmico associado a esta fase estão a pasta caracterizada pela composição de areia fina (OLIVEIRA, 2000) e boa distribuição do aditivo (LUNA, 2001), o que denota um bom preparo desta pasta a partir de sua devida mistura. Entre as técnicas de manufatura, há o acordelamento e o modelamento (OLIVEIRA, 2000); a queima é incompleta (OLIVEIRA, 2000; LUNA, 2001). A espessura das paredes varia entre 1 e 2 cm. O tamanho dos vasilhames é relativamente reduzido, com diâmetro médio entre 12 e 34 cm, boca circular e constricta. As bordas são diretas, sendo extrovertidas ou introvertidas; os lábios são planos, arredondados ou biselados (OLIVEIRA, 2000). As formas das vasilhas são esféricas e em meia esfera², com bases arredondadas e planas (OLIVEIRA, 2000). O tratamento de superfície dá-se por meio do alisamento, do engobo e do banho vermelho (LUNA, 2001; OLIVEIRA, 2000).

Nas vasilhas, ocorrem apêndices verticalmente vazados e pequenas perfurações circulares nas paredes, os quais parecem ter servido à função de permitir a passagem de um cordão para suspender o recipiente (OLIVEIRA, 2000; LUNA, 2001). OLIVEIRA (2000) percebeu uma recorrência destas perfurações circulares nas vasilhas pintadas de vermelho.

² LUNA (2001) refere-se à existência de formas ovóides entre as vasilhas da fase Papeba.

Figura 1- Apêndices característicos das vasilhas associadas à Fase Papeba



Fonte: (NASSER, 1974).

A fase Curimataú, à qual foi relacionado o componente mais recente do sítio acima descrito, foi inicialmente estabelecida para denominar um conjunto cerâmico identificado na Bacia do rio Curimataú, entre vila Flor e Serra de São Bento, também no estado do Rio Grande do Norte. Os sítios arqueológicos relacionados a esta fase são caracterizados por sítios-habitação com formatos aproximadamente circulares ou elípticos, em áreas de mata, a céu aberto, e por sítios-cemitério, situados em meia encosta e em áreas planas nas terras baixas, ocupando áreas de 80 até 9600m² (NASSER, 1971 *apud* OLIVEIRA, 2000, p. 71).

Oliveira (2000) informa sobre indicativos de que a fase Curimataú seja contemporânea à fase Itapicuru da Bahia. As datações absolutas das fases Umuarama (da subtradição Pintada), no Paraná, e Itapicuru (da subtradição Pintada), na Bahia, são, respectivamente, 570 +- 150 AD e 1270 +- 130 AD. O decréscimo de sul para norte que estas datas indicam, sugeriria uma origem não regional para a fase Curimataú e, por conseguinte, tomando-se a possibilidade de uma migração pela faixa costeira, a fase Curimataú teria uma data relativa próxima àquela obtida

para a fase Itapicuru (aproximadamente 1270 +- 130 AD) (NASSER, 1971 *apud* OLIVEIRA, 2000). Brochado situa a onda migratória relacionada à chegada da tradição tupi-guarani ao nordeste no período entre 900 e 1300 AD, o que é corroborado pela datação de 1270 +- 150 AD para a fase Itapicuru da Bahia, considerada, como vimos, como sendo uma data extensiva à fase Curimataú.

A cerâmica associada à fase Curimataú apresenta pasta com cacos triturados, bolos de argila e grãos angulosos e subangulosos de quartzo medindo até 3 mm, além de feldspato e hematita. Entre as técnicas de manufatura, há o acordelamento e o modelamento; a queima é incompleta. Algumas vasilhas possuem espessura de parede de até 4,5 cm. Em menor quantidade, há cerâmica de paredes delgadas, as quais, geralmente, possuem antiplástico de areia fina e tratamento de superfície por meio de polimento e banho vermelho. Na decoração aparecem pinturas, em duas tonalidades de vermelho e em preto, sobre engobo branco. A aplicação da decoração pintada costuma partir da borda ou da face externa ao lábio, geralmente no interior das vasilhas, com motivos lineares ou curvilíneos, além de desenhos abstratos. A decoração plástica mais freqüente é o entalhe na borda, que está associado à borda direta com lábio arredondado e forma plano-circular ou elipsóide. As bordas são diretas, extrovertidas e inclinadas interna e externamente. As bases são arredondadas, planas ou levemente cônicas. (OLIVEIRA, 2000, p.71)

Além da ocorrência de vestígios associados à fase Curimataú da tradição Tupiguarani sobrepostos a vestígios da fase isolada Papeba, verificada no sítio Papeba, evidências de reocupação do espaço também foram verificadas no sítio arqueológico Mangueiros, em Macaíba, a 61 km da cidade de Natal.

Ali, foi coletada uma amostra de superfície que se mostrava relativamente homogênea. A cerâmica identificada naquele local foi agrupada sob a designação de fase Potengi e, pelas descrições do pesquisador Nasser, a cerâmica a ela relacionada poderia ter sido incluída na fase Curimataú, inicialmente estabelecida para denominar um conjunto cerâmico identificado na Bacia do rio Curimataú, entre Vila Flor e Serra de São Bento, também no estado do Rio Grande do Norte (LAROCHE E LAROCHE, 1982, p. 17; OLIVEIRA, 2000).

Durante sondagens realizadas naquele mesmo sítio, um conjunto cerâmico com características peculiares foi identificado em subsuperfície, cognominado fase Macaíba e considerado

semelhante à fase Papeba. A fase Papeba foi descrita por Nasser (1974), com cronologia fixada no século XIII. De acordo com Laroche e Laroche (1982, p.24), as datações obtidas para o Sítio Mangueiros (a primeira de 738 anos BP e a segunda de 811 anos BP) são correlatas às idades divulgadas por Nasser para a cronologia da Fase Papeba.

Para Laroche e Laroche (1982), o conjunto de subsuperfície do sítio arqueológico Mangueiros apresentava características tanto da fase Potengi como da fase Papeba, o que, para o pesquisador, sugeria que este fosse resultante de contato interétnico.

O tempero, as formas, bordas e lábios, pertencem a essa última fase [refere-se à fase Papeba], evidências ainda reforçadas pela espessura das paredes e dimensões dos vasilhames. O tratamento das superfícies ata-se à fase Potengi. Notam-se também algumas bordas com incisões dispostas em linhas (unguladas). O engobio, de cor branca ou avinhado, é de pouca espessura, ou seja 3mm, quando não se apresenta como um singelo filme, que frequentemente pode ser confundido com um banho. (...) Essa cerâmica foi cognominada de fase Macaíba (LAROCHÉ; LAROCHÉ, 1982, p. 18).

Laroche e Laroche (1982) interpretam o testemunho estratificado do Sítio Mangueiros como sendo resultado de um período de contato interétnico seguido pela permanência/ predomínio de apenas um dos dois grupos.

Podemos afirmar, sem extrapolar, que ao período de contacto sucedeu uma época de predomínio do grupo cerâmico que deixou seus vestígios na superfície do solo, seja a fase Potengi (esta parece integrar-se no grupo Curimataú, já descrito pelo Prof. Antônio Nasser de Souza Nássaro, que a identificou como sendo provavelmente de origem Tupi) (LAROCHÉ; LAROCHÉ, 1982, p. 23).

A costa do Rio Grande do Norte é considerada, ao lado do Sudeste do Piauí, uma importante área de estudos sobre grupos ceramistas no Nordeste do Brasil. As pesquisas nessa região foram iniciadas na década de 1960 com os mencionados trabalhos de Nasser (1967, 1971, 1974), realizados como parte do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA).

Na década de 1990, o projeto *O Homem das Dunas* (ALBUQUERQUE; WALNER, 1994), realizado pelo Laboratório de Arqueologia (LARQ) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com o objetivo de mapear sítios no ambiente litorâneo, retomou as pesquisas arqueológicas na região costeira do Rio Grande do Norte. Na primeira fase dos estudos realizados como parte deste projeto, entre 1994 e 1995, foram localizados dezesseis (16) sítios com vestígios cerâmicos; em dez (10) destes sítios, foram realizadas coletas de fragmentos

cerâmicos que estavam em superfície e possuíam características técnicas que, já à primeira vista, permitiam a sua segregação em dois grandes conjuntos: um destes era formado por fragmentos que podiam ser considerados pertencentes à tradição tecnológica Tupiguarani e o outro, a princípio, não podia ser associado a nenhuma tradição conhecida (LUNA; NASCIMENTO, 1997, p. 20-23).

Assim, as atividades realizadas na década de 1990 reiteraram informações obtidas ao longo das pesquisas do Pronapa, no que diz respeito a evidências de processos de reocupação do espaço. Martin (1997) menciona que, de modo geral, parece comum a ocorrência de dois tipos de cerâmica nos sítios arqueológicos das dunas do Rio Grande do Norte. A mesma autora complementa que

Sendo utilizados os conceitos de **unidades** e **conjuntos** foram assinaladas as distinções entre uma cerâmica filiada à tradição Tupiguarani (subtradição pintada) e outra cerâmica de filiação local, porém de uma tradição indeterminada. Seja do ponto de vista da tecnologia ou da distribuição espacial, a *indústria cerâmica* apresentaria, nestes sítios, duas grandes **unidades** diferentes e um único complexo lítico. Nestes sítios foram registrados também fusos, grandes assadores e fragmentos de alças (ALBUQUERQUE, SPENCER, 1994; LUNA, 1997) (MARTIN, 1997 *apud* OLIVEIRA, 2000, p. 74).

Ao se referir às atividades do Projeto Dunas no litoral oriental do Rio Grande do Norte, Silva (2003, p. 11-12) chama atenção para o fato de que a classificação de alguns sítios dunares da área como sendo “sítios de superfície” não foi devidamente fundamentada, já que não foram realizadas escavações, tampouco sondagens, para averiguar uma possível continuidade arqueológica em subsuperfície. Se realizadas, as sondagens poderiam ter revelado mais elementos sobre o processo de ocupação e reocupação da área, além daqueles, de natureza tecnológica, verificados através da caracterização do conjunto cerâmico em superfície.

O litoral oeste do estado do Ceará: O Projeto Litoral foi realizado nos primeiros anos da década de 1990 em trechos dos municípios de Trairi e Paraipaba, a aproximados 100 km de Fortaleza, sob coordenação da arqueóloga Miriam Cazzeta. Pode-se dizer que este projeto introduziu as pesquisas arqueológicas no estado do Ceará, tendo o objetivo de identificar vestígios de populações pré-históricas e históricas que transitaram ou se assentaram ao longo desta área (CAZZETTA, 1997).

Entre os sítios identificados durante a execução destes trabalhos, há o *sítio Boa Esperança*, localizado em uma área ampla e plana situada a aproximados 800 m de distância do rio Trairi.

Este sítio é composto por vestígios com elementos que se assemelham àqueles que caracterizam a subtradição policrômica da tradição ceramista Tupiguarani e por vestígios de cerâmica que não foi relacionada a esta ou qualquer outra tradição ou fase previamente estabelecidas.

Além dos indicativos de sobreposições de ocupações semelhantes àquelas já constatadas em alguns pontos da costa norte-rio-grandense trazidos à tona durante as pesquisas do *Projeto Litoral*, estudos recentes realizados na faixa costeira do município de Trairi também deram conta de situações semelhantes.

No início do ano de 2010, durante a fase de Diagnóstico na área destinada à instalação das *Usinas eólicas Trairi, Flecheiras I, Guajiru e Mundaú*, trechos do município de Trairi voltaram a ser alvo de atividades de reconhecimento de campo, com prospecções de superfície e subsuperfície, que visavam à identificação de evidências arqueológicas. Ao longo destes trabalhos, realizados sob a coordenação da arqueóloga Marinete Leite, foram identificados doze sítios arqueológicos, dentre os quais quatro foram considerados multicomponenciais³ por possuírem indícios de *densidade por diversidade*⁴ sob condições não-estratificadas.

Nos referidos sítios, fragmentos cerâmicos com características técnicas que os aproximam da tradição tecnológica Tupiguarani coexistem, sob uma mesma superfície, com cerâmicas indeterminadas (não-filiadas) (LEITE, 2010). Tal situação sugere uma reocupação do espaço que, no plano do registro arqueológico, não está testemunhada por estratificação cultural ou por sobreposição de ocupações no interior de uma matriz geológica, dado o predomínio erosivo dos ambientes eólicos. A percepção das características técnicas específicas dos conjuntos envolvidos nos arranjos destes sítios, contudo, permite a distinção que sugere a reocupação.

Entre os sítios arqueológicos identificados nas áreas destinadas aos empreendimentos *Trairi, Flecheiras I, Guajiru e Mundaú* há considerável quantidade de sítios apresentando indicativos de sobreposição de ocupações relacionadas a períodos distintos, indicando a diversidade crono-

³ O termo *multicomponencial* designa um sítio arqueológico com mais de um nível arqueologicamente fértil em estratigrafia (PROUS, 1992, p. 31). Ao longo deste trabalho, falaremos em “sítios multicomponenciais de superfície” ao tratar de sítios densos por diversidade (reocupados, portanto) em condições não-estratificadas (vide Capítulo 2 deste trabalho).

⁴ Diz-se que os sítios multicomponenciais são sítios *densos* (BICHO, 2006). Os sítios *densos por diversidade* são aqueles em que a multicomponencialidade resulta de reocupação da área por um grupo tecnológica e cronologicamente distinto; os sítios densos por reiteração, por outro lado, possuem indícios de reuso do espaço por grupos de mesma caracterização tecnológica e temporalidade semelhante (BICHO, 2006).

cultural que caracteriza a ocupação deste trecho litorâneo e, especificamente, demonstrando o reaproveitamento de um mesmo espaço em épocas distintas.

Na área do sítio designado Trairi I, coexistem artefatos possivelmente relacionados a três ocupações distintas. Ali, foram descritas cerâmicas com características da subtradição Pintada, tradição ceramista Tupiguarani, além de artefatos históricos.

Nas descrições sobre os sítios designados Mundaú IV e Trairi II também são feitas referências a evidências de utilização da área em épocas sucessivas. A coexistência de materiais cerâmicos que apresentaram elementos técnicos característicos da tradição ceramista Tupiguarani e de materiais cerâmicos provavelmente representativos de uma ocupação anterior é tomada como evidência deste processo de reocupação.

O litoral do Piauí: Acerca do litoral do estado do Piauí, contamos com as informações apresentadas na dissertação de mestrado intitulada *Sob os areais: arqueologia, história e memória*. Ao longo deste trabalho, Borges (2006) abordou questões sobre a ocupação humana no litoral do Piauí a partir do sítio arqueológico Seu Bode, situado nas proximidades do lago Camurupim.

Fotografia 1- Vista do sítio Seu Bode, situado no litoral do Piauí



Fonte: (Fotografia: Jóina Borges, 2002\ Extraída de: BORGES, 2006, p. 25)

Fotografia 2- Vista de uma duna nas proximidades do sítio Seu Bode



Fonte: (Fotografia: Jóina Borges (2001)\ Extraída de: BORGES, 2006, p. 55)

Fotografia 3- Vista do Lago Camurupim a partir de uma duna que margeia o sítio Seu Bode



Fonte: (Fotografia: Jóina Borges (2002)\ Extraída de: BORGES, 2006, p. 59)

O referido sítio encontra-se em um contexto não-estratificado, possuindo um conjunto cerâmico em que características técnicas distintas permitem a diferenciação de três unidades cerâmicas sobre uma mesma superfície erodida, sem que seja procedida a filiação de qualquer uma destas unidades a uma fase ou tradição ceramista já estabelecida.

Fotografia 4- Concentração de fragmentos cerâmicos apresentando características distintas sobre uma mesma superfície do sítio Seu Bode- litoral do Piauí



Fonte: (Fotografia: Jóina Borges (2002) \ Extraída de: BORGES, 2006, p. 69)

A partir de amostras de fragmentos representativos das três unidades consideradas diferentes entre si, Borges (2006) obteve, pelo método de termoluminescência (TL)⁵, as seguintes datações:

Quadro 1- Datações de fragmentos cerâmicos com características técnicas de produção da pasta distintas, coletados sobre uma mesma superfície erodida no sítio do Seu Bode, em Luís Correia- Piauí

| Tipo de pasta | Idade estimada |
|--|-----------------------|
| Pasta média, predominando pequenos grãos de quartzo de, em média, 0,2 mm | 410 BP |
| Pasta muito grossa, predominando grãos de quartzo de até 0,8 mm | 726- 816 BP |
| Pasta fina, com presença de bolhas de ar e sem grãos de quartzo | 2500- 2700 BP |

Fonte: (BORGES, 2004)

⁵ As análises foram realizadas no Laboratório de Física da USP.

A pesquisadora avaliou as duas unidades relacionadas a datas mais recentes como sendo representativas de um mesmo processo tecnológico (permanência tecnológica). O conjunto datado de 2500 a 2700 BP, por sua vez, foi associado a um grupo tecnológico distinto, por ser bastante diferenciado, no que diz respeito à composição da pasta produtiva, em relação às outras duas amostras enviadas para a análise. A pesquisadora informa que os parâmetros utilizados em sua análise foram bastante restringidos em virtude do desgaste pós-deposicional que atuou sobre os fragmentos.

2.2 ANTECEDENTES ETNO-HISTÓRICOS

2.2.1 Grupos que ocupavam o litoral, em trechos atualmente compreendidos pelo Ceará, no período “proto-histórico”

Nas fontes etno-históricas, há relatos de que, aos primeiros anos da colonização cearense⁶, parte da faixa costeira estava ocupada por grupos tupis que tinham substituído os Tremembé em época recente. Após esta substituição, os Tremembé que antes habitavam *as praias (...) desde a foz do rio Gurupí até a foz do rio Apodí, isto é, toda a costa dos atuais Estados do Maranhão, Piauí e Ceará* (Pompeu Sobrinho, 1951, p. 258), teriam sido recalçados ao interior ou agrupados em territórios litorâneos reduzidos. Acredita-se que esta reordenação tenha sido um processo iniciado no século XVI e desdobrado ao longo do século XVII, afirmando-se que

quando Pero Coelho, em 1603, veio tentar a conquista da Serra da Ibiapaba, já então dominavam quase toda a costa povos da raça tupy, que, derrotados em cruentos combates com os portugueses no Rio Grande e Parahyba e enfraquecidos pela guerra, que reciprocamente se moviam, tinham invadido o litoral cearense expulsando para o interior as hordas adversas dos carirys-tremembés (STUDART FILHO, 1926, p. 39).

Na área aproximadamente situada entre os rios Acaraú e Parnaíba não teria ocorrido esta permuta empreendida por grupos tupis. As informações do século XVII apontam para uma ocupação por grupos Tremembé desde o trecho atualmente compreendido pelo litoral oeste do Ceará até a foz do Itapicuru, no Maranhão (STUDART FILHO, 1963, *passim*). Fausto (1992, p. 382) também trata deste trecho em que a ocupação tupi ao longo da costa era interrompida:

os Tupi (...) dominavam a faixa litorânea desde Iguape até, pelo menos, a costa do Ceará. Este *continuum* tupi-guarani só era interrompido em alguns pontos do litoral: próximo ao estuário do Prata pelos Charrua, na foz do rio Paraíba pelos Goitacá, pelos Aimoré no sul da Bahia e norte do Espírito

⁶ Vale ressaltar que a colonização do estado do Ceará é marcada por eventos que tiveram lugar no século XVII, portanto tardiamente em relação a outras áreas do litoral brasileiro.

Santo, e pelos Tremembé na faixa entre Ceará e Maranhão [Ênfases nossas].

Mesmo tendo sido progressivamente recalçados por grupos tupis, os Tremembé teriam mantido por muito tempo o seu domínio ao norte do rio Curu (POMPEU SOBRINHO, 1945, *passim*). Para este período posterior à chegada de grupos tupis na costa do atual Ceará (século XVII), Studart Filho aponta a presença tremembé em *praias (...) entre Lençóis e Almofoala e [...] à maneira de alguns de seus descendentes atuais (...) também nos manguesais que cobrem o delta do Parnaíba e margeiam o baixo curso dos Rios Timonha, Camucim e Acaraú* (STUDART FILHO, 1963, p. 46).

Uma vez que lançamos mão de fontes escritas cuja produção deve-se à pena de adventícios que passaram ou se estabeleceram nas terras ora em estudo, sobretudo a partir do século XVII, dispomos de poucas informações sobre o período anterior ao ano de 1603. De todo modo, algumas narrativas sobre os primeiros anos do século XVI dão conta da presença Tremembé povoando territórios mais vastos do que aqueles marcados pela dispersão Tremembé no século XVII. Pompeu Sobrinho informa que, no século XVI, Vicente Pinzón narrou sobre os bons arcos e lanças dos Tremembé do cabo de Santa Maria de la Consolación, com os quais não conseguiu contato direto. Em sua segunda estação, Pinzón teria observado mais detidamente os Tremembé de Rostro Hermoso (Mucuripe) (POMPEU SOBRINHO, 1951, *passim*).

A relativa homogeneidade que foi observada entre os grupos que habitavam a costa no século XVII fez obscurecer a diversidade existente, mascarando presenças que não estivessem relacionadas aos Tupi ou aos Tremembé. Mas, ao contrário da homogeneidade demonstrada a partir da leitura das fontes mais abundantes, levantamentos mais minuciosos permitem entrever indicativos da vizinhança entre grupos Guanacé, Jaguaribara, Tremembé, entre outros, no litoral. Nas informações prestadas pelo chefe indígena guanacé Francisco Aragiba a Matias Beck, em 1649, é mencionada a existência de quatro agrupamentos tapuios estabelecidos entre o forte batavo e Camocim. Tais agrupamentos estariam representados por grupos Tremembé, Guanacé Guaçu, Jaguariguari e Guanacé Mirim (BECK, 1649 *apud* POMPEU SOBRINHO, 1937, p. 111).

Os Guanacé e Jaguaribara habitavam perto do litoral, entre o rio Curu e Acaraú, não muito distante da serra de Uruburetama, tendo sido posteriormente aldeados em área espacialmente relacionada aos rios Siupé e Curu (THÉBERGE, 2001). Pompeu Sobrinho (1945, pp. 44-45),

afirma terem sido os Anacé posteriormente aldeados por Fernão Carrilho em *Parnamirim*, como era conhecida a enseada situada entre as embocaduras dos rios Pará (Curu) e Siupé (S. Gonçalo), e os Jaguaribara terem sido aldeados em uma área 7 léguas ao sul de Fortaleza.

Para os trechos do litoral do Ceará que ficam mais a oeste, há referências a estabelecimentos tremembés, bem como a passagens de tupinambás da Ilha do Maranhão e de tabajaras da serra da Ibiapaba.

Os contatos entre grupos Tremembé e grupos Tupinambá da Ilha ocorridos na área da enseada de Jericoacoara estão documentados nas crônicas de Yves d'Evreux datada de 1613.

Já a proximidade entre grupos Tremembé e habitantes da serra da Ibiapaba (provavelmente tabajaras, portanto) é mencionada em referências à tentativa de construção de uma nova Aldeia em Jericoacoara por *Caroatahi*, que teria descido da serra para dar cabo a esta empreitada, em 1666.

Apesar dos contatos que tiveram lugar na área da enseada de Jericoacoara, o domínio territorial tremembé naquela área é entrevisto nas fontes etno-históricas ao longo de quase todo o século XVII. Sobre a presença tremembé na enseada de Jericoacoara e áreas próximas, discutiremos no tópico seguinte.

2.2.2 A presença tremembé na enseada de Jericoacoara

A presença tapuia em Jericoacoara e em áreas próximas é afirmada em mais de um relato histórico proveniente do século XVII. As fontes históricas sobre a presença indígena em Jericoacoara podem ser classificadas em dois tipos, que caracterizam momentos históricos diferenciados. O primeiro tipo de fonte está estreitamente relacionado ao período de vigência da França Equinocial; nestas fontes, a presença indígena só se faz perceber através de uma leitura minuciosa das “crônicas das escaramuças” em Jericoacoara, onde franceses e portugueses, a caminho do Maranhão - sede da França Equinocial àquele momento - confrontavam-se.

Em um segundo momento, as crônicas que dão conta da presença tremembé no litoral passam a ser fruto de diálogos entre missionários e indígenas falantes de língua tupi em processo de aldeamento. A ocupação tapuia-tremembé em Jericoacoara era contemporânea a aldeias tupis

como as da Ilha do Maranhão e tantas outras aldeias tupinambás e potiguares da época, entre as quais aquela referida pelo padre Luiz Figueira em *A Relação do Ceará* (1608?). Percebe-se a coexistência de grupos Tupi e Tremembé no litoral seiscentista através das fontes escritas demonstrativas de que as narrativas de portugueses, franceses e holandeses sobre os Tremembé raramente resultavam de testemunhos que prescindissem das narrativas tupis. Assim, as narrativas escritas sobre os Tremembé, muitas vezes, privilegiavam o ponto de vista tupi.

Sobre o reconhecimento territorial do trecho compreendido pelo atual litoral oeste do estado do Ceará, uma fonte datada das primeiras décadas do século XVII informa que Jerônimo de Albuquerque teria chegado *ao Ceará o ano de 613, donde levou consigo ao capitão Martim Soares, que com facilidade se lhe ofereceu para reconhecer tudo o que faltava da costa até o Maranhão* (MORENO, 2002[1614], p. 33). Após a partida de Soares Moreno rumo ao Maranhão, Jerônimo de Albuquerque seguiu para reconhecer o *Camuri, que era um rio naquelas partes, de muito nome e muito próximo à grande serra de Buapava e dos Teremembés, com os quais era muito necessário assentar pazes* (MORENO, 2002 [1614], p. 33).

A Jornada do Maranhão Por ordem de Sua Majestade feita o ano de 1614 (MORENO, 2002[1614], p. 33) traz informações gerais sobre as condições desta jornada, bem como sobre Jericoacoara. Diogo de Campos Moreno refere-se aos *tapuias (...) daquelas comarcas, que em número de até trezentos vieram uma madrugada a dar na cerca, donde os portugueses se defenderam honradamente, tratando-os de sorte que os fizeram afastar, e depois os obrigaram a ser amigos* (MORENO, 2002[1614], p. 35).

Varnhagen também se refere e esta tentativa de reconhecimento empreendida por Jerônimo de Albuquerque ainda nas primeiras décadas do século XVII, quando, em 1613, partiu de Pernambuco em busca do Ceará

a fim de ahí receber o reforço que lhe prestasse o verdadeiro fundador d'esta capitania Martim Soares Moreno (...) - Juntos partiram, seguindo a costa para o Oeste em busca do melhor sitio para fundar a nova colônia. O porto de Camocim foi abandonado por incapaz, sendo preferido a Bahia de *Jurará-coára* ou das Tartarugas. Aqui chega Albuquerque a fundar uma povoação, á cuja igreja foi dada a invocação da Senhora do Rosário (VARNHAGEN, 1915, p. 85).

Em agosto de 1614, uma nova correspondência demonstra maior preocupação com a defesa da costa, o que era reflexo dos recentes acontecimentos causados por uma invasão francesa na área, comandada por Du Prat, que tentou *apoderar-se do forte para o que fez desembarcar*

cerca de duzentos soldados (...) Manoel d'Eça e o capitão Jeronymo de Albuquerque (...) derrotam os assaltantes obrigando os que sobreviveram a fugirem (STUDART, 2001 [1896], p. 16).⁷

...receo que se mi julgue por atrevimento o que he só zelo de seu serviço, que á verdade fazemos nós disto tão pouco caso e os ynimigos tanto que em 14 de junho passado vierão com hua não e dusentos homens desfazer os nossos presídios do Seara e Jaracoara ou por outro nome de buraco das tartarugas (STUDART, 2001[1896], p. 21)⁸.

Uma correspondência de 19 de abril de 1638 em que se reproduz informação do capitão-mor Hendrich von Ham⁹, informa sobre a inexistência de salinas e riquezas nas terras do Ceará e sobre a existência de “acampamentos tapuios” em Jericoacoara. Sobre estes acampamentos, no entanto, o capitão-mor não demonstrava possuir muitas informações. Conforme interpretação que se fez de seus escritos, ele

parece conhecer apenas uma e meia a duas léguas para o interior cearense. As duas aldeias de que fala, a grande, de **Diogo Algedor**¹⁰ (Algodão?) e a pequena, de **Koyaba**, ficam a duas e quatro horas de marcha. Tem noticias de acampamentos tapuios em **Juriquagua** (Jeriquaquara) **cerca de trinta léguas daqui** (CASCUDO, 1941, p.69 [grifos no original]).

Hendrich von Ham afirmava que os referidos acampamentos estavam a aproximadas trinta léguas do lugar de onde escrevia, para onde enviou emissários que ainda não haviam enviado resposta. Uma carta de 8 de outubro de 1641 na qual Gedeon Morritz Jonge¹¹ comunicava ao Supremo Conselho Holandês a descoberta de uma boa salina em *Commeni* (Camocim) falava das intenções em conhecer as regiões internas, *pois havia nas vizinhanças seguramente trinta nações diversas de Tapuias, das quais apenas dez viviam em amizade conosco* (OLIVEIRA, 1995, p. 41)¹².

Uma das primeiras fontes a aludir à presença de grupos indígenas referidos como Tremembé (e não, genericamente, como tapuia) em Jericoacoara é o tratado do capuchinho francês Yves d'Évreux, datado de 1613, segundo o qual os Tremembé habitavam além [escrevia do

⁷ Excerto do documento intitulado “*Estromento que enviou o capitao Manoel de Souza, q Reside no presidio do buraco das tartarugas sobre o successo q aly teve cõ os francezes que sayrão em terra*” (20 de junho de 1614).

⁸ CARTA de Gaspar de Souza ao rei (20 de agosto de 1614) / Coll. Studart n°. 21 fasc. 1.

⁹ Capitão-mor do Ceará entre os anos de 1637 e 1640.

¹⁰ Os termos em negrito são os de Hendrich von Ham agregados a um segundo texto que reproduziu suas informações.

¹¹ Capitão-mor do Ceará entre os anos de 1640 e 1643.

¹² Carta de 28 de novembro de 1641 em que se comentava carta anterior, de Gedeon Morritz Jonge, enviada ao Conselho Supremo.

Maranhão] da *montanha de Camuci* (ÉVREUX, 2002[1613?], p. 177). Baseado no que ouvira de principais de aldeias tupinambás da Ilha do Maranhão, Yves d'Évreux narrou ainda disputas travadas na *Tartaruga, na montanha do Camuci*, tratando sobre a presença tremembé nas proximidades de Jericoacoara e sobre disputas entre Tupinambá e Tremembé por melhores áreas de pesca.

Segundo Yves d'Évreux, estes grupos tapuias que viviam nas cercanias da *Tartaruga, na serra de Camuci*, serviam-se deste lugar *de areias brancas, e de árvores secas para agarrar os Tupinambás, como ratoeira para pilhar ratos* (ÉVREUX, 2002[1613?], p. 179). O referido cronista informa que

...muitos Tupinambás da Ilha tendo ido aí com o fim especial de pescar, foram acometidos pelos Tremembés, sendo uns mortos imediatamente, outros cativos, sem saber-se o que deles fizeram, e finalmente alguns embarcados numas canoas puderam salvar-se regressando à Ilha do Maranhão, onde contaram tão tristes casos, causando nas aldeias, a que pertenciam os mortos, tanta indignação, que todos, voz em grita e chorando, especialmente as mães e as mulheres, insistiram pela vingança, ao que aquiesceram os principais, vindo pedir aos franceses um chefe e alguns soldados, no que foram satisfeitos (ÉVREUX, 2002[1613?], p. 177).

Os escritos de Matias Beck, por sua vez, trazem informações que sugerem tentativas de contato entre prospectores holandeses em busca de minas de prata e os *tapuyas chamados Tremembees que habitam no caminho do Camaragibe* (BECK 1903[1649], p. 363)¹³ intermediadas por principais de aldeias potiguares, em 1643. Estes escritos, que formam o volume conhecido como diário de Matias Beck, configuram outro exemplo de crônica surgida do diálogo entre adventícios e grupos tupis a respeito de grupos tapuias que viviam em Jericoacoara e/ou em áreas próximas.

Também datada de 1643, uma correspondência de João Vasco ao Rei propunha a recompensa dos *principais de Aldeia* que destruíram um forte holandês¹⁴, entre estes principais estaria *Orobu Acanga*, de “Gicuaquara”. As citadas informações de João Vasco basearam-se em *novas que tive [teve] de outros Índios por lhes saber fallar a lingoa*¹⁵.

¹³ O referido “Camaragibe” é, possivelmente, uma porção das serras da Ibiapaba que se estende ao “sertão das praias” de Camocim (Vieira, 1904[16--]).

¹⁴ Apensos - Pará, 1643. In: LEITE, 1943, t. III, p. 15.

¹⁵ Apensos - Pará, 1643. In: LEITE, 1943, t. III, p. 15.

Da segunda metade do século XVII são as principais referências aos *índios de Jericoacoara* ou ainda aos *Tremembé de Jericoacoara* referidos por um etnônimo e uma delimitação espacial menos imprecisos do que aquelas referências aos ‘tapuias daquelas comarcas’, mais comuns aos primeiros momentos do século XVII. O reconhecimento da presença tremembé em uma área relativamente bem delimitada parece, contraditoriamente, ser causa e conseqüência do prenúncio do agravamento das relações entre adventícios e habitantes tradicionais pelas terras.

Uma carta régia datada de 2 de maio de 1650 ordenava que Luiz de Magalhães verificasse a notícia de terem os índios do Ceará atacado muitos holandeses e que se esforçasse para *conservar em boa amisade os índios de Jeriquaquara* (STUDART, (2001[1896]), p.66). Em 30 de novembro do mesmo ano, Luiz de Magalhães responde que até maio do ano seguinte, tempo necessário para fazer um barco às suas expensas e de aparelhar-se do necessário, inclusive de soldados, cumpriria o pedido.

E feito o barco até maio que vem que aqui são as monosoins o mandarei aquella costa de geriquaquara e Siará na conformidade de que V. Mmgd. Me ordena, bem petrechado o necessario gente e soldados cõ a pessoa que mais bem me parecer para obrar o efeito e do que ouver avisarei a V. Mmgd.e (MAGALHÃES, 1650 *apud* STUDART, (2001[1896]), p. 66).¹⁶

Do último quartel do século XVII são datadas informações que revelam a tentativa de introduzir os grupos tremembés no contexto dos aldeamentos missionários que já marcava os territórios de grupos falantes da língua tupi. As aldeias tupis foram o primeiro e principal palco da atuação dos missionários em seu interesse de difundir a fé católica entre os indígenas.

Tendo solicitado a proteção do capitão-mor Mello Gusmão contra assaltos dos *Acahamasu*, o líder Tremembé *Maraguim*, que habitava em Jericoacoara, recebeu a oferta de um local apropriado para a fundação de uma aldeia onde pudesse se estabelecer na Fortaleza (capitania).

Não dispondo de forças suficientes para buscar os *Acahamasus* em suas terras, (...) determina ao Ajudante Felipe Coelho que com quinze soldados, cinquenta índios das Aldeias avassalladas e a nação dos Jaguariguaras que se tinham offerecido para os acompanhar, vá a Jeriquaquara, e de sua parte científique a *Maraguim* que muito folgaria em *se achar com gente e cabedal* para no dito sítio o ter defendido e amparado; mas que se fazia preciso primeiro disso dar avizo a El-Rey e ao Conde de Obidos, Vice Rey e Capitão General do Estado. Em quanto

¹⁶ Excerto de carta de Luís de Magalhães (30 de novembro de 1650) / Coll. Studart. Vol. 5º, p. 606.

isso se fizesse, julgava conveniente que *Maraguim* se retirasse de Jericoacoara, e viesse com os poucos filhos que tinha a Fortaleza (esta capitania) a escolher local apropriado para a fundação de uma aldeia e nella viver seguro e livre de seos inimigos (OLIVEIRA, 1890).

Cinco anos depois desta oferta de João de Mello Gusmão ao principal Maraguim, os Tremembé retornam a Jericoacoara, *insofridos dos maltratos que tinham recebido (...) [na] Fortaleza (Capitania), (...), declarando que não queriam mais a amizade dos brancos e que estes não fossem mais a suas terras* (OLIVEIRA, 1890, p.126 [ênfases nossas]).

As informações etno-históricas sobre a presença indígena em Jericoacoara e áreas próximas sugerem que, ali, os grupos indígenas estiveram por algum tempo a mais livre dos aldeamentos que primeiramente subjugarão os indígenas falantes da língua tupi. Além disso, as fontes demonstram uma relação de domínio territorial entre os Tremembé e a área de Jericoacoara ao longo de quase todo o século XVII, à revelia das informações que apontam estes grupos como nômades irrefreáveis.

Figura 2 - Carta representativa da Província dos Taramembes de Guerra



Fonte: (Albernaz [1637?])

Nesta iconografia há a coexistência de informações sobre a baía, que era bom surgidouro e ancoradouro, e de informações gerais sobre a presença tremembé no trecho costeiro apresentado. Além disso, o denominativo *taramembes de guerra* trata-se de uma comparação entre os grupos Tremembé e os grupos indígenas, geralmente tupis, já estabelecidos nas *aldeias de paz* ou *aldeias de paz avassaladas*, como eram designados os aldeamentos missionários na documentação da época.

As narrativas e iconografias que revelam estratégias de manutenção do território de Jericoacoara por grupos Tremembé já no alvorecer do século XVII, permitem-nos um vislumbre de recuo desta presença e territorialidade para tempos anteriores à chegada dos europeus-cronistas.

Na atualidade, há grupos Tremembé vivendo em trechos dos municípios de Itarema, Acaraú e Itapipoca. Os Tremembé de Almofala, que têm sua trajetória recente associada ao aldeamento missionário de Almofala, tiveram seu território restringido a quatro léguas em quadro: a doação das terras onde está localizado o povoado de Almofala deu-se por carta régia de 1697 (GOMES; VIEIRA NETO; MUNIZ, 2007, p. 46). Conhecer detalhes da trajetória inserida entre as décadas de 1670 e 1690 é crucial para a compreensão do processo que fez os Tremembé e tantos outros grupos indígenas terem seus territórios cada vez mais reduzidos.

A existência de informações sobre a presença Tremembé em Jericoacoara vem a denotar a área onde esta presença teve, possivelmente, maior alcance no tempo, havendo referências sobre tal domínio territorial até o início do último quartel do século XVII, já que, mesmo tendo sido progressivamente recalçados por grupos tupis, os Tremembé teriam mantido, por muito tempo, seu domínio ao norte do rio Curu (POMPEU SOBRINHO, 1945, *passim*).

2.2.3 A cultura material tremembé: algumas referências

A cultura material tremembé não é muito mencionada na crônica seiscentista. As principais referências encontradas dizem respeito aos machados semilunares confeccionados durante rituais realizados em noites de lua crescente, quando mulheres dançavam em frente a choupanas e homens ingeriam bebidas fermentadas de caju enquanto davam forma a tais objetos a partir da técnica do polimento. As referências sobre estes rituais são feitas em relatos de Yves d'Évreux, baseados em informações concedidas por índios de língua túpica.

Caruatapirã, um dos principais de Comã, trouxe-me um desses machados de pedra, ainda tinto de sangue, com alguns cabelos aderentes, e com um pouco do cérebro do principal Januarã, que com ele foi morto, o que se soube por ser encontrado sobre seu corpo. Caruatapirã, pegando um desses machados, feito em forma de crescente, ensinou-me o que eu não sabia, dizendo-me terem os Tremembés o costume mensal de velar toda a noite fazendo seus machados até ficarem perfeitos, em virtude da superstição que nutriam, de que indo para a guerra armados com tais instrumentos nunca seriam vencidos, e sim sempre vencedores. (ÉVREUX, 2002 [1613?])

Yves d'Évreux informa-nos ainda de que os tremembés não eram estáveis em suas moradas, *não gostam de fazer hortas e nem casas; moram debaixo das choupanas; preferem as planícies e as florestas porque com um simples olhar descobrem tudo quanto está às suas voltas*. Ao referir-se aos artefatos de grupos Tremembé, o cronista relata que estes grupos contentam-se com seus arcos, flechas, machados, um pouco de cauim, algumas cabaças para guardar água e uma panela para cozinhar a comida (ÉVREUX, 2002 [1613], p. 179).

3 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1 CONCEITUAÇÃO

Como vimos na primeira parte do capítulo anterior, o levantamento do histórico de pesquisas já realizadas em alguns contextos litorâneos revelaram a recorrência de situações em que coexistem conjuntos artefatuais relacionados a diferentes grupos tecnológicos, indicando diferentes ocupações em uma mesma área e, por vezes, sobre uma mesma superfície, nível topográfico e compartimento geomorfológico.

A partir disso, percebemos a importância de definir atributos de materiais e contextos arqueológicos envolvidos na história de ocupação de sítios em condições predominantemente não-estratificadas. Partindo-se do princípio de que cada ocupação é formada pelas diversas evidências de uma fase em um sítio (BATE,1998), buscamos estabelecer a relação de correspondência entre conjunto artefactual e os eventos ocupacionais envolvidos na trama de formação de um dado sítio arqueológico de superfície que conta com indícios de reocupação.

Em Dunnell (2006), o conceito de "ocupação" é definido como

agregado espacial de objetos singulares que podem ser razoavelmente presumidos como o produto de um único grupo de pessoas numa localidade particular, depositados durante um período de residência contínua e comparável a outras unidades no mesmo estudo (DUNNELL, 2006, p. 195).

Em uma sucessão temporal de atividades realizadas em um mesmo contexto de formação do registro arqueológico, as atividades posteriores involucram e modificam as relações espaciais e propriedades dos componentes das atividades anteriores. A superposição espacial e temporal das atividades realizadas por grupos humanos em uma área gera redundância na ocupação do espaço. Para tratar de diferentes casos de redundância, utilizaremos os conceitos de 'reuso' e 'reocupação'. No registro arqueológico, o reuso do espaço é sugerido por fatores indicativos de interpenetração espacial e simultaneidade cronológica, enquanto a reocupação é demonstrada por elementos indicadores de superposição espacial e sucessão cronológica (KENT,1995).

O conceito de *reuso* será utilizado para referir-nos a situações em que o espaço foi reutilizado seguindo um mesmo padrão, não chegando a denotar a presença de grupos culturais distintos na área. Os sítios arqueológicos resultantes destas atividades apresentam *congruência espacial*, compreendida como continuidade de um conjunto de evidências, tais como elementos

tecnológicos e funcionais culturalmente significativos, que apontem para a ocupação de um sítio pelo mesmo grupo cultural em momentos diferentes.

Para situações em que o uso redundante do espaço gerou incongruência espacial em relação a ocupações prévias, por grupos culturais distintos, utilizaremos o conceito de *reocupação*. A incongruência é indício de mudança no padrão de utilização do sítio por conta da reocupação.

Em ambos os casos de superposição, estaremos tratando de sítios densos. No caso de reuso, temos densidade por reiteração. No caso de reocupação, temos densidade por diversidade. Apenas os sítios densos por diversidade (reocupados, portanto) serão considerados multicomponenciais ao longo deste trabalho. À revelia da conceituação segundo a qual multicomponencialidade é uma definição em função da estratigrafia (PROUS, 1992), consideraremos os sítios com indícios de *densidade por diversidade* sob condições não-estratificadas como sendo “sítios multicomponenciais de superfície”, tendo em vista que cada componente é representado pelas diversas evidências de uma fase em um sítio arqueológico (BATE, 1998).

Os sítios “multicomponenciais de superfície” configuram-se como palimpsestos, na metáfora muito comum de pesquisadores que se dedicam a sítios litorâneos. Nestes sítios, os elementos tecnológicos do conjunto artefactual são potencializadores de interpretações sobre o processo de ocupação da área quando, sob determinados referenciais teóricos, considera-se que as diferenças culturais ficam marcadas no inventário material dos grupos humanos (MEDEIROS, 2005).

A relação entre variabilidade artefactual e identidades sociais é uma das principais problemáticas da pesquisa arqueológica. Desta forma, um dos principais objetivos destas pesquisas, independente do enfoque teórico, é perceber como a relação entre escolhas tecnológicas e padronização da cultura material refletem aspectos destas identidades no registro arqueológico (DIAS, 2007).

Para Conkey (1990), o sistema de produção de artefatos é o principal fator de identificação de estilo. O conceito de estilo está, implícita ou explicitamente, presente em todos os trabalhos de arqueologia, podendo ser definido como *o resultado da descendência comum de um grupo de artefatos em um sistema de produção de artefatos* (CONKEY, 1990, p. 2). O estilo seria, portanto, resultante dos muitos processos de transmissão cultural a que Sackett designara

endoculturação passiva, podendo refletir elementos indicativos de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico.

Para Sackett (*apud* LLAMAZARES e SLAVUTSKY, 1990, p. 30), o estilo não reside apenas em aspectos decorativos do desenho (“forma adjunta”) ou em objetos não-utilitários, mas sim na forma e na função planejadas, pois este planejamento é incorporado a todo o processo de manufatura. Sob este marco teórico, o estilo não refletiria fronteiras sociais somente quando considerado estratégia, portanto ativa, de diferenciação cultural dos grupos humanos a partir da tecnologia; o estilo também refletiria processos de endoculturação passiva próprios de cada tradição tecnológica, delineando fronteiras, mesmo sem que os grupos humanos tenham tido, no passado, a intenção de demarcá-las através da tecnologia.

A concepção de variação estilística de Sackett aparece ligada à noção de “variação isocrética”, mecanismo que este estudioso introduziu, por volta de 1982, para referir-se aos processos de seleção social de equivalentes. Ao se referir à seleção social de equivalentes, James Sackett assume um conceito de cultura enquanto ‘compartilhamento de idéias’, mas, diferentemente do que acontece no difusionismo, principal teoria social do histórico-culturalismo, a principal fonte de mudança não é o contato entre diferentes grupos, mas as escolhas internas, socialmente definidas. Sob esta perspectiva teórica, a explicação da mudança é interna, ao contrário de ser definida por fatores externos tais como condicionantes ambientais ou contatos entre grupos.

Vale ressaltar que, assim, a noção de que a relação entre tecnologia e cognição gera diferenciações e identidades sociais também é aplicável a situações em que não houve contemporaneidade e fronteira-vizinhança entre distintos grupos. Nos casos em que a distinção tecnológica não é imputada a uma estratégia de demarcação étnica entre grupos vizinhos, a endoculturação passiva em distintos sistemas de ensino-aprendizagem de confecção de artefatos pode ser elemento a diagnosticar a mudança cultural perpassando sistemas não-contemporâneos e não-vizinhos, tais como aqueles que se sobrepõem no espaço e, portanto, sucedem-se no tempo.

Ainda sobre a concepção de mudança cultural a partir de explicações internas ao grupo, vale ressaltar que, no conceito de cultura assumido por Sackett, o ambiente não determina as seleções sociais. O ambiente é elemento expressivamente envolvido nas técnicas, mas as escolhas dos grupos não podem ser colocadas em segundo plano. Um pressuposto básico da

concepção de estilo tecnológico adotada na presente pesquisa é a de que a variação estilística é resultado da seleção social de equivalentes, a qual, dentro do processo tecnológico, nem sempre ocorre em situações-limite da disponibilidade de recursos, mas dentro de um leque de alternativas a serem analisadas como parte das escolhas relacionadas à tradição tecnológica de um grupo. O ambiente é, sob esta perspectiva, condição inicial, mas não determinante, de processos sócio-culturais.

Para tratar cada um dos conjuntos artefatuais envolvidos na trama de um sítio arqueológico, seja este unicomponencial ou multicomponencial, faremos uso de conceitos como “conjunto” e “unidade” para nos referirmos a agrupamentos arqueológicos. Por agrupamentos arqueológicos, baseando-nos em DUNNELL (2006), compreendemos os conjuntos ou unidades de fragmentos cerâmicos segregados intuitivamente, à primeira vista. Os agrupamentos arqueológicos não são resultado de descrição formal, mas de classificações preliminares.

O conceito de “tipo arqueológico”, de outra forma, será utilizado para nos referirmos a conjuntos cerâmicos que, após a descrição formal, demonstrem compartilhar *características comuns, que distinguem determinados artefatos, ou seus restos, de outros semelhantes* (CHMYZ, 1966, p. 20).

Os conceitos de “ocupação” e “tipo arqueológico” fundamentam-se na classificação de material arqueológico e, portanto, tratam de séries segregadas com base em atributos tecnológicos. Sem embargo, a formulação de hipóteses reconhece a possibilidade de que classes ideativas possam ser correlacionadas a fenômenos da realidade passada. Em DUNNELL (2006, p.51), tal relação é definida como *identificação* e considerada como sendo o movimento que dota de sentido toda a classificação arqueológica, uma vez que representa a relação estabelecida entre unidades ideativas e fenômenos objetivos.

Assim, embora não partamos do princípio de que existam tipos arqueológicos autoevidentes, direcionamo-nos ao objetivo de que os tipos ideativos formulados ao longo das classificações possam contribuir para a identificação de aspectos da realidade objetiva. Consideramos a existência, no registro arqueológico, de uma ordem que não é simplesmente imposta por arqueólogos.

Bate (1998) também explana sobre a importância da busca de nexos explicáveis entre as categorias ideativas (conceitos teóricos) e os processos e relações sociais que formaram o registro arqueológico. Para este autor,

a categoria de cultura arqueológica compreende a categoria de contextos e materiais arqueológicos identificáveis como efeito da transformação material da natureza, realizada por uma determinada sociedade em um determinado lapso temporal, seja este uma fase ou um período histórico determinado (...). A cultura arqueológica guarda com a cultura viva uma determinada correspondência análoga a que os contextos arqueológicos guardam com os contextos-momento (BATE, 1998, p. 121)

Uma única pesquisa voltada à caracterização de um grupo ceramista não dá conta de alcançar fenômenos de correspondência análoga entre “cultura arqueológica” e “cultura viva” a que Bate se refere na citação acima. De todo modo, o objetivo desta pesquisa é o de contribuir para que as unidades resultantes dos processos de classificação arqueológica possam ser relacionadas a fenômenos da realidade passada, especificamente a aspectos do processo de ocupação da costa cearense ao longo dos tempos. Para DUNNELL (2006, p. 51), as unidades ideativas estabelecidas serão inúteis se não puderem ser relacionadas a fenômenos.

3.2 PROBLEMA E HIPÓTESES

Durante os levantamentos de antecedentes das pesquisas já realizadas no litoral do nordeste, atribuímos maior importância aos resultados obtidos nos vizinhos territórios do Piauí e Rio Grande do Norte, dada à relação de proximidade que mantêm com o território cearense. Ao longo destes resultados, percebemos a recorrência de situações em que a variabilidade artefactual, mesmo sob condições não-estratificadas, foi relacionada a processos de reocupação do espaço.

A formulação do problema assentou-se em pressupostos advindos da arqueologia, com base nos antecedentes acima referidos.

A construção das hipóteses, por sua vez, baseou-se em um primeiro olhar sobre a coleção do sítio do Serrote I, bem como em referências etno-históricas existentes. Do ponto de vista arqueológico, durante este primeiro olhar sobre o sítio do Serrote I, consideramos a heterogeneidade observada ao longo do conjunto cerâmico das concentrações arqueológicas em superfície. Do ponto de vista etno-histórico, consideramos as informações de cronistas que

permitem entrever a área relacionada à enseada de Jericoacoara como trecho de domínio territorial tremembé ao longo de, pelo menos, três quartéis do século XVII¹⁷.

Deste modo, formulamos o problema e as hipóteses a seguir:

- **Problema**

A aparente densidade e relativa variabilidade artefactual observadas no sítio do Serrote I, em condições não-estratificadas (e em superfície), é resultado de sucessivas ocupações do espaço por distintos grupos ceramistas ou representa variação funcional em uma mesma ocupação?

- **Hipóteses**

a. O material cerâmico contido em concentrações em superfície no sítio do Serrote I reflete a existência de conjuntos cerâmicos oriundos de distintos sistemas de ensino-aprendizagem de confecção e uso de artefatos, porque resulta da participação de diferentes grupos tecnológicos no processo de ocupação da área.

b. Um dos distintos perfis cerâmicos é oriundo de um evento de reocupação do espaço por um grupo tremembé, cuja presença é, nas fontes etno-históricas, relacionada à enseada de Jericoacoara.

As hipóteses seriam reforçadas se, ao longo da caracterização de elementos técnicos, morfológicos e decorativos do conjunto cerâmico, fossem verificados perfis cerâmicos distintos no interior do sítio do Serrote I, porque a verificação de heterogeneidade tecnológica reforçaria a hipótese da reocupação do espaço.

As hipóteses seriam falseadas no caso de atestarmos homogeneidade de escolhas e gestos técnicos a caracterizar o perfil cerâmico do sítio do Serrote I, aliada a informações (oriunda de elementos contextuais ou da caracterização morfo-funcional) indicativas de que a variação existente resultava, tão somente, da adequação de diferentes vasilhas a escopos funcionais específicos.

Também lançamos mão da cronologia, construída por meio de métodos absolutos e relativos, com o objetivo de verificar as hipóteses em questão.

¹⁷ Como vimos no Capítulo I, as informações etno-históricas sobre a presença Tremembé em Jericoacoara referem-se ao período entre 1603 e 1671.

3.3 OBJETIVOS

- GERAL

- contribuir para a compreensão de aspectos relacionados ao processo de ocupação da enseada de Jericoacoara.

- ESPECÍFICOS

- caracterizar a coleção cerâmica do sítio do Serrote I;

- estabelecer, através de métodos de datação absoluta e relativa, indicativos cronológicos para o processo de ocupação da área relacionada à enseada de Jericoacoara.

3.4 METODOLOGIA

Em função das hipóteses e dos objetivos especificados nos tópicos anteriores, lançamos mão de estratégias metodológicas que nos permitiram investigar as causas da variabilidade observada no interior do sítio do Serrote, contrastando, assim, a hipótese formulada.

O perfil cerâmico foi caracterizado a fim de demonstrar se havia, na coleção contida sobre uma mesma superfície erodida, homogeneidade ou heterogeneidade nos processos de manufatura e uso, servindo, assim, ao fim de testar a sobreposição de grupos tecnológicos distintos em sítios de superfície. No caso específico do sítio do Serrote I, que se encontra sob condições predominantemente não-estratificadas, o estabelecimento de um perfil cerâmico é, sob determinado ponto de vista teórico, um referencial metodológico que pode contribuir para verificar a hipótese sobre sobreposição e mistura de ocupações, através da caracterização de elementos técnicos, morfológicos, funcionais e decorativos.

Para além das classificações tipológicas que se baseiam em características contidas na forma final do artefato, as “tipologias morfotécnicas” fundamentam-se no suposto de que todo o processo de manufatura, desde a aquisição da matéria-prima, orienta-se ao fim de produzir um objeto planejado para ter determinado formato e servir a uma determinada função, o que denota conhecimento e planejamento técnicos, os quais podem ser apreendidos nas análises da cerâmica arqueológica a partir da análise de atributos tecnológicos (EIROA, 1999).

A forma final de um objeto é, portanto, um elemento inerente ao processo tecnológico, sob a forma de planejamento técnico.

A forma, tomada sob o paradigma sistêmico-funcional pelo que teria de reveladora de funcionalidades relacionadas a padrões de adaptação ao meio e, sob o paradigma normativista, pelo que teria de reveladora de aspectos que poderiam diagnosticar difusão, foi considerada por James Sackett como diagnóstico de diferentes sistemas sociais de ensino-aprendizagem.

Assim, analisamos os atributos que informavam sobre a sequência operacional envolvida na produção cerâmica, tomando-os como indícios de processos tecnológicos que poderiam caracterizar "memórias operatórias sociais" e, por conseguinte, entidades culturais arqueológicas.

Vale chamar a atenção para o fato de que a análise estilística não esteve, tão-somente, a serviço de cronologias relativas. Esta análise buscou ser mais um elemento a subsidiar a discussão sobre o processo de ocupação do litoral e sobre formas de utilização do espaço compreendido pelo atual Ceará, especificamente pelo interjacente relacionada à enseada de Jericoacoara, ao longo do tempo.

As hipóteses em questão também serão testadas a partir de elementos crono-estratigráficos, apesar raridade de testemunhos estratificados no sítio do Serrote I.

Dados estratigráficos que apontem o sítio do Serrote I como um sítio unicomponencial falsearão a hipótese de reocupação, mas, considerando-se a possibilidade de “palimpsestos em profundidade”, não chegarão a refutá-la.

Com o termo “palimpsestos em profundidade”, referimo-nos aos casos em que os remanescentes de várias ocupações são estratificados juntos, de modo que, quando evidenciados, representam uma única ocupação. Em ambientes de intensa dinâmica geológica, a estratificação de remanescentes arqueológicos ocorre por meio de processos que operam quase que independentemente em relação aos episódios ocupacionais, estando, assim, mais diretamente relacionados aos índices da dinâmica geológica da área (BINFORD (1982, p. 16) *apud* FAGUNDES (2005)).

Desta forma, a estratigrafia, apesar do encontro de uma camada bem definida continuou, após as escavações propostas como metodologia proposta para contrastar a hipótese de ocupação exclusiva, sendo objeto de problematização e não um elemento, “pronto e acabado”, a reforçar a hipótese.

Atualmente, uma diversidade de enfoques convergem para fornecer uma visão mais abrangente da variabilidade intra-sítio, contribuindo para uma revisão crítica da noção de contextos deposicionais, anteriormente interpretados, a priori, como pisos de ocupação (*living floors*), sem muita problematização sobre os limites e alcances deste conceito. Mesmo os casos clássicos de presumíveis pisos de ocupação estão sendo revistos à luz de evidências de atuação de agentes geológicos que estão ligados a processos pós-deposicionais (MEDEIROS, 2005, p. 94). Este referencial fornece perspectivas importantes para a interpretação do registro arqueológico, sobretudo em ambientes eólicos.

4 INTERVENÇÕES EM CAMPO: METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

4.1 APRESENTAÇÃO DO SÍTIO DO SERROTE I

Na planície costeira de Jericoacoara, já foram identificados quatro sítios arqueológicos, designados Malhada, Sítio do Serrote I, Sítio do Serrote II e Sítio do Serrote III. Ao longo desta pesquisa, trataremos somente sobre o sítio do Serrote I, dada a adequação de uma de suas concentrações aos objetivos desta pesquisa.

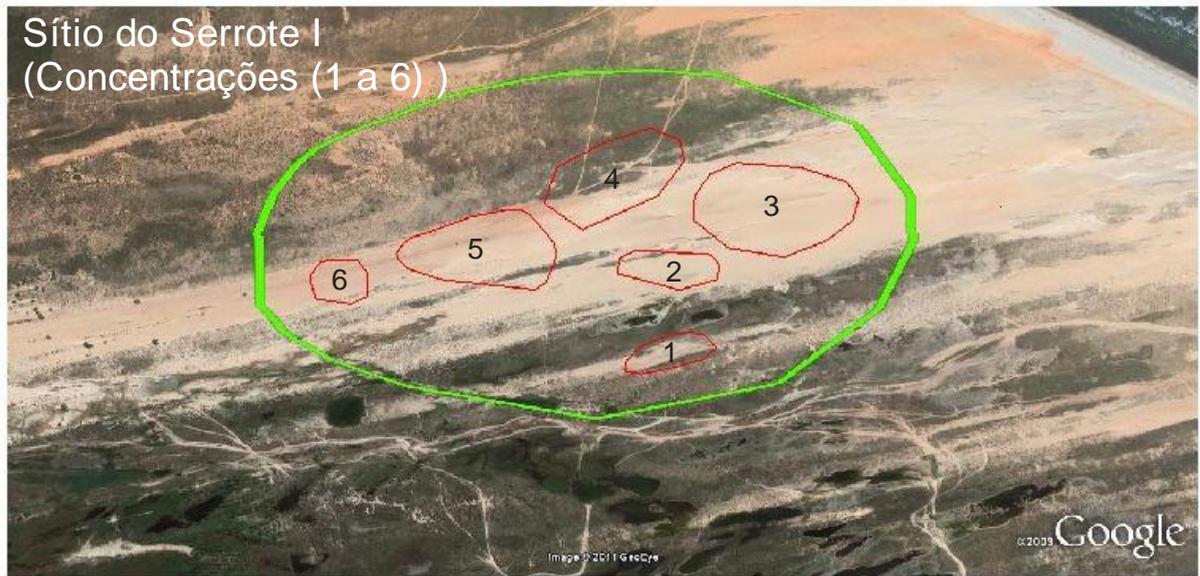
A seleção de, apenas, uma pequena área do sítio do Serrote I para passar por estudos deve-se a diversos condicionantes, mas, sobretudo, deve-se à manutenção de critérios voltados à minimização de intervenções no sítio que, desde o ano de 2005, sob coordenação da arqueóloga Verônica Viana, vêm orientando as intervenções de campo naquela área (VIANA *et al.*, 2007, p. 187).

O sítio do Serrote I possui dimensões aproximadas de 1,5 km². No interior da área deste sítio ocorrem cerca de seis concentrações vestigiais, as quais aparecem em feições erosivas que se apresentam sob a forma de depressões, entre as quais predominam aquelas do tipo *rebodus* (“caldeiras”) e *blowouts* (“corredores de vento”). Tais feições aparecem seguindo a direção dos ventos predominantes, no caso nordeste-sudoeste.

Figura 3- Localização dos sítios arqueológicos identificados em Jericoacoara



Figura 4- Ênfase nas concentrações contidas no Sítio do Serrote I



As concentrações observadas em superfície no Sítio do Serrote I, bem como nos outros sítios identificados nas proximidades deste, são compostas, de forma geral, por materiais cerâmico, lítico, malacológico e por estruturas compostas por seixos e blocos dispostos de forma circular e semi-circular, em meio aos quais aparecem, na maioria das vezes, carvões.

Fotografias 5, 6, 7, 8- Materiais líticos e malacológicos contidos na Concentração 1 do sítio do Serrote I



Fonte: Fotografias: Karlla Soares (setembro de 2010)

A Concentração 1 do sítio do Serrote I encontra-se sobre uma superfície erodida (corredor eólico) margeada por feições deposicionais que possuem potencial arqueológico de subsuperfície. Conforme pudemos perceber através de perfis naturalmente expostos nestas feições deposicionais, a concentração de vestígios arqueológicos encontra-se topograficamente rebaixada em relação ao nível originalmente ocupado, em virtude do solapamento da matriz sedimentar e da movimentação vertical, com rebaixamento dos vestígios para cujo transporte o vento não teve competência.

Fotografia 9- Feição deposicional sul (A) e erosiva (B) na Concentração 1 do Sítio do Serrote I



Fonte: (Fotografia: Marcus Vinícius Pompílio (setembro de 2010))

Tendo em vista o potencial de superfície e subsuperfície da Concentração 1, esta foi selecionada para passar por intervenções entre os meses de agosto e setembro de 2010.

4.2 METODOLOGIA E TÉCNICAS DAS INTERVENÇÕES EM CAMPO

4.2.1 A seleção da área a passar por intervenções

Orientando-nos por estudos arqueológicos já realizados no litoral nordestino, ajuizamos alguns dos principais critérios a serem envolvidos na seleção de áreas que passariam pelas intervenções arqueológicas planejadas para esta pesquisa. No que se refere à potencialização de informações contidas em sítios arqueológicos mediana ou severamente erodidos, Medeiros fez as seguintes considerações:

Um dos componentes do registro arqueológico desses sítios [erodidos]: as diferenças técnicas e morfológicas entre elementos da cultura material sugerem ocupações de grupos étnicos diversos talvez em cronologias diferentes. Nos sítios erodidos resulta muito difícil desenredar os palimpsestos produzidos por ocupações. Não obstante, as dunas inativas podem fornecer evidências não perturbadas desses grupos, fornecendo hipóteses para a interpretação dos sítios erodidos. (MEDEIROS, 2005, p. 104)

A possibilidade de identificação de porções de natureza sedimentarmente consolidada foi um dos principais critérios de escolha da área que passaria por intervenções em Jericoacoara.

Por este motivo, selecionamos, no interior do sítio do Serrote I, a área de um corredor eólico em cujas margens havia feições deposicionais que apresentavam indicativos de consolidação que permitiriam, em subsuperfície, investigação crono-estratigráfica. Ao conjunto formado pelo corredor eólico, repleto de vestígios arqueológicos em superfície, e pelas feições deposicionais adjacentes, portadoras de potencial arqueológico de subsuperfície, designamos Concentração 1 (do Sítio do Serrote I).

Tanto o perfil natural norte (do corredor eólico da Concentração 1) como o perfil natural sul (do corredor eólico da Concentração 1) expunham elementos diversos relacionados à ocupação pretérita da área e a eventos naturais ali processados.

No perfil natural sul, mais preservado, há um registro mais completo dos processos ocorridos na área. Ali, pudemos observar uma camada escurecida por matéria orgânica (10 YR 3\2-Munsell), no interior da qual existem estruturas formadas por seixos, carvão e sedimento queimado e, estratigraficamente acima desta, uma camada menos espessa composta por

materiais malacológicos que podem indicar a existência de uma antiga lagoa temporária naquele local.

Em ambos os perfis naturais, foi possível perceber o deslizamento de vestígios desde a camada escurecida observável no perfil.

Fotografia 10- Camada escurecida visualizável no perfil natural da feição deposicional a sul do corredor eólico, vista a partir da margem oposta do corredor.



Fonte:(Fotografia: Karlla Soares (agosto de 2010))

Tais vestígios rolam até a base do corredor eólico, já formada por uma densa concentração de vestígios arqueológicos, cuja evidenciação e atual presença sobre uma superfície erodida pode ser explicada por um contínuo processo de solapamento da matriz sedimentar por conta da deflação eólica, que carrega as partículas menores, deixando os vestígios arqueológicos. Os referidos vestígios, desta forma, vão sendo depositados em níveis topográficos cada vez mais baixos em relação à posição original da camada.

Na base do corredor eólico, foram realizadas coletas de superfície. A feição deposicional norte, por sua vez, deu lugar a intervenções de subsuperfície.

Fotografia 11- Nível da camada de ocupação evidenciada durante escavações na quadrícula 39 L (da feição deposicional norte da Concentração 1) em relação ao nível da superfície do corredor eólico (canto superior direito da Fotografia)-



Fonte: (Fotografia: Verônica Viana (setembro de 2010)).

Os tópicos seguintes contarão com uma exposição dos procedimentos tecno-metodológicos envolvidos nas intervenções arqueológicas na *Concentração 1* do sítio do Serrote I.

4.2.2 Levantamentos planialtimétricos

O levantamento topográfico de toda a área do sítio foi realizado através de pontos topográficos homogeneamente distanciados, fazendo uso do equipamento *estação total*, com o intuito de produzir uma grade que contivesse informações sobre a topografia da área relacionada à Concentração 1. Como parte desta atividade, foi realizada a descrição geomorfológica de cada feição a ser representada nos mapas a fim de que as representações pudessem conter informações que auxiliassem na interpretação da situação deposicional dos vestígios a serem coletados, em superfície ou profundidade, na área da concentração.

4.2.3 Coletas sistemáticas de superfície

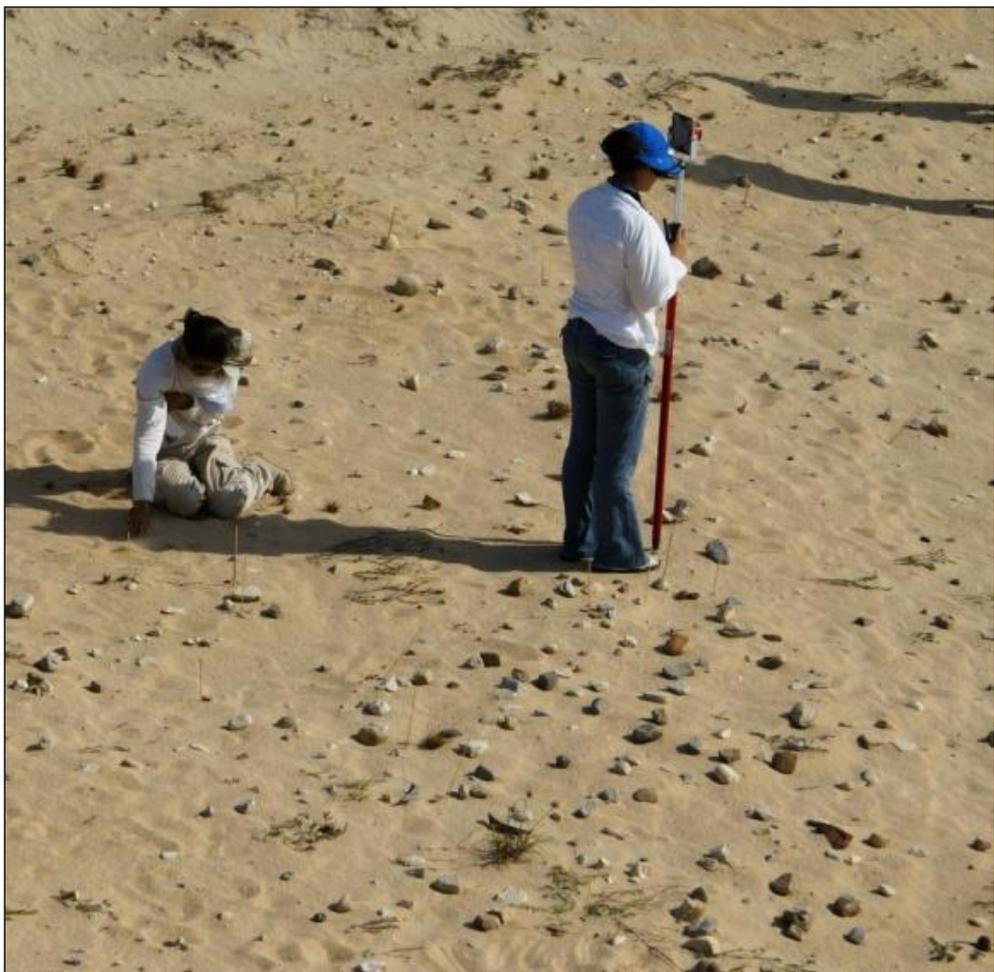
Durante as coletas sistemáticas de vestígios em superfície, na base do corredor eólico, utilizamos o equipamento *estação total* a fim de registrar um ponto topográfico para cada vestígio coletado ou para um grupo de vestígios da mesma natureza (material lítico, cerâmico, malacológico, entre outros) que estivessem separados por uma distância máxima de 10-15 cm.

Fotografia 12- Coletas sistemáticas de superfície na área do corredor eólico da Concentração 1 do sítio do Serrote I



Fonte: (Fotografia: Sérgio Santana (setembro de 2010))

Fotografia 13- Coletas sistemáticas de superfície na área do corredor eólico da Concentração 1 do sítio do Serrote



Fonte: I (Fotografia: Karlla Soares (setembro de 2010))

Os vestígios foram coletados em sacos plásticos e identificados por meio de etiquetas em que constavam, entre outras informações, dados como o ponto topográfico e o nome do pesquisador responsável pela coleta.

4.2.4 Sondagens e escavações arqueológicas

No sítio do Serrote I, foram realizadas sondagens na feição deposicional norte da Concentração 1, adjacente e relacionada ao corredor eólico que conta com a coleção quantitativamente mais expressiva existente naquela concentração arqueológica.

Fotografia 14- Área deposicional (B) e erosiva (C) que foram, respectivamente, alvo de escavações e coletas de superfície



Fonte: (Fotografia: Karlla Soares (junho de 2010))

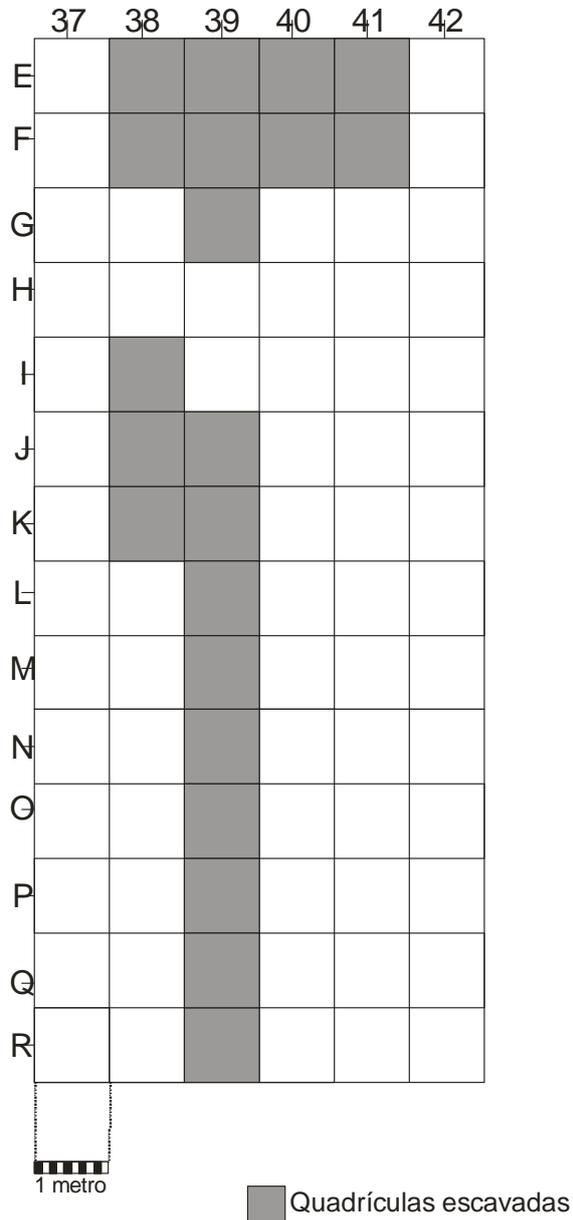
As sondagens e escavações foram realizadas em conformidade com o objetivo de produzir dados que, aliados ao perfil cerâmico, permitissem investigações crono-estratigráficas a partir da comparação entre a situação encontrada em superfície e profundidade, já que *as dunas inativas podem fornecer evidências não perturbadas (...), fornecendo hipóteses para a interpretação dos sítios erodidos* (MEDEIROS, 2005, p. 104).

As escavações foram procedidas por meio de uma trincheira linear através do processo de escavação estratigráfica¹⁸, com decapagens por níveis naturais.

¹⁸ Segundo este método, os estratos de um sítio são escavados respeitando seus contornos e dimensões naturais, na ordem inversa de sua deposição (HARRIS, 1991, p. 210).

Figura 5- Representação gráfica da Trincheira 1, bem como da área escavada, até o presente momento, no sítio do Serrote I

TRINCHEIRA 1-Concentração 1 do Sítio do Serrote I
(Feição deposicional norte)



Contudo, as primeiras quadrículas escavadas (quadrículas 38 E e 38 F), foram designadas 'sondagem' e escavadas por níveis artificiais de 10 centímetros, com o objetivo de reconhecer a existência e caracterização de uma sequência estratigráfica naquela feição deposicional em

cujo perfil natural¹⁹ já havia sido possível perceber a existência de artefatos e estruturas em profundidade, através de uma lente de cinza, carvão e blocos de quartzo e arenito²⁰.

Reconhecido o padrão de estratificação local por meio das sondagens, passamos à escavação estratigráfica²¹, com decapagens por níveis naturais.

4.3 RESULTADOS OBTIDOS

4.3.1 Estratigrafia e cronologia

Ao longo das escavações, verificou-se a existência de uma camada possuidora de registro da ocupação humana a aproximados 70-90 centímetros de profundidade. A referida camada de ocupação foi datada de 1100 BP²² e associada ao início da ocupação daquele trecho do sítio do Serrote I, já que, aprofundando as escavações até o topo da arqueologicamente estéril formação Barreiras, não verificamos a ocorrência de quaisquer outras evidências de ocupação humana anterior.

Já no que diz respeito a uma possível ocupação mais recente, não afirmariamos a sua inexistência, pois não podemos perder de vista a possibilidade de perda de porções superiores portadoras de registro de ocupação por conta de desconstrução sedimentar, tendo em vista o revolvimento observado na superfície atual daquela feição, sobretudo quando a comparamos ao perfil natural sul que apresenta altimetria sugestiva de uma maior integridade²³ (vide Fotografia 10, à página 53).

¹⁹ Neste trabalho, ‘perfil natural’ deverá ser entendido como cada face lateral do corredor eólico da ‘Concentração 1’ exposta pelos processos naturais de deflação que geraram o referido corredor (feição erosiva). Para as análises estratigráficas, o corredor eólico é exemplo de uma área de descontinuidade ou interface de destruição por perturbação posterior da estratificação do sítio (HARRIS, 1991, *passim*).

²⁰ Agentes de desconstrução sedimentar, como o vento, geram *blowouts*, *rebds*²⁰, entre outras feições erosivas. As barreiras (perfis) que margeiam determinadas feições erosivas funcionam como “janelas” que permitem a visualização de artefatos, estruturas e/ou camadas de ocupação existente em profundidade.

²¹ Segundo este método, os estratos de um sítio são escavados respeitando seus contornos e dimensões naturais, na ordem inversa de sua deposição (HARRIS, 1991, p. 210 [tradução nossa]).

²² A datação foi realizada no laboratório Beta Analytic a partir de uma amostra de carvão coletada na Fogueira 1 da feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I.

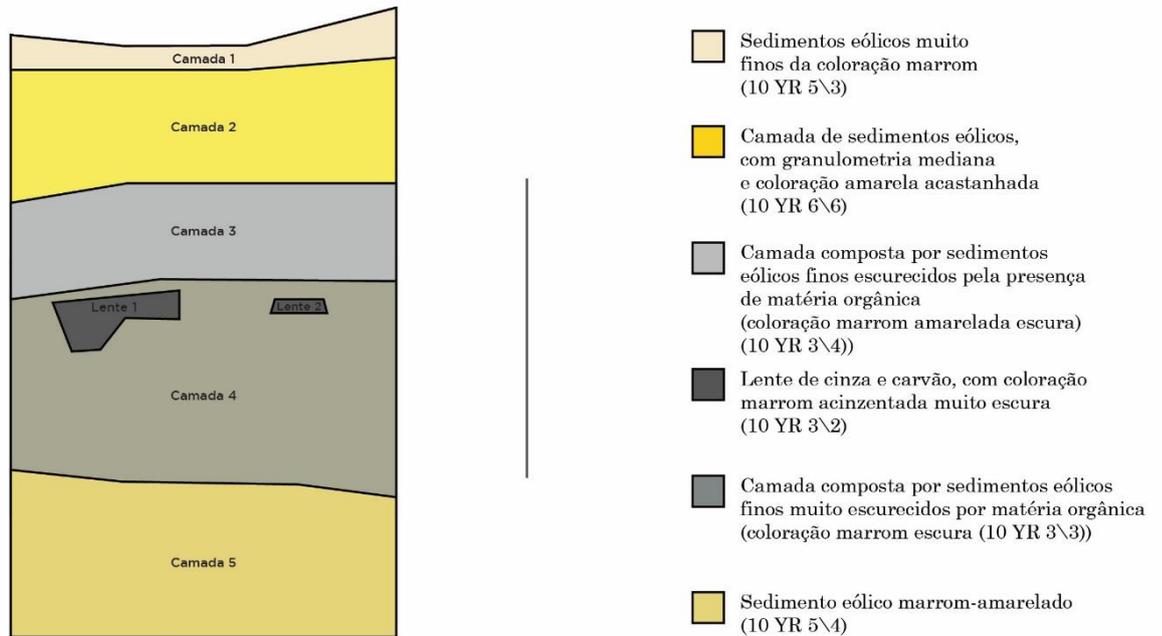
²³ As escavações não foram realizadas nesta feição aparentemente mais completa, porque, tomando consciência da profundidade da camada de ocupação a partir da observação do perfil naturalmente exposto, percebemos os riscos de desmoronamento e soterramento a que a equipe estaria sujeita na falta de mecanismos adequados de escoramento de perfis.

Ao longo das escavações na feição norte, de forma geral, foi identificada uma primeira camada formada por sedimentos eólicos finíssimos e claros; em seguida, estratigraficamente abaixo da camada anteriormente referida, pudemos observar uma camada de sedimentos com granulometria mais grossa e coloração amarelada. A terceira camada é de sedimentos médios e de coloração acinzentada.

A quarta camada, por sua vez, é aquela que registra a ocupação humana entre aproximados 70 e 90 centímetros de profundidade.

Figura 6- Representação gráfica do perfil norte da quadrícula 41 E a 1,60 m de profundidade

**SÍTIO DO SERROTE, JERICOACOARA - CE
QUADRÍCULA 41E (PERFIL NORTE) - TRINCHEIRA 1**



Sobre a diferenciação procedida entre as camadas 3 e 4, vale ressaltar que ao longo destas havia homogeneidade de características sedimentológicas que poderiam caracterizá-las como uma única unidade de estratificação, caso levássemos em conta apenas os fatores naturais da deposição. A distinção da camada 4 dá-se no plano dos atributos oriundos da ocupação humana da área.

A camada 4 foi reconhecida como sendo a camada arqueológica, tendo em vista a predominância da ação humana no processo de formação desta unidade de estratificação que contava com material cerâmico e lítico, além dos elementos relacionados à presença de uma

fogueira da qual foram coletadas amostras de carvão e sedimento a serem utilizadas para datações radiocarbônicas e por termoluminescência.

Fotografia 15- Cerâmica e carvão identificados durante escavações na feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I



Fonte: (Fotografia: Karlla Soares (setembro de 2010))

Fotografia 16- Cerâmica e carvão identificados durante escavações na feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I (detalhe da Fotografia anterior)- (Fotografia: Karlla Soares (setembro de 2010))



(Fotografia: Karlla Soares (setembro de 2010))

Nas imagens acima (Fotografias 15 e 16), apresentamos a quadrícula 40 F, na qual pôde ser observado o mesmo padrão de estratificação observado na quadrícula 41E (vide representação gráfica da Figura 6).

Os fragmentos cerâmicos coletados na camada 4 da quadrícula 40 F, a aproximadamente 80 cm de profundidade, estavam no mesmo nível em que se encontravam as lentes de cinza e carvão da quadrícula 41E, representadas na Figura 6 sob a forma de manchas escuras.

Nas quadrículas 39 K e 39 L, situadas no outro extremo da trincheira, o mesmo padrão de estratificação também foi observado, com o aparecimento de uma fogueira na camada 4.

Fotografia 17- Fogueira identificada durante a escavação da Quadrícula 39 L- Feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I



Fonte: (Fotografia: Karlla Soares (setembro de 2010))

Fotografia 18- Fogueira identificada durante a escavação da Quadrícula 39 L- Feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I



Fonte: (Fotografia: Karlla Soares (setembro de 2010))

A identificação de uma única camada de ocupação aponta para a possibilidade da participação de um único grupo ceramista no processo de ocupação da área, mas as especificidades referentes à formação do registro arqueológico em ambientes eólicos fazem-nos prever a necessidade de revisão dos conceitos de “piso de ocupação”. Daí, a escolha metodológica de seguirmos contrastando a nossa hipótese, também, a partir da análise do conjunto artefactual e de datações relativas e absolutas, tentando perceber os processos que estão por trás das associações do registro arqueológico, a fim de afastar o risco de considerar eventos meramente deposicionais como sendo resultado de eventos ocupacionais. Como vimos, escavações futuras na feição deposicional sul também poderão contribuir muito para a continuidade desta investigação.

5 ANÁLISES DE LABORATÓRIO: METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

5.1 ANÁLISE CERÂMICA

5.1.1 Delimitação do campo de análise

A análise cerâmica foi realizada de acordo com as orientações teórico-metodológicas desenvolvidas por Oliveira (2000) para estabelecimento de perfis cerâmicos, segundo as quais um perfil cerâmico é uma estrutura caracterizada por elementos técnicos, morfológicos, funcionais e decorativos, organizados segundo regras de hierarquia (Oliveira, 2000).

No perfil cerâmico os elementos técnicos são as matérias-primas, os instrumentos utilizados, as técnicas de elaboração, de queima, enfim, todas as técnicas de produção do objeto. Os elementos morfológicos são a forma, o tamanho e todos os atributos ligados à forma dos objetos. Os elementos funcionais caracterizam a finalidade de utilização de cada objeto e, finalmente, os elementos decorativos que são as técnicas, os motivos, associação das técnicas, a qualidade de pigmentos, a combinação de cores etc.(OLIVEIRA, 2000, p. 100).

Ainda seguindo orientações contidas em Oliveira (2000), optamos por trabalhar o universo da análise cerâmica através de uma classe de fragmentos e de uma classe de objetos.

A classe dos fragmentos agrupou os fragmentos que reuniam elementos que informavam sobre tipo de pasta, tipo de tratamento de superfície e sobre a sua classificação morfológica (bojo, base, borda ou bojo-base).

A classe dos objetos agrupou fragmentos que, além de possuir todos os elementos pertinentes à classe dos fragmentos, possuíam também elementos que permitiam a reconstituição hipotética de vasilhames. A classe dos objetos é formada, mormente, por fragmentos do tipo borda-bojo ou do tipo borda-bojo-base. Algumas reconstituições hipotéticas também foram procedidas por meio de fragmentos do tipo borda, mas estas se mostraram bastante limitadas, tendo em vista a falta, neste tipo de fragmento, do ponto de inflexão que permite a reconstituição da profundidade do vasilhame e de outros elementos indicativos de aspectos do contorno do bojo.

Os demais fragmentos, que não se incluíram nas classes de fragmentos e objetos, passaram a compor uma **classe de análise residual** e uma **classe de análise diferida**; estes últimos foram apenas contabilizados.

Na classe de análise diferida (a) ficaram os fragmentos que, tendo perdido elementos que dessem conta da morfologia que representavam, ainda reuniam informações sobre o tipo de pasta e o tipo de tratamento de superfície. Também foram considerados representantes da classe diferida os fragmentos que puderam ter a morfologia reconhecida, mas não puderam ser incluídos em uma unidade, dada à inexistência de tratamento de superfície em pelo menos uma das faces.

Na classe de análise residual, foram agrupados os fragmentos que não permitiam a identificação da técnica de tratamento de superfície em pelo menos uma das faces, tampouco a identificação morfológica.

5.1.2 Procedimentos analíticos

5.1.2.1 *Segregação das unidades*

Sob o referencial adotado, a segregação das unidades deu-se através da junção do tipo de pasta e do tipo de tratamento de superfície que os fragmentos apresentavam.

A percepção dos diferentes tipos de pasta baseou-se na separação dos fragmentos com base no tipo de antiplástico (em sua granulometria e composição mineralógica) e na relação antiplástico\ argila observada em cada tipo de pasta cerâmica; a frequência relativa antiplástico\ argila é que define a textura da pasta.

Para o reconhecimento dos minerais de forma macroscópica, fizemos uso de critérios relacionados à dureza e às características visualizáveis dos minerais.

Para a definição da textura de cada tipo de pasta cerâmica, fizemos uso de um gráfico para estimativa de inclusões contido em Orton; Tyers; Vince (1997).

5.1.2.2 Definição dos atributos analisados

Conforme já tratamos ao longo deste trabalho, durante a análise cerâmica lançamos mão da análise de atributos²⁴ tecnológicos da coleção cerâmica da Concentração 1 do Sítio do Serrote I que pudessem fornecer, em função do problema e dos objetivos da pesquisa, subsídios ao estudo do processo de ocupação da enseada de Jericoacoara. Ao longo da análise cerâmica, os atributos analisados foram o tipo de pasta (1), as técnicas de manufatura (2), a queima (3), os tratamentos de superfície (4) e as formas (5), compreendidos conforme a conceituação abaixo:

Pasta — A pasta cerâmica é compreendida pela frequência relativa de antiplástico e argila, sendo indicativa das tendências produtivas do artesão. Para Brochado e La Salvia (1989), uma possível classificação das pastas baseada na relação entre argila e antiplástico dá-se através dos critérios a seguir:

Quadro 2- Critérios para a caracterização da frequência relativa entre argila e antiplástico na pasta cerâmica.

| Pasta | Argila | Antiplástico |
|--------------------------|---------------|---------------------|
| 1. Dura | 20% ou menos | 75% ou mais |
| 2. Seca | 25% a 50% | 50% a 75% |
| 3. Medianamente plástica | 50% | 50% |
| 4. Plástica | 50% a 75% | 50% a 25% |
| 5. Muito plástica | 75% ou mais | 20% ou menos |

Como já tratamos no tópico anterior, utilizamos um gráfico para estimativa de inclusões contido em Orton; Tyers; Vince (1997) a fim de estabelecer esta frequência relativa. Embora tenhamos partido da tabela acima, a aplicação desta terminologia na coleção analisada demonstrou a

²⁴ Para Clarke (1968 apud MARTÍNEZ, 1990), atributo é uma característica logicamente irredutível, de dois ou mais estados, que atua como variável independente em um sistema concreto de artefatos.

necessidade de utilização de apenas dois termos, pasta fina e pasta grossa, para fazer a distinção entre um tipo de pasta muito plástica (pasta fina) e as demais, pastas grossas, estas últimas possuidoras de texturas semelhantes.

As análises de alguns parâmetros para a descrição da pasta não perceptíveis a olho nu foram procedidas por meio de análises físico-químicas, tais como lâminas petrográficas e difratometria por raios X, mas, para fins de segregação das unidades, foram considerados somente os parâmetros que podiam ser percebidos macroscopicamente, permitindo uma distinção imediata.

Como vimos, a caracterização de diferentes tipos de pasta baseou-se na consideração de fatores, tais como a textura, que representam o resultado da junção de uma série de elementos envolvidos na produção da pasta. A definição de pasta utilizada ao longo deste trabalho, portanto, seguirá a perspectiva destas interrelações, de natureza quantitativa e qualitativa.

Após a segregação de unidades, passamos a caracterizar os elementos técnicos, morfológico-funcionais e decorativos. O principal objetivo desta análise foi o de obter dados sobre as ‘escolhas técnicas’ existentes nas diferentes unidades. Referimo-nos a padrões de escolha de matéria-prima e manufatura que pudessem revelar traços diacríticos, constituindo-se como potenciais indicadores de padrões de escolha tecnológica.

Manufatura — Para inferir sobre as técnicas de manufatura utilizadas para a produção cerâmica, observamos alguns elementos principais: as marcas presentes na superfície (1), a tendência de fratura nos fragmentos (2), o tipo de fratura (3).

Entre as principais marcas de superfície, buscamos identificar possíveis impressões de instrumentos ou das mãos do ceramista, marcas de arrasto indicativas da técnica do modelamento ou saliências e ondulações demonstrativos da presença de roletes superpostos.

A tendência de fratura, por sua vez, pode demonstrar o tipo de confecção através da presença de positivos ou negativos de roletes, com uma quebra ‘reta’, seguindo a tendência dos roletes. A ocorrência de quebras que não seguem outra tendência que não seja a da própria forma e espessura das paredes dos objetos, por sua vez, é indicativa da utilização da técnica do modelamento ao momento da manufatura.

Sobre o tipo de fratura, observamos a presença ou ausência de traços da junção de roletes que pudesse indicar manufatura acordelada (OLIVEIRA, 2000, p. 148).

A análise por raios X é indicada para uma observação mais precisa sobre a existência ou não de roletes nos objetos, mas não foi realizada para esta pesquisa.

Queima — No âmbito da produção cerâmica, a queima trata-se de um processo físico-químico que consiste em transformar a pasta cerâmica por meio de elevação de temperatura. Durante este processo, a maior ou menor presença de oxigênio determina a oxidação ou redução, evidenciada pela textura e cor da cerâmica (CHMYZ, 1966, p. 18).

O processo de queima envolve atributos como temperatura, tipo de atmosfera, quantidade de matéria orgânica da argila, tipo de combustível e velocidade de elevação da temperatura, os quais variam muito conforme o tipo de queima utilizado e o controle exercido pelo ceramista (OLIVEIRA, 2000, p. 184; LUNA, 2001, p. 155). O controle destas diversas variáveis dependeria da utilização de técnicas de análises físico-químicas (OLIVEIRA, 2000, p. 184).

Seguindo a perspectiva adotada por Oliveira (2000) e Luna (2001), consideramos apenas elementos relacionados a efeitos ou marcas da queima a fim de determinar indiretamente o tipo de queima utilizada.

A fim de identificar elementos indicativos do tipo de queima realizada durante a manufatura dos objetos cerâmicos do sítio, observamos a cor das superfícies externa e interna e a cor do núcleo, além do tipo de quebra e da dureza dos fragmentos cerâmicos. Sendo assim, fica demonstrado que o tipo de queima só nos é alcançável de forma indireta e hipotética.

Um dos principais elementos utilizados na determinação indireta do tipo de queima foi a cor das superfícies, bem como das margens interna e externa e do núcleo dos fragmentos, observáveis, em corte transversal, a partir da quebra que gerou o fragmento. Enquanto a uniformidade de coloração entre núcleo e superfícies interna e externa dos fragmentos é indicativa de queima completa, a variação de cores no núcleo e nas superfícies interna e externa indica queima incompleta.

Vale ressaltar que os elementos observados e considerados indicadores dos tipos de queima possuem alto grau de ambiguidade, porque um mesmo traço pode ter sido originado por procedimentos diferentes (SHEPARD, 1961).

Tendo em vista os objetivos específicos desta pesquisa, submetemos fragmentos representativos de distintas unidades cerâmicas à difração por raios X a fim de perceber se semelhanças e diferenças por ventura existentes nas características das condições de queima indicavam homogeneidade ou heterogeneidade de gestos técnicos no interior da coleção de superfície da Concentração 1 do sítio do Serrote I. Este tipo de técnica auxilia na caracterização das condições de queima na medida em que identifica os minerais de argila contidos nos fragmentos e fornece uma indicação da temperatura máxima da queima (LUNA, 2001, p. 155). A indicação da temperatura máxima da queima advém do princípio de que alguns minerais sofrem alterações em sua estrutura cristalina quando submetidos a temperaturas conhecidas enquanto outros permanecem inalterados (LUNA, 2001, p. 155).

Tratamentos de superfície — Por tratamento de superfície, compreendemos as técnicas envolvidas nos acabamentos superficiais produtivos voltados à correção para aquisição da superfície dos objetos finalizados e também as decorações plásticas ou pintadas que recobrem as superfícies parcial ou totalmente. Considerando o reconhecimento prévio da existência de peças com tratamento de superfície a partir das técnicas do alisamento, do polimento, do banho e do banho sobre polimento, buscamos, ao longo das análises, identificá-las e caracterizá-las quanto a sua coloração, localização na peça e quanto a outros detalhes operacionais de sua aplicação.

O tratamento de superfície foi classificado em função das técnicas empregadas na sua realização, conforme detalhes de sua aplicação apreensíveis a partir da observação dos fragmentos. Brochado e La Salvia (1989, p. 17) assentam a caracterização dos diferentes tipos de acabamento produtivos aplicados à cerâmica na espessura da camada que geram sobre a superfície relacionada à pasta. Tal variação de espessura ocorreria em função da técnica empregada na confecção da pasta a ser utilizada no revestimento superficial.

Assim, o banho tratar-se-ia de um revestimento proveniente de um caldo de argila em suspensão na água aplicado à superfície cerâmica antes da sua queima, sendo um tipo delgado (com menos de 1mm de espessura) de barbotina (BROCHADO; LA SALVIA, 1989, p. 18). Sendo uma aplicação intencional, que busca um acabamento diferenciado seja plástico ou para a pintura,

sempre que ocorrer banho, seu julgamento será de caráter decorativo. (Brochado e La Salvia, 1989, p. 19)

Formas — Tendo em vista o nosso referencial teórico, bem como o problema formulado e as hipóteses a serem contrastadas ao longo de nossa pesquisa, as formas foram tomadas para além dos seus aspectos funcionais, sob a perspectiva de Sackett (1977), segundo a qual há uma forma, bem como uma função correspondente a tal forma, inserida em todo o processo da manufatura cerâmica, através do planejamento técnico.

No presente trabalho, consideramos os fatores relacionados ao planejamento técnico como meio de caracterizar o perfil cerâmico do sítio e, também, como meio de verificar a existência de diferentes padrões de utilização que, por ventura, possam ter caracterizado um sítio. No que se refere ao padrão de utilização do sítio ao longo dos tempos, a função dos objetos pode fornecer indícios de reuso ou de reocupação do espaço, na medida em que pode indicar elementos relacionados, por exemplo, à exploração de recursos alimentares em perspectiva sincrônica ou diacrônica. Elementos sobre a dieta, também são perscrutáveis a partir de análises químicas, buscando-se resíduos orgânicos através de técnicas de fluorescência, entre outras; tais análises não foram realizadas no curso desta pesquisa.

5.2 OUTRAS ANÁLISES

5.2.1 Cronologia relativa por meio da comparação de sinal TL

A fim de testar a hipótese da reocupação, lançamos mão da análise comparativa do sinal TL emitido por fragmentos cerâmicos representativos de cada conjunto que já havia sido segregado por meio da caracterização das técnicas. A referida análise foi realizada no laboratório do Departamento de Energia Nuclear (DEN) da Universidade Federal de Pernambuco pelo pesquisador Dr. Henry Lavalle.

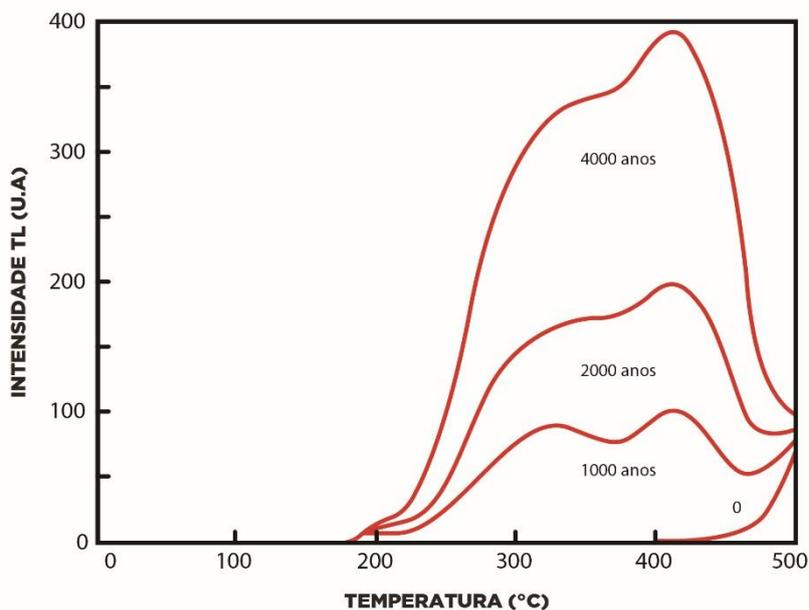
Tendo em vista que a datação de vários fragmentos cerâmicos por TL seria um procedimento bastante caro e demorado, optamos por iniciar a investigação de indicativos cronológicos por meio da comparação entre a dose acumulada de radiação em cada um dos fragmentos.

De acordo com o princípio fundamental da datação de vestígios cerâmicos por TL, a curva da intensidade luminosa (curva de emissão) emitida pela amostra em função da temperatura a que esta é submetida em laboratório, caracteriza-se por picos cujas alturas relacionam-se à quantidade de radiação absorvida pelo vestígio-amostra desde que este foi “zerado”²⁵ durante a confecção do objeto cerâmico mediante a sua queima com finalidade de cozimento. A quantidade de radiação absorvida após o referido zeramento, desta forma, é proporcional ao tempo em que esta amostra esteve exposta à radiação ambiente após o fabrico, variando de acordo com a taxa de dose de radiação anual de cada local onde o vestígio foi descartado e ficou depositado ao longo dos tempos.

Conhecendo a medida da taxa de dose anual, é possível inferir o tempo que foi necessário para o acúmulo total verificado em cada vestígio-amostra e, assim, torna-se possível inferir o tempo transcorrido desde a manufatura cerâmica até a sua identificação no registro arqueológico. O tempo transcorrido entre a queima relacionada à manufatura cerâmica (com o zeramento da radiação acumulada naturalmente) e o momento atual teria sido menor em um conjunto manufaturado\ queimado em período mais recente, o que implicaria em um menor acúmulo de dose radioativa.

²⁵ Esta expressão refere-se à perda total da radiação anteriormente acumulada pelos minerais em questão.

Figura 7- Curvas ilustrativas representando que, sob as mesmas condições de dose anual de radiação, a altura do pico é diretamente proporcional à idade da amostra



(Fonte: SANTOS, 2002, p. 24)

Tendo em vista o princípio acima descrito, procedemos à comparação do sinal TL emitido, em laboratório, por amostras de fragmentos cerâmicos representativas de cada uma das quatro pastas produtivas segregadas durante a análise cerâmica.

Com este procedimento, tivemos o objetivo de obter uma datação relativa para o sítio do Serrote I a partir da coleção cerâmica. Assim, poderíamos verificar a existência de indicativos cronológicos que sugerissem continuidade ou descontinuidade ocupacional a ser confrontada aos dados técnicos obtidos por meio da caracterização da cerâmica do mesmo sítio.

Como se depreende das informações expostas ao longo deste trabalho, esta técnica está em consonância com o plano metodológico traçado para a obtenção de dados, cronológicos e tecnológicos, que pudessem subsidiar o estudo sobre o processo de ocupação de uma área que se encontra em condições predominantemente não-estratificadas.

No passado, sobretudo antes da década de 1950 e do advento de métodos de datação absoluta, muitos dos estudos de sítios arqueológicos de superfície estiveram pautados no objetivo de obter datas relativas para os artefatos arqueológicos. Sob orientação de pesquisas mais recentes, que demonstram a importância de se estudar a variabilidade artefactual explicando as suas causas e a sua relevância para a compreensão do modo de vida de grupos específicos, bem como para

a compreensão da interrelação entre grupos distintos, o presente trabalho assume o objetivo de contribuir para o estudo do processo de ocupação litorânea a partir da caracterização técnica, morfológica e funcional de um conjunto artefactual, além de sua inserção cronológica.

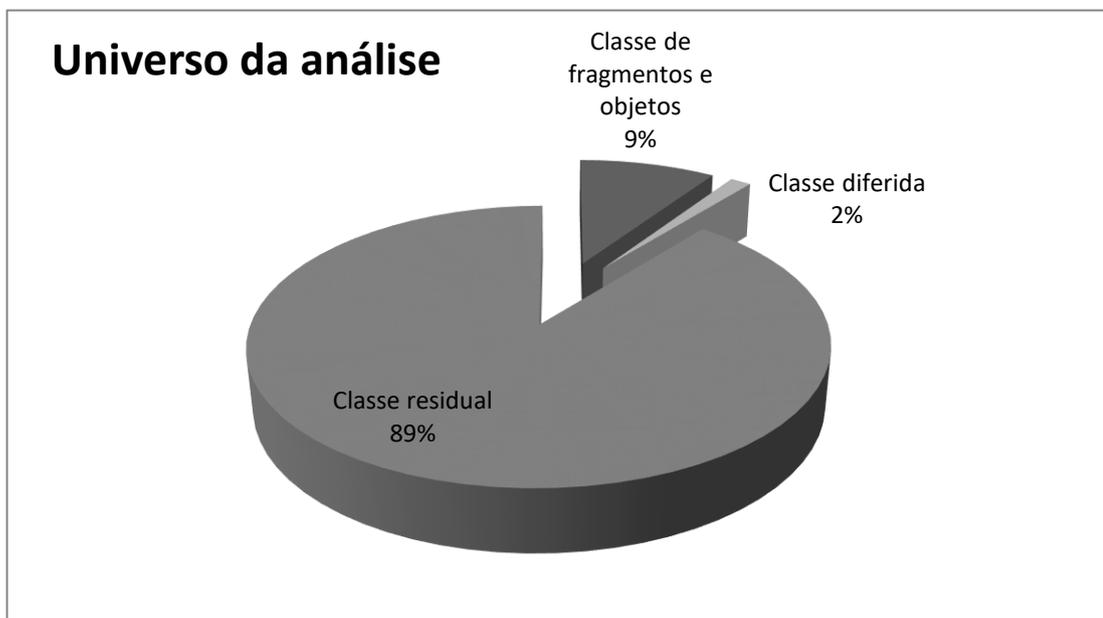
A nossa hipótese seria consubstanciada se as semelhanças e distinções técnicas encontrassem paralelos nas distinções e semelhanças do sinal TL obtido a partir dos fragmentos representativos de cada unidade cerâmica.

5.3 RESULTADOS DAS ANÁLISES

5.3.1 O universo de fragmentos

O universo dos fragmentos analisados é de 1824 fragmentos, dos quais 1797 foram coletados em superfície, na base de um corredor eólico, e 27 foram coletados durante escavações realizadas na feição deposicional relacionada à margem norte do corredor eólico em questão, em uma camada de ocupação situada em altimetria elevada em relação à concentração de vestígios e estruturas arqueológicas que estavam na base do corredor eólico. Como vemos, a coleção quantitativamente mais expressiva encontra-se em superfície, possivelmente “misturada”.

Figura 8- Representação gráfica do universo de fragmentos analisados



O grande percentual de fragmentos associados à classe residual está relacionado ao ambiente da sua deposição. A perda dos elementos que informam sobre tratamento de superfície e até

mesmo sobre morfologia é bastante comum em fragmentos cerâmicos que estiveram continuamente sujeitos à abrasão causada pelo deslocamento de partículas sujeitas à ação eólica.

Não foi possível reconstituir formas a partir de fragmentos coletados em profundidade e, assim, a comparação com intuito de relacionar elementos tecnológicos à estratigrafia só pôde ser procedida no nível dos fragmentos.

5.3.2 Caracterização das unidades cerâmicas

5.3.2.1 Pasta

A partir da avaliação dos parâmetros descritos no tópico anterior (composições mineralógica e granulométrica macroscópicas e frequência de antiplástico), foi possível perceber quatro tipos principais de pastas cerâmicas ocorrendo no universo amostral analisado, conforme quadro abaixo.

Quadro 3- Tipos de pasta verificados na coleção cerâmica da Concentração 1 do sítio do Serrote I

| Tipo de pasta | Composição mineralógica macroscópica | Composição granulométrica macroscópica | Frequência relativa (aditivo em relação à argila) |
|----------------------|---|---|--|
| Pasta 1 | <i>predominância de quartzo</i> | <i>areia média, grossa e muito grossa</i> | <i>mais de 30% (pasta grossa)</i> |
| Pasta 2 | <i>predominância de feldspato</i> | <i>areia média e grossa</i> | <i>mais de 30% (pasta grossa)</i> |
| Pasta 3 | <i>quartzo e feldspato (na fração areia e grânulo) e óxido de ferro</i> | <i>areia muito grossa e grânulos</i> | <i>mais de 30% (pasta grossa)</i> |
| Pasta 4 | <i>quartzo e bolo de argila</i> | <i>areia média e grossa</i> | <i>menos de 30% (pasta fina)</i> |

Fotografia 19- Fragmentos cerâmicos representativos da Pasta 1



Fonte: (Fotografia: Karlla Soares (abril de 2011))

Fotografia 20- Fragmento cerâmico representativo da Pasta 2



Fonte: (Fotografia: Igor Pedroza (abril de 2011))

Fotografia 21- Fragmentos cerâmicos representativos da Pasta 3)



Fonte:(Fotografia: Igor Pedroza (abril de 2011)

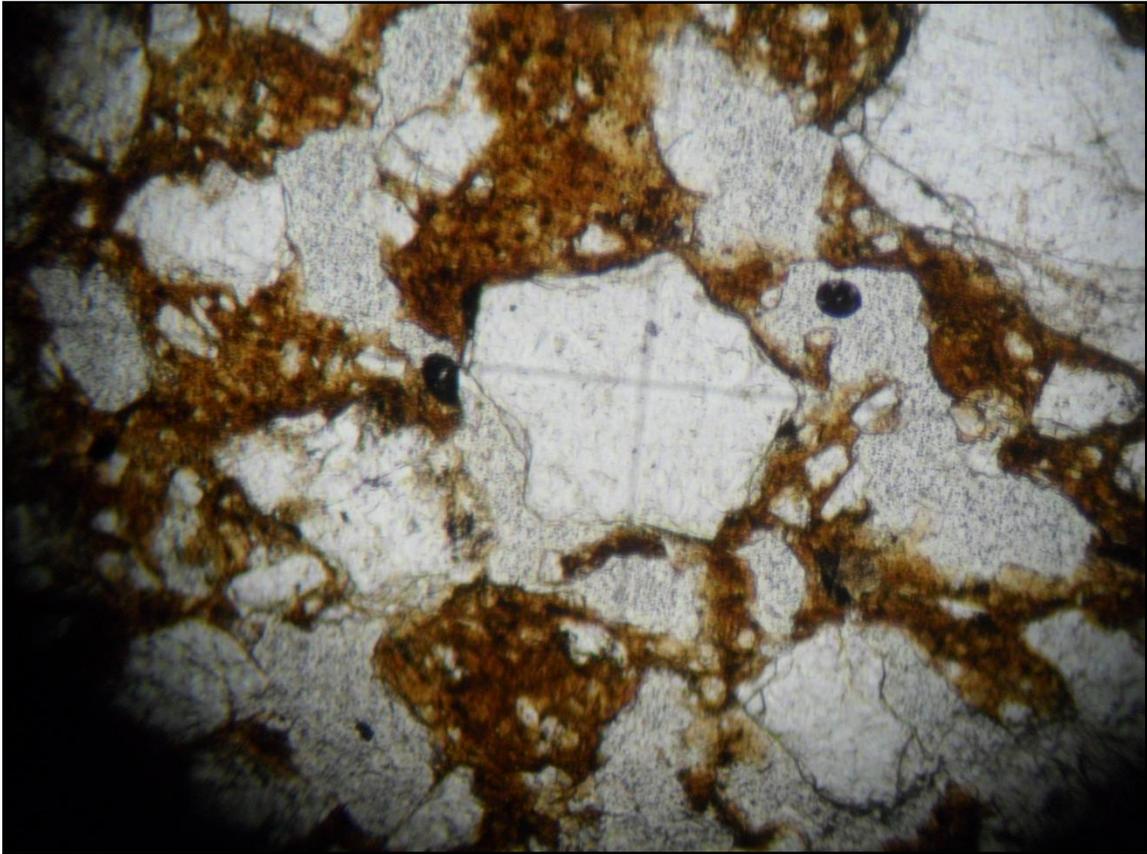
Fotografia 22- Fragmentos cerâmicos representativos da Pasta 4



Fonte: (Fotografia: Igor Pedroza (abril de 2011))

Como veremos a seguir, a execução de lâminas petrográficas permitiu que confirmássemos a composição mineralógica dos antiplásticos contidos em cada tipo de pasta tal como foi macroscopicamente avaliada.

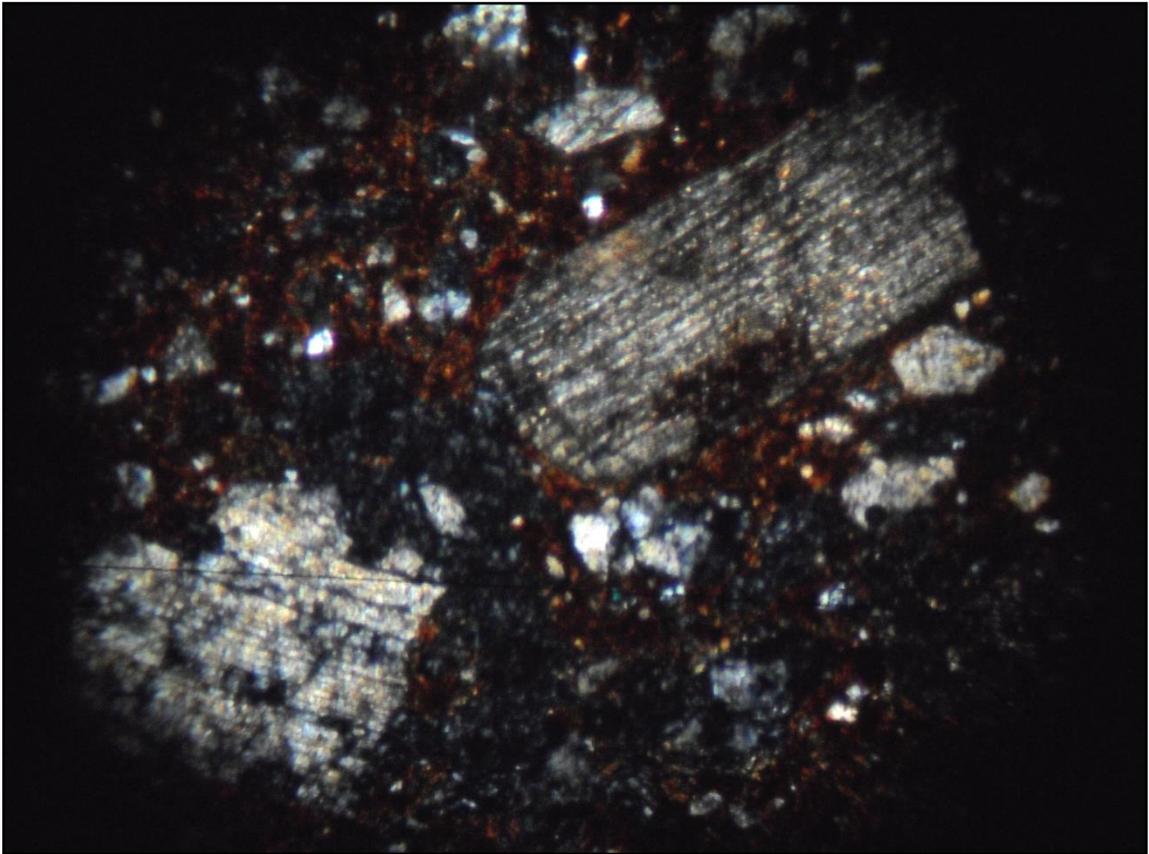
Fotografia 23- Lâmina 1\ Lâmina petrográfica representativa da Pasta 1



Fonte:(Fotografia: Nilo Nobre (abril de 2011))

Na lâmina 1, pudemos perceber também a presença de óxido de ferro (sob a forma de manchas negras na parte central da fotografia). Vale ressaltar que o óxido de ferro caracterizou grande parte dos fragmentos representativos da Pasta 1, não tendo sido considerado na definição e segregação desta pasta por não ser um elemento constante em grupos de fragmentos reconhecidamente pertencentes a uma mesma vasilha. A inclusão, intencional ou não, de óxido de ferro na pasta cerâmica apresenta-se de forma esparsa ao longo da porção de pasta aplicada na fabricação de um mesmo objeto.

Fotografia 24- Lâmina 2\ Lâmina petrográfica representativa da Pasta 2

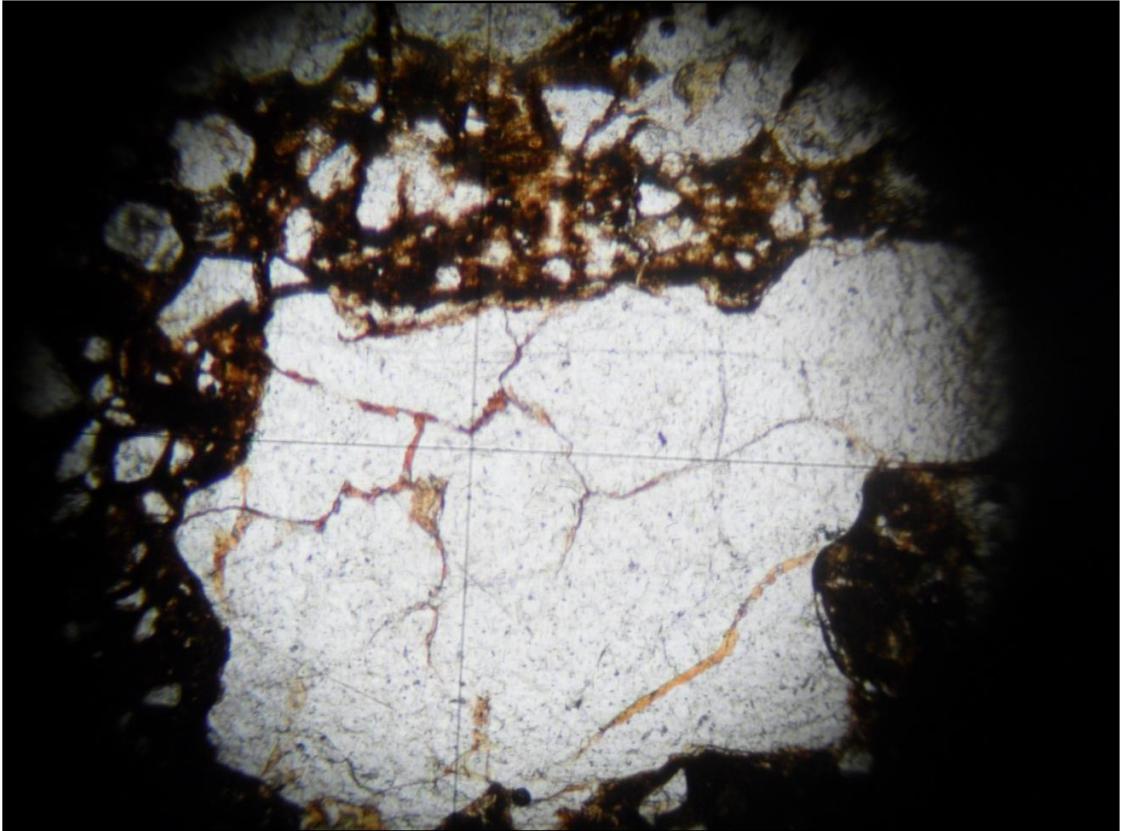


Fonte: (Fotografia: Nilo Nobre (abril de 2011))

Na Lâmina 2 podemos observar a presença de feldspatos. Durante a observação dos fragmentos cerâmicos a olho nu, este mineral se mostra sob a forma de grãos angulares.

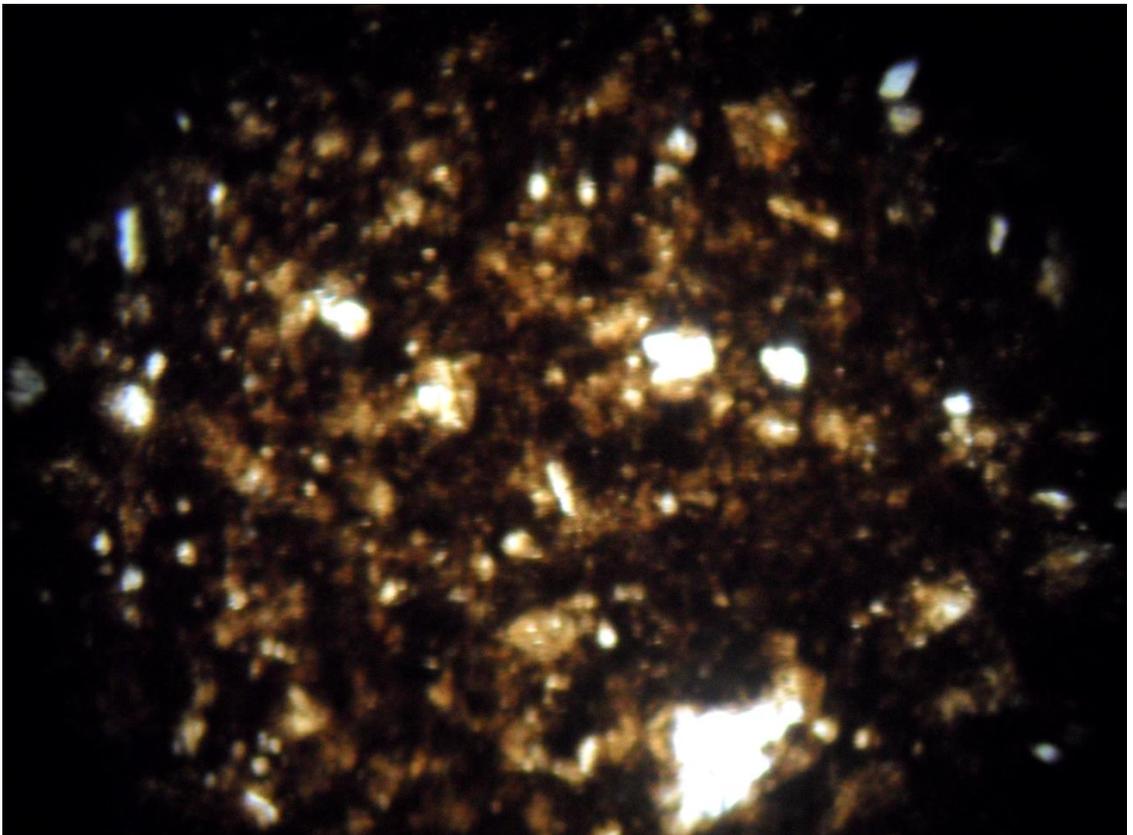
Apesar de não ter ficado evidente na lâmina petrográfica obtida a partir desta amostra, a presença de óxido de ferro é uma característica observada em muitos dos fragmentos de Pasta 2.

Fotografia 25- Lâmina 3\ Lâmina petrográfica representativa da Pasta 3



Fonte: (Fotografia: Nilo Nobre (abril de 2011))

Fotografia 26- Lâmina 4\ Lâmina petrográfica representativa da Pasta 4



Fonte: (Fotografia: Nilo Nobre (abril de 2011))

Na lâmina 3, fica demonstrada a composição mineralógica descrita para a Pasta 3, caracterizada por quartzo na fração grânulo (cascalho fino). Também podemos observar a presença de óxido de ferro sob a forma de pequenas manchas circulares na cor preta em dois pontos distintos da lâmina, localizados na parte inferior e superior da imagem acima.

A pasta 4, descrita como sendo uma pasta fina, apresenta, além de bolos de argila, grãos de quartzo entre os quais predomina a fração areia média.

5.3.2.2 Manufatura

A coleção cerâmica da Concentração 1 do sítio do Serrote apresenta, exclusivamente, traços indicadores da utilização da técnica de modelamento durante a confecção de objetos cerâmicos pelos artesãos. Em algumas das superfícies, é possível percebermos as marcas dos dedos que produziram a referida modelagem.

Além das marcas diretas do modelamento, há ainda um elemento indireto que a sugere: a pequena espessura observada na maioria dos fragmentos. A manufatura cerâmica realizada por meio da superposição de roletes resulta em objetos relativamente espessos.

5.3.2.3 Queima

A queima incompleta ocorre, de forma geral, entre os fragmentos que se incluem entre os mais espessos da coleção.

Observamos que, em alguns casos, a queima incompleta pode caracterizar a porção superior de uma mesma vasilha que possua a porção inferior caracterizada por queima completa. Esta heterogeneidade do resultado da queima sobre um mesmo objeto parece ser resultante do aproveitamento diferencial do espaço e do calor no local da queima, em função da maneira como a peça foi ali disposta.

Nos fragmentos e objetos que apresentam indicativos de queima completa, observa-se superfícies e núcleo homogêneos, em cores que variam entre tons de marrom e cinza.

Dentre os fragmentos de pasta 4, há também aqueles em que se observa homogeneidade na coloração do núcleo e das superfícies (10YR 7\3) associada à presença de bolhas de ar e à alta dureza nos fragmentos.

Nos fragmentos e objetos em que se observam indicativos de queima incompleta, há predominância de colorações cinza nas tonalidades cinza médio e cinza escuro ou de coloração preta no núcleo, enquanto as superfícies apresentam colorações em tons marrom acinzentado ou marrom avermelhado.

O resultado obtido a partir da difração por raios X indicou uma variação nos fragmentos representativos da pasta 4. Embora todas as pastas cerâmicas identificadas na Concentração 1 do sítio do Serrote sejam caracterizadas por presença de caolinita amorfizada pela queima, ao que tudo indica, a pasta 4 expressa um processo de sinterização diferenciado, o que pode indicar uma diferenciação no controle da queima.

Os referidos fragmentos diferenciados, representativos da pasta 4, possuem, quase sempre, coloração acinzentada em ambas as superfícies. A diferenciação revelada indica um processo de sinterização que se distingue daquele apresentado por todos os demais fragmentos.

Os fragmentos de pasta 4 são caracterizados também por fraturas conchoidais e pela produção de som metálico a partir da percussão leve entre dois fragmentos com características comuns

5.3.2.4 Tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície identificados foram o alisamento, o polimento, o banho e o banho sobre polimento, além de tratamentos de superfície decorativos realizados por meio de incisões em *zig zag* restritas à borda (geralmente na parte interna de bordas extrovertidas).

O tratamento de superfície, decorado, realizado por meio de incisões em *zig zag* é exclusivo de fragmentos representativos da pasta 4.

Fotografia 27- Fragmento cerâmico representativos da Pasta 4 apresentando decoração incisa em *zig zag* restrita à parte interna da borda



Fonte: (Fotografia: Igor Pedroza (abril de 2011))

Fotografias 28 e 29- Fragmentos cerâmicos apresentando decoração incisa em *zig zag* restrita à parte interna da borda



Fonte: (Fotografia: Karlla Soares (junho de 2010))

Entre os tipos de decoração incisa observadas na quase totalidade das bordas de pasta 4, percebemos aquelas designadas *rocker stamped*, como é nomeada a decoração realizada através de impressões de marcas contínuas, em *zig zag*, conseguidas fazendo-se avançar um

instrumento em forma de lâmina com movimento de semirotação, alternada, da direita para a esquerda e vice-versa (Chmyz, 1966, p. 15)- vide fotos 27, 28 e 29. Em outros casos, a decoração incisa extrapola esta definição, na medida em que, tendo sido realizada sobre a dura superfície da vasilha já cozida e, por vezes, até polida, possui caráter descontínuo, revelador do grau de dificuldade de sua realização (vide foto 27).

O polimento, por sua vez, é uma marca dos fragmentos de pasta 1 em que se percebe pequena espessura (entre 5 e 10 mm), queima completa e coloração marrom escuro. Tal polimento aparece na (s) parte (s) interna e/ou externa.

5.3.2.5 Forma

Apenas uma pequena parcela dos fragmentos analisados permitiram a realização de reconstituição hipotética de formas, passando a constituir, assim, uma classe de objetos. A maior parte das formas reconstituídas estão relacionadas à pasta 1. Não foram reconstituídas formas relacionadas à pasta 4.

Fotografia 30- Fragmentos de pasta 1 a partir dos quais se reconstituiu, hipoteticamente, uma forma



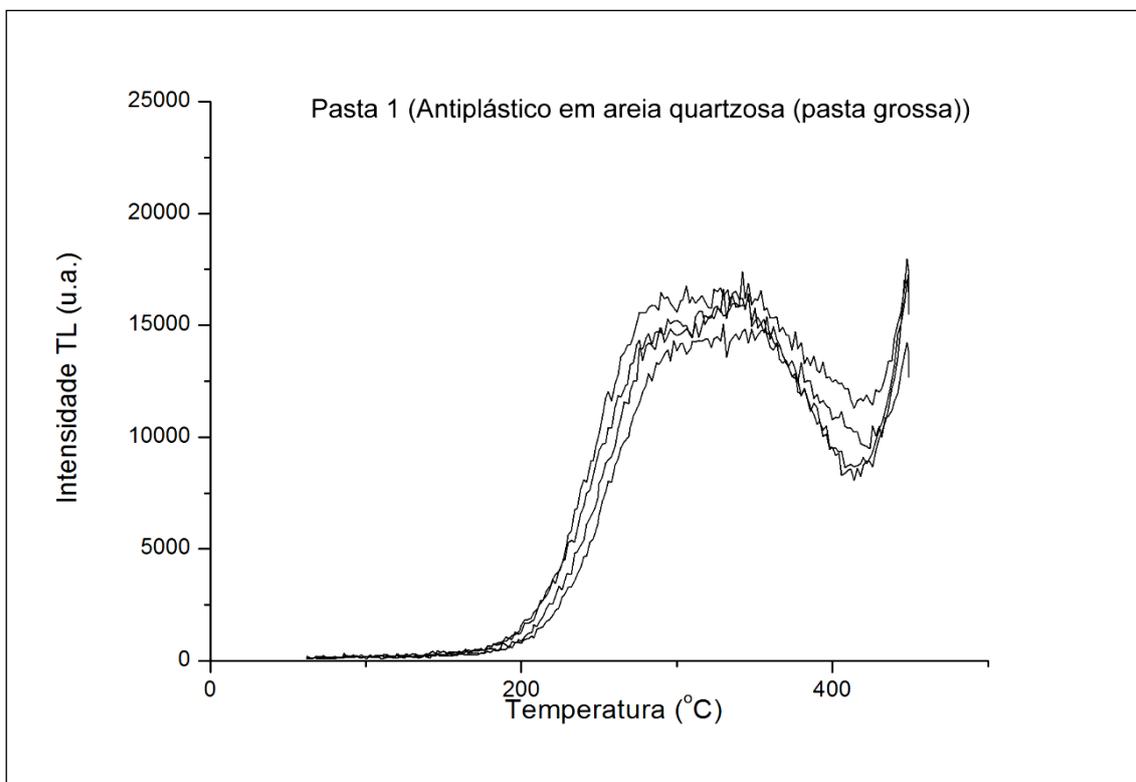
Fonte: (Fotografia: Karlla Soares (dezembro de 2011))

Chama atenção o fato de os fragmentos de pasta 4 não terem permitido a reconstituição de formas, dadas às pequenas dimensões das bordas disponíveis. Percebemos, no entanto, que os fragmentos de pasta 4 estão associados a vasilha de bordas cambadas e lábios arredondados (por vezes com recortes - vide foto 29). Estas bordas costumam possuir decoração incisa restrita à borda na parte interna, tornando-se visível pelo cambado da borda. Nas unidades formadas por fragmentos de pasta 4, há recorrência de bases planas, com espessuras que chegam até 20 mm, em alguns casos.

5.3.3 Cronologia relativa por meio da comparação de sinal TL

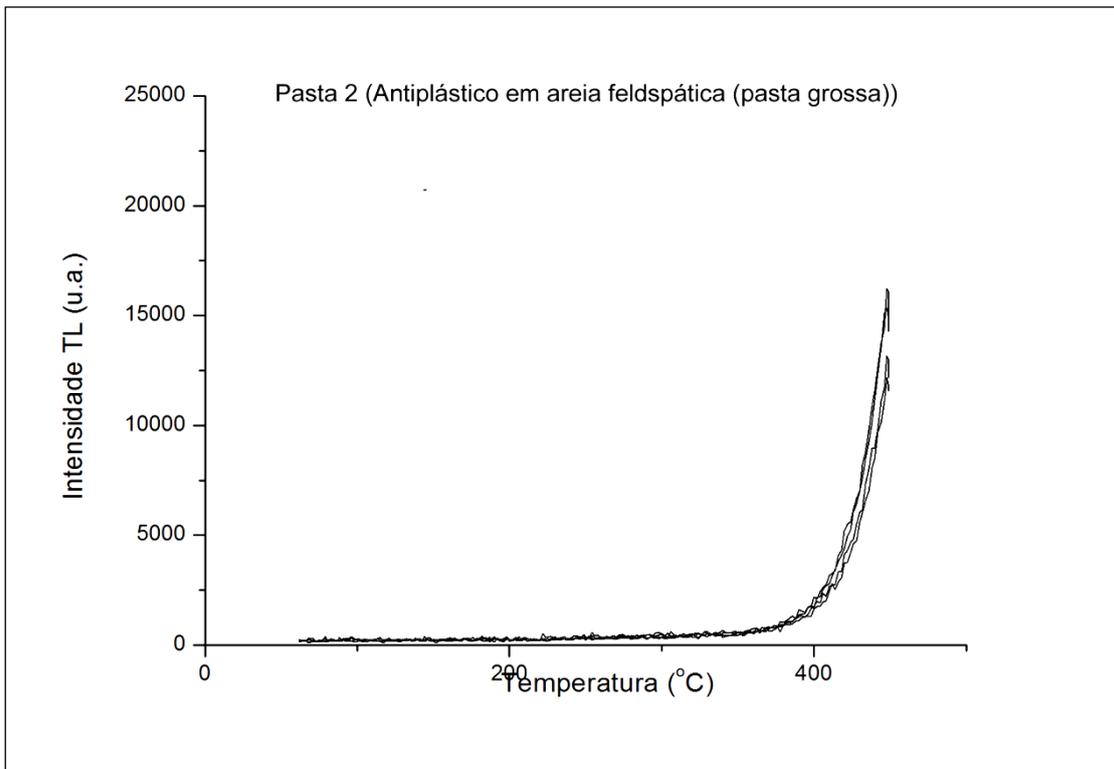
Os resultados obtidos a partir das medidas de sinal TL emitido por cada uma das amostras representativas de tipos de pasta cerâmica são expressos nos gráficos abaixo e servem à comparação que resultará em uma discussão acerca de datação relativa para o conjunto cerâmico do sítio do Serrote.

Gráfico 1- Curva representativa de sinal TL emitido a partir de uma amostra da Pasta cerâmica 1



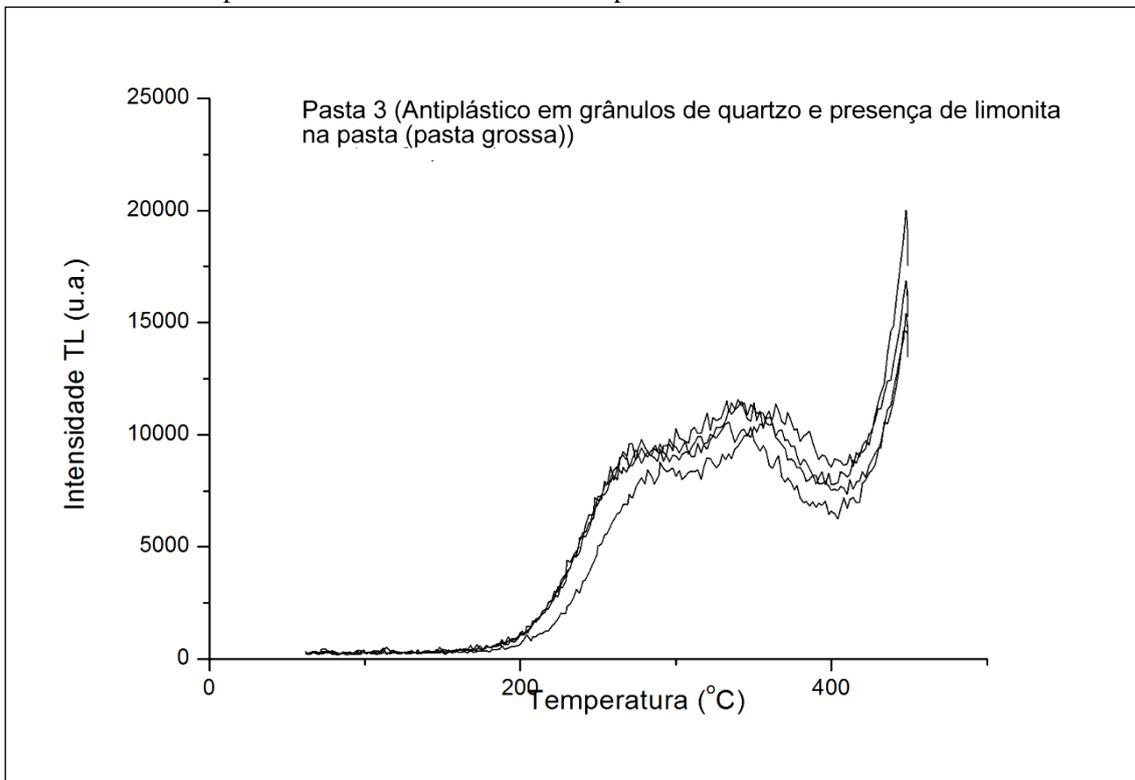
(Fonte: DEN (Henri Lavallo, 2011))

Gráfico 2- Curva representativa de sinal TL (quase nulo) emitido a partir de uma amostra da Pasta cerâmica 2



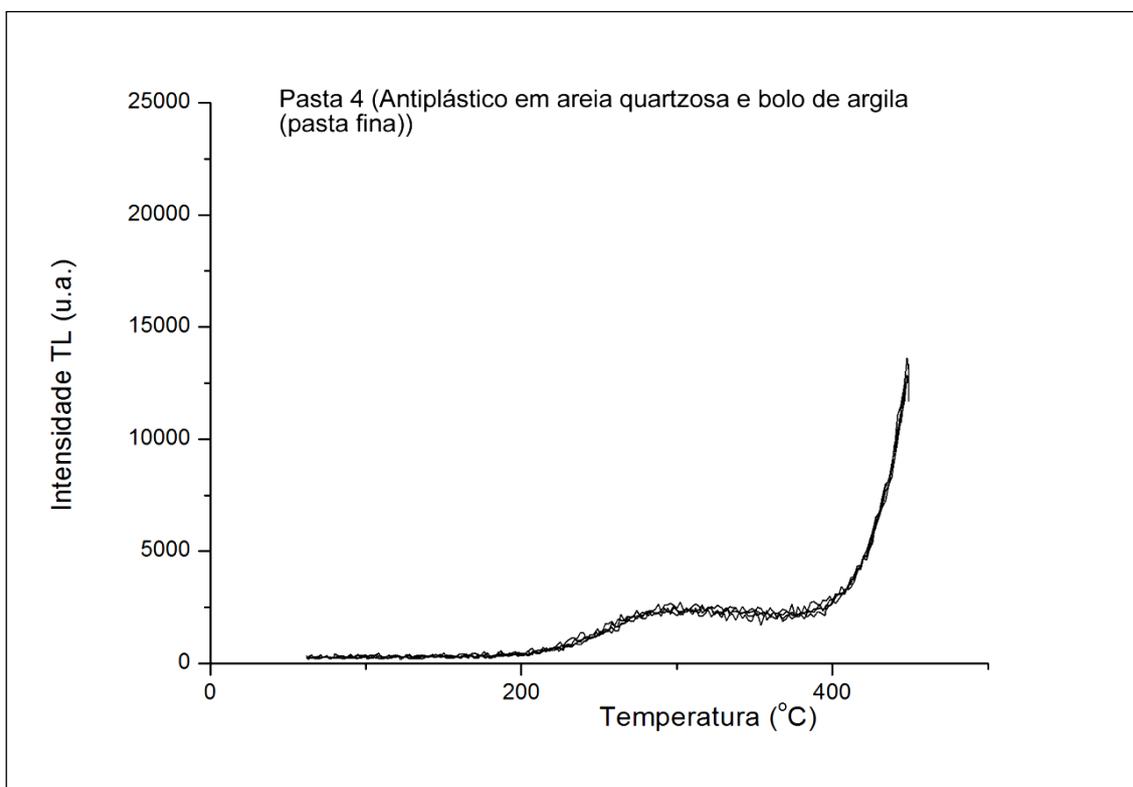
(Fonte: DEN (Henri Lavalley, 2011))

Gráfico 3- Curva representativa de sinal TL emitido a partir de uma amostra da Pasta cerâmica 3



(Fonte: DEN (Henri Lavalley, 2011))

Gráfico 4- Curva representativa de sinal TL emitido a partir de uma amostra da Pasta cerâmica 4



Fonte: DEN (Henri Lavalle, 2011))

Tendo em vista somente o princípio de que o acúmulo de radiação por minerais contidos na cerâmica é diretamente proporcional ao tempo transcorrido desde a queima que produziu a vasilha, os gráficos 1 e 3 estariam relacionados a amostras mais antigas em relação às representadas pelos gráficos 2 e 4.

O gráfico 2, no entanto, expressa o resultado de uma medida realizada para uma amostra com predominância absoluta de grãos de feldspato como antiplástico existente na pasta cerâmica. O feldspato possui instabilidade no acúmulo e manutenção de sinal luminescente, o que pode ter causado a total perda de sinal TL atestada através da curva do Gráfico 2. Tendo em vista este comportamento do feldspato, optamos por não tomar este resultado como indicativo de que a amostra seja recente. De outro modo, desconsideraremos o resultado alcançado a partir da amostra de Pasta 2 para fins de comparação e obtenção de cronologia relativa²⁶.

²⁶ Uma nova amostra de Pasta 2 foi selecionada para passar por esta mesma análise. Agora, selecionamos um fragmento cerâmico com parede mais espessa e com menos traços de erosão, o que, à revelia das peculiaridades do feldspato, pode vir a garantir um resultado referente à dose de radiação acumulada ao longo do tempo transcorrido entre a manufatura cerâmica e a presente análise laboratorial.

Comparando apenas os resultados obtidos por meio de pasta com predominância de quartzo, percebemos que a *amostra 4* demonstrou um sinal mais baixo em relação àquelas outras amostras, o que indica que este seja um fragmento representativo de uma pasta cerâmica mais recente dentro de um conjunto que apresenta testemunhos de eventos ocupacionais distintos.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

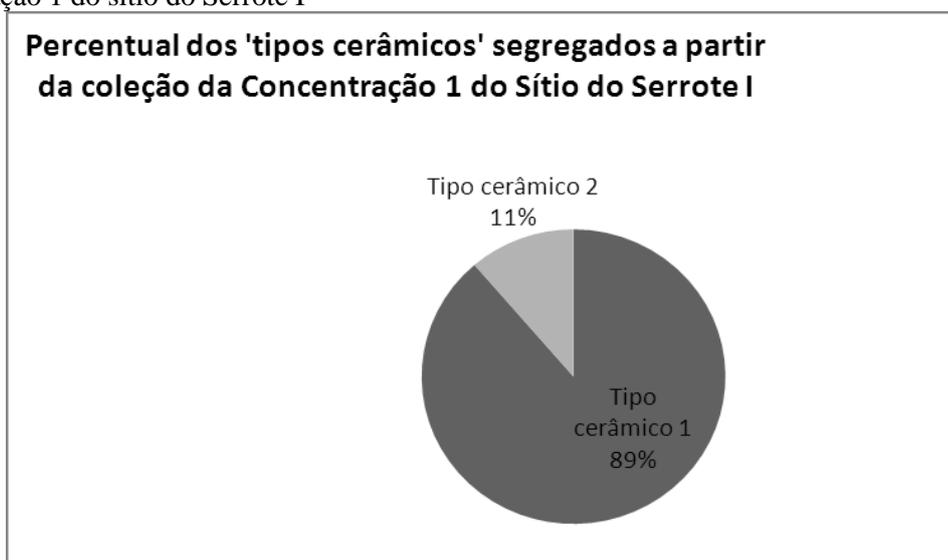
6.1 UM CONFRONTO ENTRE DADOS TECNOLÓGICOS, ESTRATIGRÁFICOS E CRONOLÓGICOS OBTIDOS NA CONCENTRAÇÃO 1 DO SÍTIO DO SERROTE I

A análise da coleção do corredor eólico da Concentração 1 revelou a existência de dois tipos cerâmicos distintos:

Tipo cerâmico 1- série de fragmentos cerâmicos de pasta média ou grossa, com antiplásticos compostos, predominantemente, por quartzo e\ou feldspato na fração areia média, grossa, muito grossa e grânulo. Os fragmentos cerâmicos segregados neste tipo apresentam padrões de manufatura semelhantes no que diz respeito à matéria-prima argilosa utilizada (caolinita), ao tipo de queima (queima completa) e aos indicativos cronológicos resultantes da medida de sinal luminescente (tipo cerâmico com indicativos cronológicos relativamente mais antigos).

Tipo cerâmico 2- série de fragmentos cerâmicos de pasta fina, com antiplásticos compostos, predominantemente, por pequena quantidade de quartzo na fração areia média e\ou grossa, além de bolos de argila. Os fragmentos cerâmicos segregados no *tipo 2* apresentam padrões de manufatura semelhantes no que diz respeito à matéria-prima argilosa utilizada (caolinita), ao tipo de queima (queima completa e incompleta) e aos indicativos cronológicos resultantes da medida de sinal luminescente (tipo cerâmico com indicativos cronológicos relativamente mais recentes).

Figura 9- Representação gráfica do percentual de cada um dos *tipos cerâmicos* no conjunto da Concentração 1 do sítio do Serrote I



Após a verificação da distinção de natureza tecnológica por meio da análise cerâmica, sobrevieram questionamentos a respeito das causas de tal variação. Tendo em vista a multiplicidade de atividades e de artesãos, que podem ter coexistido no interior de uma mesma área, ocupada no passado e atualmente relacionada aos sítios identificados na planície costeira de Jericoacoara, a variação observada poderia ter explicações funcionais ou idiossincráticas que não acarretassem em diferentes ocupações; é nesta consideração, inclusive, que reside a contrastabilidade das hipóteses lançadas. Por este motivo, propusemo-nos a discutir mais aprofundadamente as causas da variação artefactual presente neste sítio a partir de dados diversos, entre estes os crono-estratigráficos.

Durante as escavações realizadas na feição deposicional norte, apenas uma camada foi reconhecida como “camada arqueológica”. Tendo em vista a falibilidade da noção de “piso de ocupação”, sobretudo em ambientes de intensa dinâmica de deflação eólica, não deixamos que o resultado stratigráfico obtido na feição deposicional norte, seja este o indicativo de uma única camada de ocupação, respondesse pela refutação da hipótese relacionada à reocupação. Além da possibilidade de que uma camada superior tenha sido desconstruída pela ação eólica que revolveu as porções superiores daquela feição, ainda ponderamos sobre a existência de limitações nos resultados de uma escavação que não foi realizada em amplas superfícies.

Ao invés de tratar apenas a evidência stratigráfica como o fim da pesquisa, acreditamos que os estudos arqueológicos em condições predominantemente erosivas devem assentar-se em uma base formada pela convergência de dados, entre os quais os dados tecnológicos e crono-estratigráficos.

Confrontando os resultados da caracterização formal do conjunto cerâmico aos elementos stratigráficos obtidos na feição deposicional norte da Concentração 1 do sítio do Serrote I, consideramos que os fragmentos coletados na camada de ocupação ali identificada, são, todos eles, representativos do *tipo cerâmico 1*. Tal constatação, apesar da limitação que advém da insuficiência interpretativa de uma coleção quantitativamente reduzida, indica que o *tipo cerâmico 2* pode estar relacionado a uma ocupação posterior àquela relacionada à camada de ocupação identificada e datada de 1100 BP.

A datação relativa, procedida por meio de comparação de sinal luminescente acumulado por minerais contidos em diferentes unidades cerâmicas, corrobora a hipótese de que o *tipo*

cerâmico 2 seja mais recente em relação ao *tipo cerâmico 1*, conforme demonstramos no último tópico do capítulo anterior.

No que diz respeito à distribuição espacial, não percebemos um arranjo que demonstrasse, no espaço, a segregação formal empreendida em laboratório. Ao invés disso, havia exemplares representativos *do tipo 2* dispersos em vários pontos da concentração de fragmentos representativos *do tipo 1*, sendo este último tipo mais expressivo quantitativamente. A caracterização do conjunto artefactual contido em concentrações arqueológicas adjacentes seguida da sua comparação com o conjunto artefactual da concentração ora em estudo poderá, no futuro, fornecer mais elementos à compreensão desta variabilidade.

Ainda sobre a diferenciação entre *tipo cerâmico 1* e *tipo cerâmico 2*, pudemos perceber uma distinção nas características resultantes da ação pós deposicional sobre os fragmentos representativos de cada tipo cerâmico. O *tipo 2* passou por desgaste mais acentuado, sendo um conjunto formado por fragmentos com dimensões reduzidas. Justamente por este motivo, não nos foi possível reconstituir formas relacionadas a este *tipo*. Superfícies caracterizadas por brilho fosco e conseqüente perda de elementos produtivos e decorativos do tratamento de superfície são outras características marcantes nos fragmentos representativos *do tipo cerâmico 2*.

Este desgaste diferencial reforça a segregação de conjuntos baseada em critérios tecnológicos por meio da análise formal, na medida em que pode estar relacionada à ação do intemperismo sobre conjuntos cerâmicos com características técnicas distintas, as quais seriam responsáveis por graus diferenciados de resistência ao desgaste.

A distinção averiguada no desgaste pós-deposicional também reforça a segregação de tipos cerâmicos procedida ao longo das análises, na medida em que pode estar relacionada à ação diferencial do intemperismo sobre conjuntos cerâmicos sujeitos a situações deposicionais diferenciadas porque relacionadas a eventos ocupacionais distintos. Vale lembrar que, dependendo da dinâmica eólica da área ao longo do tempo, um conjunto artefactual mais recente pode estar, contraditoriamente, mais “intemperizado” do que um mais recente; para isso, basta que o conjunto mais recente tenha ficado por mais tempo em superfície em função de condições ambientais diferenciadas, responsáveis por menores aportes sedimentares.

Os dados obtidos reforçam a hipótese segundo a qual a variação observada no material cerâmico contido em concentrações em superfície no sítio do Serrote I reflete a existência de distintos sistemas de ensino-aprendizagem de confecção e uso de artefatos, porque resulta da participação de diferentes grupos tecnológicos no processo de ocupação da área.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados obtidos durante o desenvolvimento desta pesquisa, possuímos indicativos de que o sítio do Serrote I tenha sido reocupado, pelos ceramistas responsáveis pela autoria do *tipo cerâmico 2*, em um período posterior a 1100 BP. Estes dados corroboram, portanto, a hipótese deste trabalho, segundo a qual *a variação observada no material cerâmico contido em concentrações em superfície no sítio do Serrote I reflete a existência de cerâmicas oriundas de distintos sistemas de ensino-aprendizagem de confecção e uso de artefatos, porque resultantes da participação de diferentes grupos culturais no processo de ocupação da área.*

A partir da corroboração da hipótese formulada, a principal consideração a ser feita não se refere tão-somente ao fato de o sítio do Serrote I ter sido reocupado. De forma mais abrangente, pode-se dizer que a consubstanciação da hipótese indica que a enseada de Jericoacoara passou por processos de ocupação e reocupação responsáveis pela formação de sítios que, do ponto de vista da cronologia e do reaproveitamento do espaço, repetem parcialmente os arranjos espaciais formados pela reocupação de grupos tardios por sobre ocupações mais antigas em outros trechos costeiros do nordeste. Pesquisas posteriores poderão dedicar-se aos motivos desta sobreposição ocorrida em diversos trechos litorâneos, partindo de hipóteses relacionadas a mudanças ambientais ou mesmo a mudanças de configuração ocupacional em época tardia como sendo reflexo da chegada dos colonizadores em outras áreas de colonização relativamente mais antiga.

Em Jericoacoara, o arranjo artefactual não foi, logo à primeira vista, considerado como resultado de um processo de ocupação seguido de um processo de reocupação, já que ambas as unidades cerâmicas envolvidas na tessitura do registro arqueológico não-estratificado eram desconhecidas do ponto de vista arqueológico-classificatório. De todo modo, a partir de um conhecimento prévio sobre os antecedentes de pesquisa (arqueológica e etno-histórica) no litoral nordestino, verificamos uma variabilidade artefactual perpassando as concentrações do sítio do Serrote I e passamos a questionar se aquele registro responderia por uma ocupação pré-histórica seguida de uma reocupação alcançada pelos testemunhos escritos sobre a área.

A realização de coletas sistemáticas de superfície e a posterior caracterização dos conjuntos artefatuais em outras concentrações do sítio do Serrote I serão passos fundamentais à verificação da ocorrência de concentrações relacionadas ao *tipo cerâmico 1* ou ao *tipo cerâmico 2*, de forma isolada, no espaço do sítio do Serrote I. Uma ocorrência desta natureza, se

corroborada também por elementos cronológicos, estratigráficos (no caso de concentrações de subsuperfície) ou até mesmo altimétricos (no caso de concentrações de superfície), validará a segregação de tipos ora apresentada, sugerindo que foi, de fato, identificada uma dada “lógica” na variabilidade artefactual.

Escavações futuras deverão ser realizadas na feição deposicional sul da Concentração 1 do sítio do Serrote I, a fim de buscar novos dados estratigráficos que possam verificar a validade das inferências até então realizadas sobre o processo de ocupação da área. Vale ressaltar que a intensa ação dos ventos está desconstruindo rapidamente este valioso registro estratificado, havendo certa urgência na investigação proposta.

No que diz respeito à hipótese 2, não dispusemos, ao longo desta pesquisa, de dados suficientes para sua devida contrastação. Esta ausência demonstra, principalmente, a dificuldade de correlações entre “cultura viva” e “cultura arqueológica” de que nos falou Bate (1998). Para proceder a uma correlação desta natureza, precisaríamos de eficazes *marcadores étnicos* artefatuais que pudessem ser correlacionados à cultura material Tremembé descrita na crônica seiscentista, estes não identificados no sítio do Serrote I.

De todo modo, a formulação da segunda hipótese, ora em questão, expressa a importância das referências etno-históricas enquanto contributos ao resgate de elementos do dinamismo que o registro arqueológico, estático, perdeu.

As discussões etno-históricas podem auxiliar na recuperação e demonstração dos liames entre o espaço ocupado no presente e no passado, passando pelo período intermédio em que os mecanismos de diminuição dos territórios indígenas voltados ao objetivo de disponibilizar terras para as atividades produtivas dos colonos na segunda metade do século XVII fizeram com que os “Tremembé de Jericoacoara” não mais fossem mencionados após 1671. Após esta data, as referências aos grupos tremembés passam a ser relacionadas tão-somente à trajetória em aldeamentos missionários, tais como aquele estabelecido, no ano de 1701, na localidade de Almofala- atual distrito do município de Itarema, no litoral oeste do estado do Ceará.

A continuidade da discussão sobre a identificação de uma possível “ocupação tremembé” poderá prosseguir através de pesquisas e posteriores comparações entre os sítios arqueológicos que estão no interior da área referida, no registro etno-histórico, como “província Tremembé”.

Estas comparações terão grande importância à caracterização de conjuntos cerâmicos em trechos parca ou nulamente estudados do ponto de vista arqueológico. Além do mais, tais estudos poderão testar se os sítios arqueológicos situados entre o litoral noroeste do estado do Ceará e o litoral do Piauí apresentam conjuntos artefatuais que manifestem, em termos de identidades, significado cultural que corrobore hipóteses relacionadas a fronteiras delineadas pelas fontes etno-históricas.

Além das contribuições relacionadas à caracterização cerâmica e à compreensão de aspectos sobre o processo de ocupação do interjacente costeiro representado pelo litoral noroeste do estado do Ceará, a pesquisa apresentada contribui para o reconhecimento do potencial de sítios arqueológicos predominantemente erodidos. O referido potencial foi atestado, na medida em que encontramos, em porções não-erodidas do sítio, condições operacionais favoráveis à investigação crono-estratigráfica (escavações nas feições deposicionais e obtenção de uma datação absoluta). O esboço de uma cronologia relativa estabelecida também por métodos de mensuração realizados em laboratório trata-se de outra contribuição importante ao estudo de sítios de superfície.

Sob o referencial teórico-metodológico adotado e através da noção de *variação isocréstica*, é possível proceder à diferenciação de conjuntos artefatuais em determinados sítios arqueológicos em condições predominantemente erosivas, fornecendo elementos para a caracterização a forma de utilização do espaço ao longo dos tempos, à revelia dos limites impostos à análise crono-estratigráfica.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Paulo T.; WALNER, Spencer Barros. Projeto arqueológico: O homem das dunas- RN. CLIO, Recife, v. 1, n. 10, p. 175-188, 1994. (Série Arqueológica).
- ARARIPE, Tristão de. História da Província do Ceará: dos tempos primitivos até 1850. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 2002. (Coleção Clássicos Cearenses).
- BATE, Luis Felipe. El Proceso de Investigación en Arqueología. Barcelona: Crítica, 1998.
- BICHO, Nuno Ferreira. Manual de Arqueologia Pré-Histórica. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BINFORD, Lewis. The Archaeology of place. Journal of Anthropological Archaeology, n.01, pp. 5-31, 1982.
- BORGES, Jóina. A História Negada: em busca de novos caminhos. Teresina: FUNDAPI; 2004.
- _____. *Sob os Areais: Arqueologia, História e Memória*. 2006. 227f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História do Brasil, UFPI, Teresina, 2006.
- CASCUDO, Luís. Informação geográfica do Ceará holandês. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano LV, 1941, p. 68-80.
- _____. Geografia do Brasil Holandês. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1956. (Coleção Documentos Brasileiros; 79)
- CAZZETTA, Miriam. Relatório do Projeto Litoral. Fortaleza: IPHAN, 1997.
- CHMYZ, Igor (Ed.). Terminologia Arqueológica brasileira para cerâmica. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná, 1966.
- CLAUDINO-SALES, Vanda. Os litorais cearenses. In: José Borzacchiello da SILVA; Tércia Correia CAVALCANTE; Eustógio DANTAS (org). *Ceará: um novo olhar geográfico*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2005, p.231-260.
- CONKEY, Margareth W. Experimenting with style in archaeology: some historical and theoretical issues. In: CONKEY, Margareth; HASTORF, Christine. (Ed.) *The uses of style in archaeology*. Cambridge University Press, p. 5-17, 1990.
- DANTAS, Beatriz; SAMPAIO, José Augusto; CARVALHO, Maria Rosário. Os Povos Indígenas no Nordeste Brasileiro: um esboço histórico. In: Manuela Carneiro da CUNHA. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP, 1992. p. 431-456.
- DIAS, Adriana. Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. 401 f. Tese de Doutorado – Programa interdepartamental de pós-graduação em Arqueologia, USP, São Paulo, 2003.

DUNNELL, Robert. *Classificação em Arqueologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

EIROA, Jorge Juan; GIL, José Alberto Bachiller; PÉREZ, Ladislao Castro; MAURANDI, Joaquín Lomba. *Nociones de tecnología e tipología em Prehistoria*. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1999.

FAGUNDES, Marcelo. *Sítio Rezende: das cadeias operatórias ao estilo tecnológico- um estudo de dinâmica cultural no médio vale do Paranaíba, Centralina, Minas Gerais*. 2004. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, MAE-USP, São Paulo, 2004.

FAUSTO, Carlos. *Fragments de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico*. In: CUNHA, Manuela. *História dos Índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 381-396.

HARRIS, Edward. *Principios de Estratigrafía Arqueológica*. Barcelona: Crítica, 1991.

KENT, Susan. *Method Research Area*. 1991

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LAROCHE, Armand François Gaston; LAROCHE, Adjelma Soares e Silva. *O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba RN)*. Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1982.

LLAMAZARES, Ana María; SLAVUTSKY, Ricardo. *Paradigmas estilísticos em perspectiva histórica: del normativismo-culturalista a las alternativas postsistémicas*. Boletín de Antropología Americana, dezembro de 1990.

LEITE, Marinete. *Estudos arqueológicos na área de intervenção das UEE's Trairi, Flecheiras I, Guajiru e Mundaú- Diagnóstico - Fase 1. Relatório Final*. Dezembro de 2010.

MALINA, Jaroslav; VASICEK, Zdenek. *Archaeology yesterday and today: the development of archaeology in the sciences and humanities*. New York: Cambridge University Press, 1990.

MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999.

MARTÍNEZ, Victor. *Teoria e Método de la Arqueologia*. Madrid: Editorial Síntesis, 1990.

MEDEIROS, Iago Albuquerque de. *Processos de formação do registro arqueológico em dunas eólicas: os sítios do litoral setentrional do Rio Grande do Norte, Brasil*. 2005. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Núcleo de pós-graduação em Geografia – NPGeo, Área II – Formas e Processos de Ocupação Territoriais Tradicionais – Estudos Arqueológicos, UFSE, Aracaju, 2005.

MEDEIROS, Ricardo. *A redescoberta dos outros: povos indígenas do sertão nordestino no período colonial*. 2000. 225f. Tese (Doutoramento em História) - Programa de Pós Graduação em História, UFPE, Recife, 2000.

NASCIMENTO, Ana; LUNA, Suely. A cerâmica arqueológica dos sítios dunares no Rio Grande do Norte- Brasil. *CLIO*, Recife, v.1, n. 12, p. 7-16, 1997. (Série Arqueológica).

NASSER, Nássaro A. Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas- PRONAPA, 5. Resultados preliminares do quinto ano, 1969-1970. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1974, p. 155-164. (Publicações Avulsas, 6).

_____. Considerações Preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Cutimataú. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, 4. Resultados preliminares do quarto ano, 1968-1969. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971, p. 179-190.

_____. Notas preliminares sobre a arqueologia da foz do sistema Cutimataú-Cunhaú. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, 1. Resultados preliminares do primeiro ano, 1965-1966. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967, p. 121-128 (Publicações Avulsas, 6).

OLIVEIRA, Cláudia A. de. Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí. 2000. 302f. Tese (Doutorado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, João Batista. Um capítulo da História do Ceará: Ligeiras Retificações, Conquista dos Indígenas. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano IV, p.118-154, 1890.

ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE, Alan. *La Cerámica en Arqueología*. Barcelona: Crítica, 1997.

PACHECO, M. L. A. F. As diferentes abordagens sobre estilo e função em Arqueologia. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49, p. 389-425, 2008. Editora UFPR.

PINHEIRO, Francisco. História do Conflito: os povos nativos e os europeus no Ceará. In: PINHEIRO, Joceny (org.). *Ceará terra da luz, terra dos índios: história, presença, perspectiva*. Fortaleza: Ministério Público Federal. 6ª Câmara de Coordenação e Revisão. FUNAI; IPHAN/4ª Superintendência Regional, 2002. p.37-48.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Povoamento do Nordeste Brasileiro. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano LI, p. 107-162, 1937.

_____. Os Tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckman. *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano XLVIII, 7-28, 1934.

_____. Tapuias do Nordeste. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano LIII, p. 221-235, 1939

_____. Topônimos indígenas dos séculos 16 e 17 na costa cearense. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano LIX, p. 156-205, 1945.

_____. Índios Tremembés. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano LXV p. 257-267, 1951.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Arqueología: Teorías, Métodos y Práctica*. Madrid: Akal Ediciones, 1998.

SACKETT, James. Style and ethnicity in archaeology: the case of isochretism. In: CONKEY, Margareth; HASTORF, Christine. (Ed.) *The uses of style in archaeology*. Cambridge University Press, p. 32-43, 1990.

_____. The meaning of style in archaeology: a general model". In: *American Antiquity* 42, pp. 369-380, 1977.

SCHIFFER, Michael.; SKIBO, J. M. The explanation of artifact variability. *American Antiquity*, v. 62, n.1, 1997.

SHEPARD, Anna. *Ceramics for the archaeologist*. 4 ed. Washington D.C.: Camegie Institution of Washington, 1961.

SILVA, Marluce Lopes da. *Caracterização dos sítios arqueológicos em dunas do litoral oriental do Rio Grande do Norte*. 122 f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE, Recife, 2003.

STUDART, Guilherme (Barão de). *Datas e factos para a história do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, t. 1, 2001.

STUDART FILHO, Carlos. As Tribus Indígenas do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, XL, p.39-54, 1926.

_____. Antiguidades indígenas do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, XLI, p. 167-221, 1927.

_____. Notas históricas sobre os indígenas cearenses. *Revista do Instituto do Ceará*, ano XLV, 53-103, 1931.

_____. *Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão e Grão Pará*. Fortaleza: Editora Biblioteca do Exército, 1959.

STUDART FILHO, Carlos. Os Aborígenes do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, LXXVI, p.5-75, 1962.

_____. Os Aborígenes do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, LXXVII, p. 153-217, 1963.

THÉBERGE, Dr. Pedro. *Esboço Histórico sobre a Província do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, t.1, 2001. Edição fac-similada. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).

TRIGGER, Bruce. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VIANA, Verônica; SOARES, Karlla Andrêssa; SOUZA, Luci Danielli. Os antigos habitantes da Praia de Jericoacoara - Ceará: arqueologia, história e ambiente. *Clio Arqueológica*, Recife, v.1, n. 21, 2007(em fase de pré-publicação).

VIANA, Verônica *et. al.*. *Estudos Integrados do Patrimônio Cultural na área de intervenção do sistema de esgotamento sanitário da praia de Jericoacoara, Município de Jijoca-CE: Programa de resgate do Patrimônio Arqueológico, Levantamento do Patrimônio Cultural Imaterial e Programa de Educação Patrimonial*. Fortaleza, 2007. 45p. Relatório.

FONTES

Crônica narrativa

BECK, Mathias. Diário da expedição de Mathias Beck ao Ceará. [1649]. Fortaleza, *Revista do Instituto do Ceará*, ano XVII, p.325-405, 1903

ÉVREUX, Yves d'. Viagem ao norte do Brasil: feita nos anos de 1613 a 1614. São Paulo: Siciliano (Coleção Maranhão Sempre), 2002.

FIGUEIRA, Luiz. Relação do Maranhão, 1608 [...], enviada ao Pe. Cláudio Aquaviva. Introdução, comentários e notas de Thomas Pompeu Sobrinho. In: *Três Documentos do Ceará Colonial*. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1967, p. 5-157.

[MORENO], Diogo. Jornada do Maranhão: por ordem de S. Majestade feita o ano de 1614. São Paulo: Siciliano, 2001.

MORENO, Martins Soares. Relação do Ceará [1618]. Introdução, notas e comentários de Raimundo Girão. In: *Três Documentos do Ceará Colonial*. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1967, p. 161/201.

VIEIRA, Antonio [Padre]. S.J. Relação da missão da Serra da Ibiapaba. In: *Revista do Instituto do Ceará*, ano XVIII, p. 86- 138, 1904.

CARTA de Dom Diogo de Menezes a El-Rei: sobre a conquista do Maranhão, 1611. In: *Revista do Instituto do Ceará*, 1909, p. 66-69.

CONSULTA do Conselho Ultramarino ao rei D. Afonso IV, sobre o requerimento de Jorge Tagaibuna, índio da aldeia da capitania do Camusy, no Estado do Maranhão, em que solicita que se lhe conceda mercê pelos actos de obediência á Coroa Portuguesa, por ele praticados e por seu pai. AHU_ACL_CU_009,Cx.4,D.418.

ORDEM [do capitão-mor João de Mello de Gusmão] para o Ajudante Phelipe Coelho notificar na Aldea de Porangaua (8 de dezembro de 1666). In: OLIVEIRA, P., 1890, p. 133-134.

PÚBLICO INSTRUMENTO do sucesso que teve o cap-mor Manuel de Souza de Eça na batalha com os franceses na baía de Jericoacoara. (1614, Junho, 21, Lisboa). In: AHU_ACL_CU_009, Cx 1, D.00001.

REGIMENTO que ade goardar o Ajudante Phelipe Coelho de Moraez nesta ocazião que vay a Jericoaquara (12 de dezembro de 1666). In: OLIVEIRA, P., 1890, p. 134-137.

TRESLADO [pelo escrivão João Baptista de Resende] de hum Regimento [de Jorge Correia da Silva] que o Ajudante frc.º martins cabo de infantaria desta praca leua para jacoacara em 9 de setembro de 671 a.º. In: OLIVEIRA, P., 1890, p. 137-139.

Crônica cartográfica

ALBERNAZ I, João. *Pequeno Atlas do Maranhão e Grão-Pará*. In: BORGES, Jóina. *Sob os Arais: Arqueologia, História e Memória*. 2006. 227f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História do Brasil, UFPI, Teresina, 2006.

ANEXO A - FORMAS RECONSTITUÍDAS

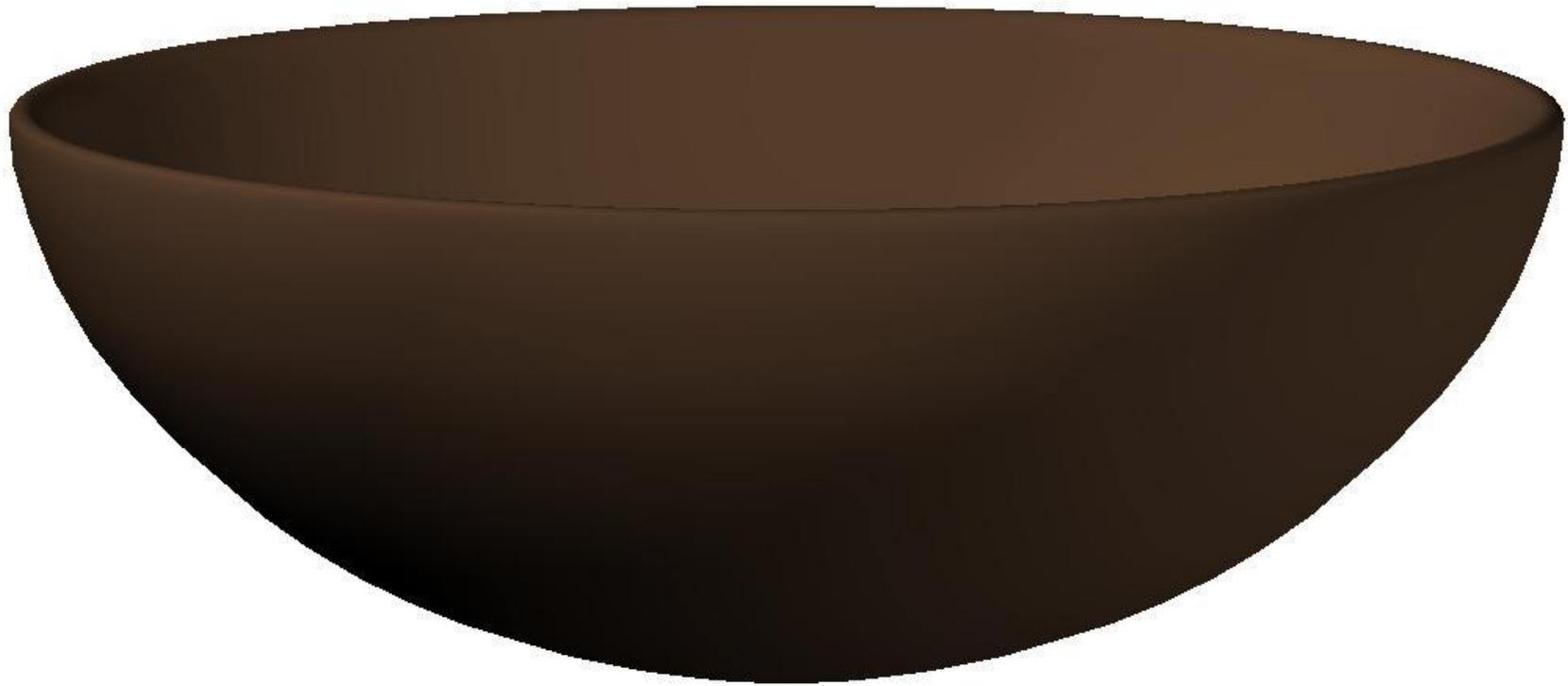
SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 1/ FORMA 212



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 1/ FORMA 315



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 1/ FORMA 868-1



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 1/ FORMA 910-13



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 2/ FORMA 266



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 2/ FORMA 267, 287, 247-4



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 5/ FORMA 359



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 6/ FORMA 652-1, 652-2



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 7/ FORMA 732-2, 732-3



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 8.1/ FORMA 161, 654-1



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 8.2/ FORMA 642-1



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 8.2/ FORMA 685



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 8.2/ FORMA 696-3



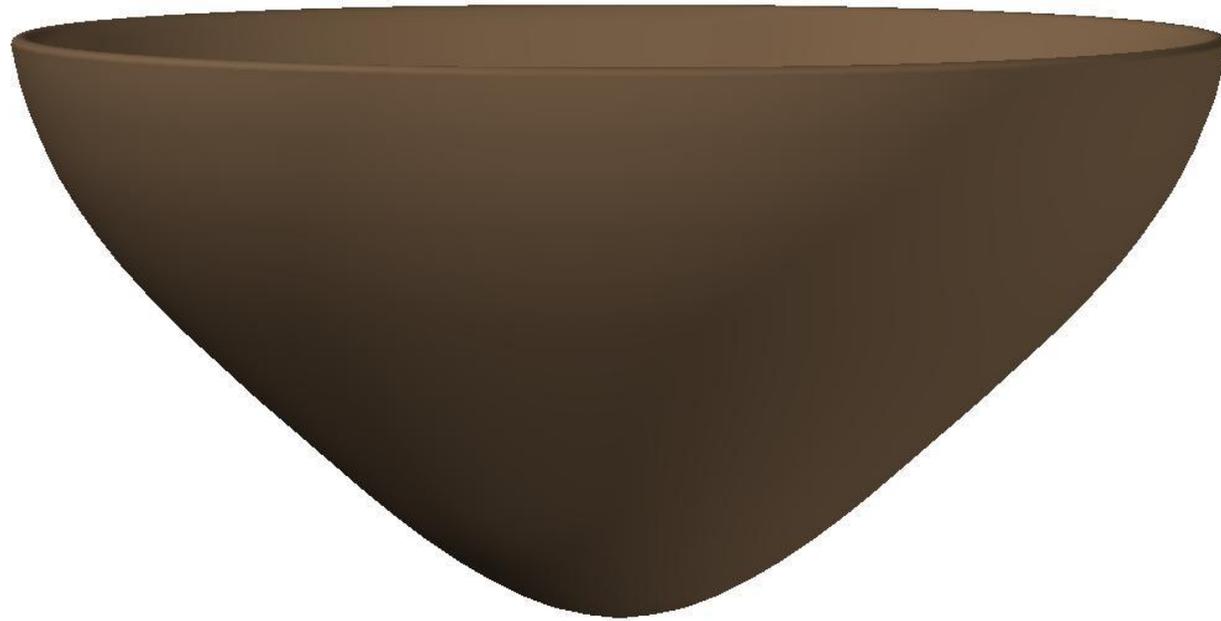
SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 9/ FORMA 742



SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 14.1/ FORMA 330-2, 804



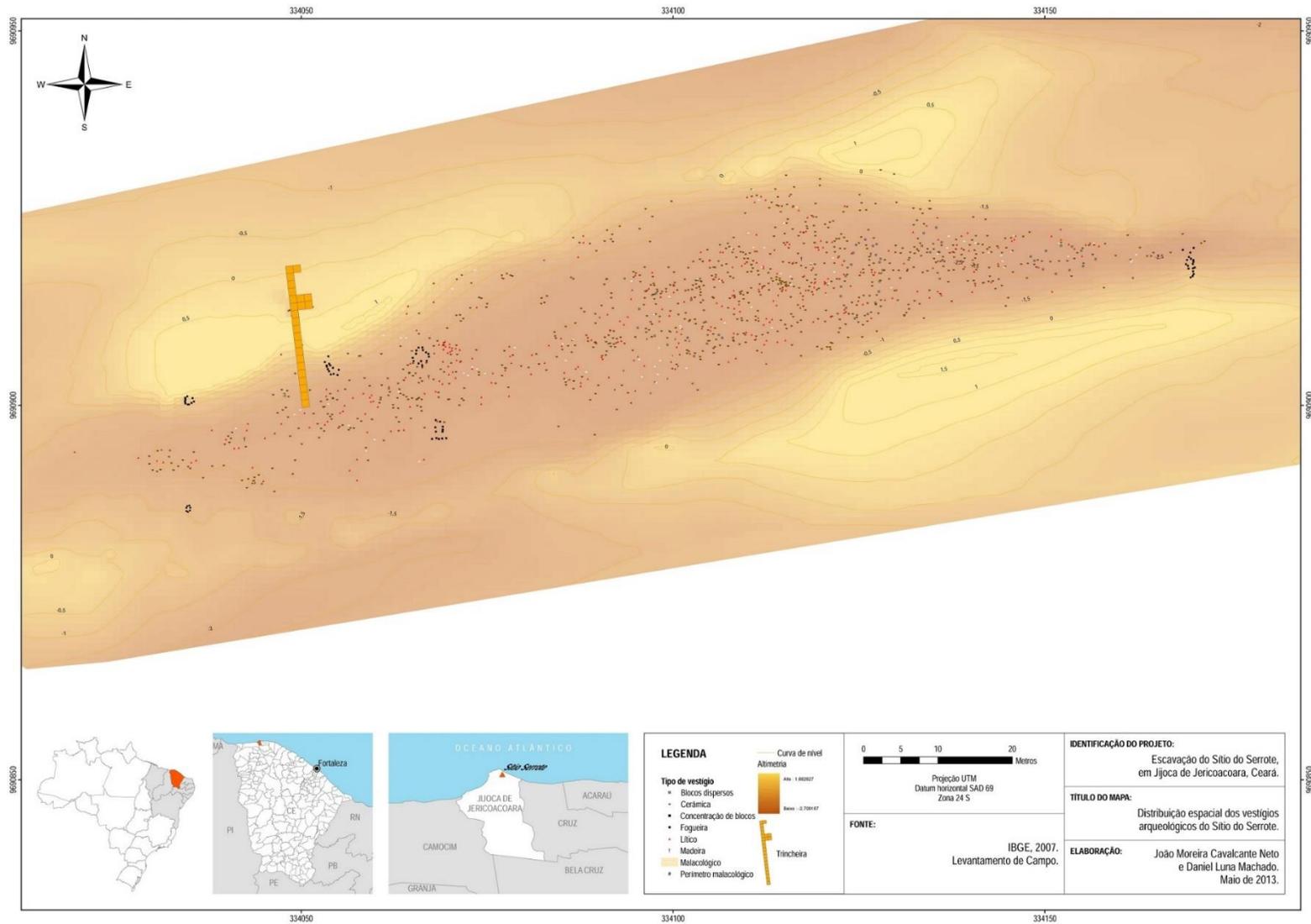
SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 14.2/ FORMA 332

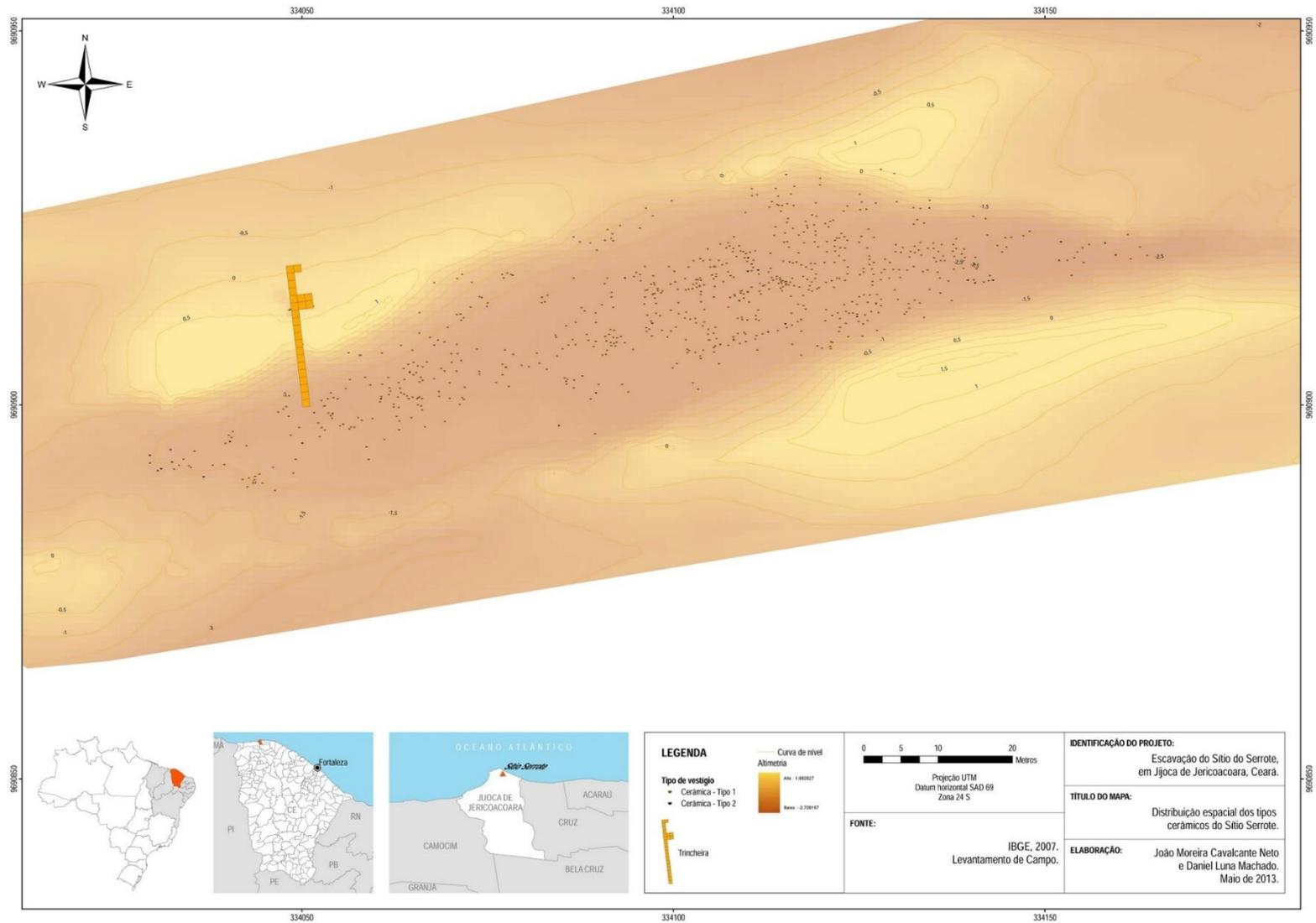


SÍTIO DO SERROTE 1, JIJOCA DE JERICOACOARA- CE
UNIDADE 19.2/ FORMA 307



ANEXO B - PLANO TOPOGRÁFICO - CONCENTRAÇÃO 1 DO SÍTIO DO SERROT





IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO:
Escavação do Sítio do Serrote,
em Jijoca de Jericoacoara, Ceará.

TÍTULO DO MAPA:
Distribuição espacial dos tipos
cerâmicos do Sítio Serrote.

ELABORAÇÃO:
João Moreira Cavalcante Neto
e Daniel Luna Machado,
Maio de 2013,

0 5 10 20
Metros

Projecção UTM
Datum horizontal SAD 69
Zona 24 S

FONTE:
IBGE, 2007.
Levantamento de Campo.

LEGENDA

— Curva de nível
Altimetria
Amx: 1:400000
Bem: -2:700000

Tipo de vestígio
○ Cerâmica - Tipo 1
● Cerâmica - Tipo 2

Trincheira

OCEANO ATLÂNTICO

JIJOCA DE JERICOACOARA

ACARAÚ
CRUZ
BELA CRUZ
CAMOCIM
GRANJA

Fortaleza

PI
RN
PB
PE

Map of Brazil with Ceará highlighted in red.